

Semanário

Director:
António Dias Lourenço

Ano 53 - Série VII - N.º 611
13 de Setembro de 1985
Preço: 40\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

A força da democracia no Alto da Ajuda



Ler Semana e Em Foco

Para um novo rumo no caminho de Abril

Portugal de luto

Tragédia ferroviária

Logo após ter sido conhecido o trágico desastre ferroviário perto de Nelas, o Secretariado do CC do PCP, face aos acontecimentos que enlutaram o País, divulgou a seguinte nota:

Manifestando o seu grande pesar e consternação face à catástrofe ferroviária que acaba de enlutar o País, o Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português transmite às famílias das vítimas deste trágico acidente a comovida expressão da solidariedade do PCP com a sua dor e o seu luto.

Horas mais tarde, o Secretariado divulgava uma nova nota, em que se dava conta das seguintes decisões:

1. Que nos Centros de Trabalho do PCP a bandeira nacional e a bandeira do Partido sejam colocadas a meia haste.

2. Que, até à tarde do próximo sábado, dia 14, sejam cancelados os espetáculos e a parte musical de todas as iniciativas políticas e que, através de carros de som ou de instalações sonoras que funcionam em locais públicos, seja suspensa a emissão da música.

3. Que se realizem as iniciativas políticas já programadas, salvo nas localidades em que o luto tenha atingido directamente as populações.

O Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português salienta ainda que deverá ser feito o rigoroso apuramento das circunstâncias que motivaram o desastre ferroviário do dia 11 de Setembro, para que seja dado um cabal e completo esclarecimento público das suas causas.

Finalmente, o Secretariado do Comité Central do PCP entende que o Governo português deverá assumir as suas responsabilidades na garantia dos direitos e no apoio material aos sinistrados deste acidente e aos familiares das suas vítimas, recordando, uma vez mais, que esse apoio é também devido aos familiares dos 14 bombeiros mortos no combate ao fogo de Armamar, designadamente através da atribuição de pensões.

As famílias das vítimas deste trágico acidente o Secretariado do Comité Central do PCP reitera a sua solidariedade neste momento de dor e de luto.

Nota importante aos leitores: quando os trágicos acontecimentos ocorrerem, já esta edição do «Avante!» estava praticamente pronta, pelo que as iniciativas anunciadas na Agenda e noutros locais terão de ter em conta estas directrizes do Secretariado do CC do PCP.

- Domingo, desfile em Lisboa
- Álvaro Cunhal no Porto, Braga, Guimarães e Viana
- Iniciativas em todo o País assinalam início da campanha



A campanha eleitoral começa no domingo. Em todo o País, a APU promove iniciativas de vários géneros e diversas dimensões, que pormenorizamos na Agenda.

Particular realce terá, naturalmente, o **grande desfile** de Lisboa, a que se seguirá um comício em que usará da palavra, nomeadamente, o camarada Octávio Pato, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP.

Os locais de concentração para o desfile serão os seguintes:

- Entre as ruas Braamcamp e Alexandre Herculano: Concelhos de Cascais, Amadora, Oeiras e Sintra.
- Entre as ruas Alexandre Herculano e Duque de Loulé: Concelhos do Norte, Vila Franca de Xira e Loures.
- Na rua Alexandre Herculano, do lado esquerdo de quem sobe: Distrito de Setúbal.
- Na rua Alexandre Herculano, do lado direito: Distrito de Lisboa.
- No quadrado relvado antes de chegar à rua Alexandre Herculano: Juventude.

Ler Semana e Agenda

Festa e luta num comício gigantesco

A mensagem política de um grande partido da classe operária como o PCP penetra, por vezes de maneira surpreendente, na consciência e no coração das massas populares.

O comício de domingo à tarde no Alto da Ajuda, grande afirmação da força e influência políticas do PCP, foi um verdadeiro manancial de inspiração e descoberta para os artistas, os sociólogos, sobretudo para o observador político atento às realidades do País.

A Festa do «Avante!» desde a primeira edição na FIL em 1976 sempre se tem afirmado em termos de expressão popular como unidade de duas componentes indissociáveis e complementares: Festa e Luta.

A Festa só o é realmente quando toca a sensibilidade das massas e quando, num estádio superior, desperta e eleva o sentido lúdico, poético e sociável do povo. E a do «Avante!» conseguiu-o plenamente.

Por sua vez o terreno da luta é muito vasto. Acidentada e multiforme, a luta só ganha envergadura e relevo quando, atingindo o concreto, alcança dimensões excepcionais. A Festa do «Avante!» foi também, no sentido mais lato do termo, uma poderosa e incomparável jornada de luta do Portugal democrático de 1985.

O comício do Alto da Ajuda na sua gigantesca expressão popular resume essas duas componentes essenciais e dá-lhes, na conjuntura política e social portuguesa actual, um conteúdo esclarecedor.

O artista pode ter encontrado naquela semente massa humana batida pelo sol, matizada pelas cores de arco-íris da indumentária de mulheres e jovens, pontilhada pelo vermelho das bandeiras, a fonte inspiradora para uma grande tela impressionista.

O sociólogo pode ter visto na imensa multidão ali concentrada matéria sugestiva para um ensaio de demografia política ao vivo, para a construção de uma pirâmide etária de interessante significado social assente numa larga base de juventude.

Mas para o observador político objectivo e arguto, o soberbo comício da Festa do «Avante!» foi um grande momento de íntima ligação com as

massas, de directa transmissão da mensagem política do PCP para o enfrentamento resolutivo e vigoroso dos problemas nacionais mais agudos, foi uma aferição do papel insubstituível dos comunistas na viabilização de um novo rumo para Portugal nos caminhos de Abril.

A fusão com os sentimentos e as aspirações populares mais profundos é uma característica peculiar intrínseca do PCP e foi o fenómeno social mais saliente da Festa do «Avante!» ali verificável naquele magnífico recinto.

«Aqui respira-se a liberdade, a democracia, a cultura, o convívio simples e directo, a fraternidade, a solidariedade humana, as vitórias e conquistas de Abril» — afirmou Álvaro Cunhal a abrir o seu discurso. E isso podia ler-se com fidelidade em cada exclamação e cada rosto dos que fizeram ponto de encontro no extraordinário comício do Alto da Ajuda.

Quantos os participantes ali condensados naquela imensa mole humana que ondeava diante do «Palco 25 de Abril»?

Duas ou três centenas de milhares? Certamente.

Um singular debate foi travado entre a tribuna e a massa entusiástica que enchia o terreno.

As conclusões políticas fundamentais, as denúncias de dois anos de vigência antidemocrática, antipopular e antinacional da coligação governante PS/PSD chefiada por Soares, as grandes propostas políticas do PCP, eram colocadas e recebiam ali mesmo a adesão e a sanção políticas de uma vasta massa de portugueses oriundos de todas as regiões do País, de diversificadas condições sociais, de uma notável gama da opinião democrática.

Naquele mesmo terreno, há um ano, fora colocado pelo secretário-geral do PCP como exigência fundamental do Povo português e da continuação de Abril a demissão do Governo Mário Soares/PS/PSD, a dissolução da Assembleia da República, a realização de eleições legislativas antecipadas.

Agora, um ano decorrido, aquela exigência na-

cional cumprida pôde ser referida na tribuna do Palco 25 de Abril como conquista alcançada, as novas tarefas daí decorrentes puderam ser expostas com precisão e recolher a aceitação e apoio de centenas de milhares de portugueses.

O acicate político foi sem dúvida o grande motivo de atracção e da concentração populares que agrupou diante da tribuna do comício a gigantesca massa de participantes que lhe deu colorido, força humana e entusiástico calor.

Quem acompanhou de perto no próprio local os preparativos imediatos pôde testemunhar um fenómeno insólito e significativo da movimentação e do interesse populares pela mais importante manifestação política da Festa.

Uma hora antes no recinto tinham sido suspensos os espectáculos. No palco uma equipa de camaradas procedia à preparação do local para a nova ocupação do espaço.

A meia hora antes do começo largas manchas do terreno tinham-se despovoado talvez para des-sedentar, para refrescar as goelas, comer um petisco, ou simplesmente escolher outras áreas de interesse no vasto recinto da Festa.

E é então que dos pontos mais diversos um afluxo enorme agita a multidão. Como um grande caudal humano, dezenas de milhares de jovens e de mulheres e homens de todas as idades convergem para o anfiteatro natural onde iria ter lugar o comício.

Das representações regionais, dos pavilhões da JCP, de vários pontos da Festa, fervilham cortejos coloridos com faixas e bandeiras. Numa alegria contagiante marcham para a zona ao som das belas estrofes da «Carvalhesa».

No recinto, onde grandes legendas alusivas às eleições envolvem o perímetro, junta-se agora uma floresta de panos, cartazes, faixas e bandeiras onde a sátira política e o apelo ao voto na APU sobressaem.

As três argolas entrelaçadas da Aliança Povo Unido são um símbolo vivo de uma unidade que se amplia e fortalece. Ali mesmo, no vasto recinto do comício do Alto da Ajuda.

Resumo

4 Quarta-feira

Em Montemor-o-Novo, mais um funcionário da Direcção Regional da Agricultura do Alentejo recusa-se a concretizar a entrega de duas reservas de UCP's distintas para uma mesma agrária ■ Deflagram três incêndios na serra de Sintra, enquanto que nos distritos de Guarda e Viseu continuam os fogos florestais de origem criminosa ■ Em comunicado, a APU considera «ilegal e inconstitucional» qualquer medida que a Câmara Municipal de Lisboa venha a tomar no sentido de restringir a afixação de cartazes de propaganda eleitoral na cidade ■ Cavaco Silva acusa o porta-voz do governo, Alfredo Barroso, de ter escamoteado do comunicado da reunião do Conselho de Ministros a posição do PSD em relação à RTP, tendo Alfredo Barroso desmentido imediatamente tal acusação ■ O presidente da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, denuncia na sessão inaugural da conferência de ministros do Movimento dos Países Não Alinhados a responsabilidade «do eixo Washington-Pretória» nas agressões contra o seu país ■ A agência TASS, através de uma «declaração autorizada» adverte que o anunciado ensaio de uma arma anti-satélite por fim à moratória unilateral adoptada pela União Soviética neste domínio.

5 Quinta-feira

A Comissão Permanente da Assembleia da República aprova uma resolução com vista à adopção «imediata de medidas» que assegurem a isenção na RTP ■ Mário Soares dá uma conferência de imprensa num hotel de Lisboa para, segundo disse, «passar o testemunho a Almeida Santos» ■ Em comunicado dirigido à Comissão Nacional de Eleições e à Presidência da República o PCP acusa a RTP e a Rádio de terem ignorado a visita de Álvaro Cunhal ao distrito de Coimbra ■ O chefe da delegação da Fretilin à Conferência Ministerial dos Países Não Alinhados afirma que as negociações entre Portugal e a Indonésia não terão qualquer efeito sem a participação da Fretilin ■ Agrava-se a situação na África do Sul registando-se violentos confrontos entre a polícia e manifestantes na Cidade do Cabo e bairros limítrofes ■ Prossegue a jornada de protesto no Chile tendo já sido contados seis mortos, dezenas de feridos e centenas de pessoas presas ■ Um forte contingente policial da GNR corta os acessos à Quinta de S. Pedro, em Baleizão, para permitir a entrega de uma reserva de 500 hectares a uma agrária ■ O presidente da Câmara Municipal de Loures afirma em conferência de imprensa que, «seja qual for o tipo de coligação que se forme no concelho, o eleitorado reforçará sempre o seu voto na APU».

6 Sexta-feira

Com a presença do camarada Álvaro Cunhal, abre em Lisboa a X Festa do «Avante!» ■ A CGTP-IN manifesta em conferência de imprensa a determinação do movimento sindical unitário em participar no esclarecimento inerente às próximas eleições tendo em vista a resolução dos problemas dos trabalhadores e do Povo português em geral ■ É divulgada em comunicado a crítica do Presidente da

República aos estatutos das empresas públicas de comunicação social ■ Candidatos a deputados do CDS ameaçam abandonar a lista pelo círculo do Porto enquanto que dirigentes daquele partido do concelho de Portimão manifestam a sua «total indisponibilidade» para participar na campanha eleitoral ■ Revelam-se infrutíferas mais duas tentativas para entrega de reservas ilegais em Mora e no Alandroal ■ Deflagram mais três incêndios na região da Guarda e surge em Sintra um novo fogo junto à encosta da Peninha ■ O dirigente do MPLA-PT, Lúcio Lara declara em entrevista a «o diário» que Mário Soares não entende nada da realidade angolana e que «lamenta que Portugal esteja cada vez mais longe» da República Popular de Angola ■ O jornal norte-americano «Washington Post» anuncia que os Estados Unidos vão fazer o primeiro ensaio de uma arma anti-satélite integrado no programa da denominada «guerra das estrelas» ■ O governo do general Pinochet solicita ao tribunal de apelações o julgamento de cem dirigentes da oposição que considera responsáveis materiais e intelectuais da última jornada de protesto no Chile.

7 Sábado

O presidente da Fundação Gulbenkian, Dr. Azeredo Perdigão, visita a V Bial de Artes Plásticas da Festa do «Avante!» onde é recebido por dirigentes do PCP ■ Um incêndio com uma frente de 12 quilómetros deflagra na região da Guarda tendo sido controlado ao fim da tarde pelos bombeiros locais ■ O dirigente do PRD, Hermínio Martinho, afirma em conferência de imprensa que, de acordo com sondagens realizadas, metade dos portugueses não sabe o que é o PRD ■ Em reunião do Conselho Nacional é aprovado o manifesto eleitoral do MDP/CDE onde se afirma nomeadamente que «o voto na APU é o voto útil numa nova política» ■ Prosseguem em diversos pontos da África do Sul os confrontos entre a polícia racista e manifestantes tendo sido mortas quatro pessoas ■ A capital do Chile vive momentos de grande tensão após os incidentes durante o enterro de quatro vítimas dos confrontos verificados desde a jornada de protesto ■ O presidente da SWAPO, Sam Nujoma, declara em Luanda que o seu movimento continuará a intensificar a luta armada pela independência da Namíbia ■ São presos na capital do Chile sessenta e quatro dirigentes de partidos políticos da oposição bem como membros de organismos de defesa dos direitos humanos.

8 Domingo

No comício de encerramento da Festa do «Avante!», o camarada Álvaro Cunhal afirma que «Se o povo quiser o PCP irá para o governo» ■ Cavaco Silva reafirma que o seu partido «privilegiará uma coligação com o CDS para obter uma maioria parlamentar após as eleições de 6 de Outubro» ■ O director do «Avante!», camarada Dias Lourenço, declara no decorrer do comício na Festa que esta foi uma prova de militância, de capacidade de organização e de engenhosidade dos comunistas ■ O ministro da presidência do Chile considera «inacreditáveis» as reivindicações contidas numa proposta que visa o regresso daquele país à democracia plena ■ Representantes de 95 países Não-Alinhados, presentes na Conferência de Luanda, consideram que a «continuada ocupação militar de parte do território

da República Popular de Angola» por tropas sul-africanas constitui uma agressão contra o movimento dos não-alinhados.

9 Segunda-feira



Alfred Nzo

Catorze bombeiros morrem carbonizados quando tentavam combater um incêndio em Armamar ■ Em conferência de imprensa do partido «Os Verdes» é revelado que uma das propostas que aquela formação vai apresentar na Assembleia da República será a criação de um «promotor ecológico» ■ O PS divulga em conferência de imprensa o seu programa eleitoral, o qual apresenta a adesão à CEE como «a reforma estrutural suprema» ■ Um camião cisterna explode à entrada de Vila Real provocando a morte do seu condutor e elevados prejuízos materiais ■ Cavaco Silva afirma que o objectivo do PSD «é chegar a primeiro partido no círculo eleitoral de Lisboa» ■ O secretário-geral do Congresso Nacional Africano (ANC) afirma a «o diário» que «Portugal voltou a ser considerado como um aliado do regime do apartheid» ■ O presidente norte-americano, Ronald Reagan, decreta a proibição de venda de computadores, à África do Sul, bem como tecnologia nuclear e concessão de novos empréstimos à África do Sul ■ Tentativa de golpe de estado militar na Tailândia causa quatro mortos e sessenta feridos ■ Atentado da organização separatista basca (ETA-militar) causa 19 feridos na capital espanhola

10 Terça-feira



São enterrados no cemitério local de Armamar os corpos dos catorze bombeiros que morreram carbonizados durante o combate às chamas na serra do Freixial, tendo o triste evento contado com a presença solidária de delegações dos bombeiros de quase todo o País ■ O não pagamento de salários, as tentativas de despedimento e a repressão à actividade sindical caracterizam a situação das indústrias eléctricas do Norte do País, segundo dirigentes e delegados sindicais do sector ■ A Comissão Nacional de Eleições considera «ilegítimas quaisquer limitações impostas por autoridades administrativas» à acção e propaganda dos partidos e coligações concorrentes ao acto eleitoral de 6 de Outubro ■ É apresentado em conferência de imprensa um documento do PRD intitulado «contrato do candidato» no qual se defende entre outras medidas o reforço da componente presidencial do regime ■ É divulgado em comunicado que os trabalhadores da empresa «União Gráfica» não recebem os salários há um ano ■ Os ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE reúnem-se para discutir as medidas económicas a adoptar pela CEE contra a África do Sul ■ Segundo a polícia inglesa, três pessoas morreram e pelo menos 20 ficaram feridas em confrontos entre a polícia e cerca de 500 jovens nas ruas de Birmingham

É mais uma vez é a Festa e a Luta.

Quando o jovem candidato por Lisboa, Rogério Moreira, vem à tribuna falar dos problemas, das aspirações e das esperanças da juventude é uma explosão de vozes e danças juvenis que agita o comício numa expressão de íntima ligação entre as palavras ditas da tribuna e os milhares de jovens que, neste Ano Internacional da Juventude, tiveram um lugar especial na Festa.

Álvaro Cunhal traz à tribuna as propostas políticas do PCP, define as linhas de força de uma campanha eleitoral que desde o início da semana próxima até à antevéspera das eleições de 6 de Outubro vai mobilizar e dinamizar as energias de muitos outros milhares de comunistas e democratas que por todo o País vão dar o melhor do seu esforço para que um novo rumo na política nacional se torne possível.

Um projecto claro se desdobra colhendo a atenção dos participantes, indo ao encontro das suas interrogações, preocupações e anseios.

Um governo democrático de salvação nacional é uma exigência patriótica objectiva qualquer que seja o resultado das eleições. A alternativa política que deve congregar democratas e patriotas de várias tendências e formações sociais é a garantia de uma política alternativa que dê solução aos gravíssimos problemas nacionais da hora actual.

Para o êxito desta política nova é indispensável uma participação activa e a todos os níveis dos trabalhadores e do seu Partido de classe — o PCP.

No comício do Alto da Ajuda sai uma convicção profunda de que uma votação maciça na APU, o aumento dos eleitos da APU e o castigo eleitoral dos artífices do desastre nacional que nos últimos nove anos ocuparam o Governo — o PS, o PSD e o CDS — com Soares, Cavacos e Lucas quaisquer que eles sejam, são objectivos a atingir a curto prazo.

A mensagem do PCP saída do extraordinário comício da Festa do «Avante!» não deixará de penetrar fundo na consciência e no coração das massas populares.

Avante!
Proletários de todos os países UNI-VOS!

O jornal
dos trabalhadores
da democracia
e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 — Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45
DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:
Av. Santos Dumont, 57-3.º
— 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO:
CDL, Central Distribuidora Livreira,
SARL, Serviços Centrais: Av. Santos
Dumont, 57 - 2.º — 1000 Lisboa
Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa de Venda em Lisboa: Rua do
Século, 80 — 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora:
Alcárcova de Baixo, 13 — 7000 Évora
Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro:
Rua 1.º de Dezembro, 23 — 8000 Faro
Tel. 24417

Delegação do Norte:
Centro Distribuidor do Porto:
R. Miguel Bombarda, 578 — 4000 Porto
Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra:
Terreiro da Erva, 6 — 3000 Coimbra
Tel. 28394

ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º
— 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 — Venda Nova
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL:
Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B
— 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50
Porto — Rua do Almada, 18-2.º Esq.º
— 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e impresso na Heeka
Portuguesa — R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Tiragem média do mês de Julho: 37 650

Semana

Avante!

Ano 53 — Série VII
N.º 611

13 de Setembro de 1985

2.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Um comício à altura da Festa e do momento que vivemos

Avante!
Festa do **Tu**



Domingo, terceiro e último dia da Festa.

Alguns minutos antes da hora marcada (17 e 30 horas), o vasto auditório do Palco 25 de Abril começa a viver o grande comício da 10.ª Festa do «Avante!».

Ponto alto da Festa, jornada política sem paralelo no nosso país, momento vibrante que impressiona pela combatividade e pelo quadro humano que mobiliza, o comício da Festa reflectiu o momento político que vivemos. A festa, ao entusiasmo, à firmeza e à confiança, adicionou-se a responsabilidade dos que lutam por Abril, dos que estão vivamente empenhados numa mudança a 6 de Outubro.

Balões, palavras de ordem expressivas, cortejos que tinham arrancado de vários pontos da Festa rumo ao comício, cartazes e panos — alguns anunciando o empenhamento na acção política e de esclarecimento para obter mais deputados em Leiria e em Setúbal, ou para elevar a APU a primeira força eleitoral no distrito de Lisboa; uma presença alegre e ruidosa da juventude, com os seus tambores, os cabeçudos, as bandeiras, as buzinas e também um cortejo iniciado junto da Rádio Paz na Cidade da Juventude... Enfim, foi um comício à altura da Festa e do momento que vivemos.

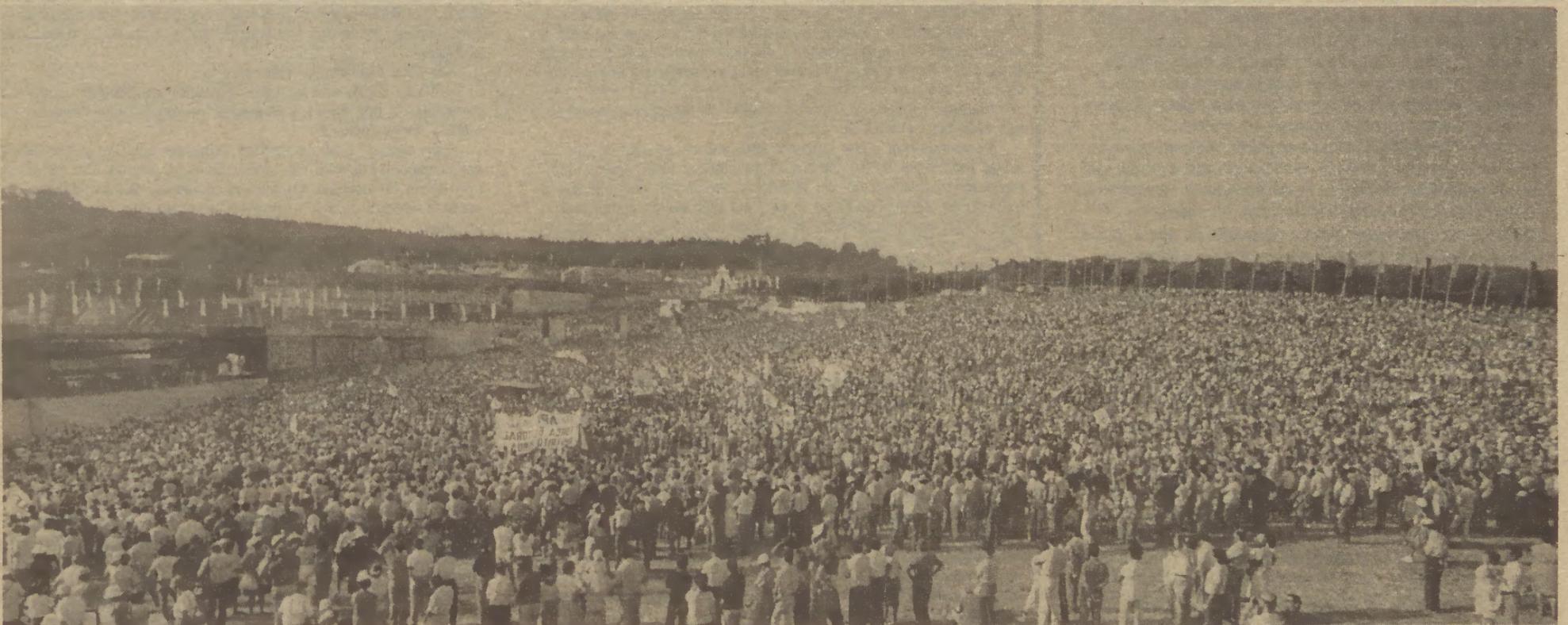
Começaram por ser chamados para a vasta tribuna do comício as delegações estrangeiras, depois os membros da comissão central da Festa e o Comité Central do PCP e finalmente os camaradas dos organismos executivos (Comissão Política e Secretariado) do CC. Os aplausos não se fizeram esperar. E as palavras de ordem também não.

Neste Ano Internacional da Juventude (AIJ) e ano do recente XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, coube a um jovem a primeira intervenção do comício: **Rogério Moreira**, membro da Direcção Nacional da JCP e candidato por Lisboa.

Seguiu-se a intervenção de **Dias Lourenço**, membro da Comissão Política do PCP, director do «Avante!» e cabeça de lista pelo círculo de Santarém.

A fechar o conjunto de intervenções do comício, tomou a palavra **Álvaro Cunhal**, secretário-geral do PCP e cabeça de lista por Lisboa. A análise da situação política, tarefas e perspectivas dos comunistas e das forças democráticas, estiveram em foco no discurso do dirigente comunista.

Noutros espaços desta edição do «Avante!» e na íntegra, publicamos as três intervenções do grandioso comício da 10.ª Festa do «Avante!».



Programa Eleitoral do PCP

Eleições
para
a Assembleia
da República



Vinagre e despeito

O mundo não é — nunca é — como a gente quer. E se uma gente, com esforço, vontade e, até, alegria, se deita ao trabalho de o mudar, procurando primeiro compreendê-lo, alguma outra gente desespera-se em contrariar-lhe o rumo ou, muito simplesmente, muito rasteiramente, recusa-se a ver-lhe sinais de mudança, nega-se a encará-lo de frente e, esganiçando-se, tenta obrigar outra gente a acreditar que mudança não há, que a realidade é outra, que nada se passa sob o Sol — seja em Setembro ou Abril. Festa do «Avante!». Houve?

Para grande parte dos jornais, a festa escondeu-se no dia seguinte a ter acontecido, depois de, em alguns deles, ter aparecido envolta em comentários azedos. O facto, porém, de tentarem apagar-lhe o brilho e a respiração não impediu a vibrante realização do Alto da Ajuda nem o seu profundo significado. Calar não foi distração nem desprezo. Foi despeito. Não se tratou de uma atitude de revelar a força — mesmo bronca que fosse — de quem passa insensível às ninharias da paisagem. Tratou-se, trata-se, da fraqueza e do temor em relação aos sinais evidentes, mostrados na festa, de que o país precisa de novo rumo e de que há quem o possa realizar.

**

Já muitas vezes, nestes dez anos, a Festa aconteceu não apenas à beira da volta do ano — quando os trabalhadores, restauradas forças tanto quanto possível nas magras férias, deitam mãos à obra, quando os jovens, renovadas esperanças, se preparam para nova jornada de estudo ou trabalho ou expectativa e luta por ambos, quando mais ou menos todos definem as linhas com que se cose a política — mas também à beira de uma batalha importante para os destinos do País.

A Festa do «Avante!», não só para os militantes do Partido e para os eleitores comunistas, para os trabalhadores, mas também para muitos outros democratas, é um marco, todos os anos, que em Setembro faz reviver Abril, reavivar a luta para que Abril se cumpra. É isto que se procura esconder. E se alguns órgãos de comunicação social concedem aos espectáculos algum do seu espaço ou do seu tempo, passam sobre a política que lá se passa como cão por vinha vindimada.

Lá, no Alto da Ajuda, respira-se outro país. «Respira-se a liberdade, a democracia, a cultura, o convívio simples e directo, a fraternidade, a solidariedade humana, as vitórias e as conquistas de Abril», disse o secretário-geral do PCP no grandioso comício em que a festa culmina. Os ares desta respiração, para alguns, são fortes de mais — apontam o rumo de um país diferente e mostram que quem abre os pulmões a tal respiração não é uma pequena seita mas a numerosa multidão que tem confiança e se mostra disposta a usá-la para que o novo rumo se concretize.

«Festa do PCP, festa da classe operária, festa do povo, a Festa do «Avante!» é também uma expressão de força, de luta, de inabalável confiança na capacidade de defendermos e prosseguirmos Portugal democrático, progressista e independente conquistado com a revolução de Abril», disse ainda Álvaro Cunhal, dirigindo-se aos muitos milhares de participantes no comício. «Estamos aqui todos com inabalável confiança em que o reacção será definitivamente derrotada e Portugal de Abril vencerá».

É esta confiança expressa na grande festa — e expressa não apenas nas palavras do dirigente comunista mas nas muitas e variadas actividades que a festa contém e proporciona — que está no cerne do desespero e do temor dos que a tentam esconder aos olhos e à inteligência dos demais portugueses.

É a mensagem da festa — repartida por milhares de mensagens, pela mostra de um país decidido ao novo rumo — que incomoda e perturba os reacçãoários todos, os tímidos e os arrogantes, os descarados e os demagogos. Fazer a festa tem sido mostrar as vitórias dos trabalhadores e dos democratas, a sua resistência, as suas realizações nos diversos planos da vida nacional. O silêncio e as mentiras, as apreciações azedas, as ironias ressumando vinagre e despeito não chegam, porém, para aquecer os ânimos enfraquecidos das forças reacçãoárias. Nem, muito menos, para arrefecer as vontades dos que, conosco, lutam pela vitória da democracia em Portugal.

■ LM

DISCURSO DE DIAS LOURENÇO

Saudações e agradecimentos

Queridos Amigos, Convidados e Camaradas:

Com a grande alegria, amizade e gratidão que a força do hábito não tem força para quebrar, vos transmiro em nome da Comissão da Festa do Avante as nossas fraternais saudações.

Ao mesmo tempo em vós, que aqui vos encontráreis neste soberbo comício do PCP, queremos saudar com efusão todos os que, vindos de todas as regiões da nossa terra e mesmo de vários países do mundo, nos honraram com a sua visita.

Estareis certamente de acordo com isto:

A Festa do Avante é um acontecimento único no nosso País de Abril.

Num hábito já adquirido, nestes três dias, centenas de milhares de homens e de mulheres, de jovens raparigas e rapazes, de crianças, encheram com a sua presença, o seu contagiado entusiasmo e o seu bulício esta acolhedora mancha verde do Alto da Ajuda.

Estamos certos de termos conseguido recriar aqui de novo, como é timbre da Festa do Avante, um grande espaço de convívio democrático, de elevação cultural no mais amplo e autêntico sentido popular, de exaltante reafirmação da fisionomia política e do carácter de massas do PCP.

Tudo isto são grandes motivações de actividade e criatividade humanas. Mas, neste belo emquadramento natural do Alto da Ajuda, só a vossa participação calorosa e forte lhes dá verdadeiro valor e vida. E vós o destes mais uma vez, de maneira conclusiva.

Por isso, a todos vós queridos Amigos, Convidados e Camaradas um muito e muito obrigado.

Esta 10.ª edição da Festa do Avante, numa série ininterrupta iniciada em 1976 acontece num ano de assinaláveis efemérides e acontecimentos de projecção universal. E também de rudes batalhas políticas no plano nacional. Deles a Festa nos fala.

Há 40 anos o nazi-fascismo foi derrotado na 2.ª Guerra Mundial; 1985 é o Ano Internacional da Juventude de que nos falou aqui o nosso jovem camarada Rogério Moreira, tema a que a JCP dedicou este ano a sua representação; e nestes quatro meses que faltam até aos primeiros dias de Janeiro, três exigentes eleições de enorme importância política para os destinos da nossa democracia e do 25 de Abril vão realizar-se. E já não falta muito para novos empenhamentos.

Dentro de apenas uma semana terá início oficial a campanha para as eleições legislativas antecipadas, de que certamente o camarada Álvaro Cunhal nos irá falar a seguir. Acrescidas solicitações de activismo pesaram e pesam sobre os nossos quadros.

Realizar, pois, uma exigente e ambiciosa campanha eleitoral de massas e simultaneamente meter ombros a uma tarefa com a envergadura da Festa do Avante foi um desafio que corajosamente aceitámos.

Mas como sabeis, no seu empenhamento prático, o PCP sempre soube aceitar tais desafios com realismo, determinação e audácia.

E o que reproduzimos este ano no Alto da Ajuda foi uma nova e grande prova de militância, de capacidade de organização e de engenhosidade dos comunistas.

Os «Jeremias» da reacção que tomam por realidades os seus desejos de quebra de militância nas fileiras do PCP têm aqui uma concludente resposta.

O peso das tarefas concretas obrigou a exigentes reformulações de projecto.

Na edição deste ano, na preocupação permanente de inovar, houve necessidade de soluções técnicas arrojadas que aliassem a simplificação à funcionalidade e dessem continuidade à elevada imagem da Festa que nos habituámos a transmitir aos nossos visitantes.

Necessariamente, a Festa de 85 teria de reflectir, de inserir-se, nas batalhas eleitorais em perspectiva.

Pensamos que o que pusemos este ano de pé aqui no Alto da Ajuda representa uma contribuição de efectivo valor para o reconhecimento concreto de um activo de dedicação, competência e trabalho ao serviço do Povo e do País dos eleitos comunistas e para o conhecimento directo, em sugestivas formas, das propostas políticas do PCP. Temas actuais da política e da cultura animaram auditórios e debates.

Em cada uma das realizações da Festa está a marca política do PCP, a sua íntima ligação com o povo e os seus problemas nas grandes áreas de actividade e de interesse nacional.

A Festa do Avante é um microcosmos da acção multiforme dos comunistas.

As artes plásticas têm sempre, nas suas múltiplas formas de expressão um lugar privilegiado na Festa. A nossa Bienal de Artes Plásticas (este ano a 5.ª) tornou-se já uma grande parada dos artistas portugueses que aqui têm um incomparável ponto de encontro com o povo. Mais de 350 obras de 200 artistas e ainda cerca de 40 do artista-convidado que este ano homenageamos — Gil Teixeira Lopes — aqui foram expostas e vistas por centenas de milhares de visitantes ávidos de cultura.

Uma arrojada iniciativa colectiva de arte, única em Portugal, foi este ano a Exposição Internacional de Gravura. Mais de 130 obras de 45 artistas de 28 países — entre os quais alguns dos nomes internacionalmente mais destacados da gravura — expuseram trabalhos, alguns inéditos, na nossa Festa.

E também por toda a parte na Festa do Avante painéis de uma grande riqueza pictórica e de simbologia coexistem com a arte simples do povo nos diversos «stands» regionais.

Um obrigado aos artistas que trouxeram uma marca de qualificada arte à nossa Festa.

O espectáculo é, como sempre, uma faceta privilegiada nas atenções dos organizadores. Pensamos que este ano os nossos

jovens visitantes tiveram — e ainda têm até ao fim do dia — dificuldades de escolha das múltiplas exhibições que, principalmente para eles, foram organizadas.

Dedicámos a 10.ª edição da Festa do Avante à canção portuguesa, aos cantores e músicos de Abril que ao Portugal de Abril deram uma contribuição cimeira e no Portugal de Abril como artistas do Povo encontraram horizontes novos de criação e realização.

Alguns já aqui não podem estar fisicamente mas estão conosco nas suas inesquecíveis criações.

Adriano e Ary cujos nomes cintilam nos êxitos maiores da Festa do Avante, e que não mais veremos entre nós, estão vivos nesta homenagem aos poetas, cantores e músicos de Abril.

Também artistas e músicos estrangeiros de enorme valor pisaram os palcos da Festa do Avante.

A todos eles, também, que encheram o Alto da Ajuda com uma grande canção de confiança, poesia e Paz, uma palavra de gratidão.

O desporto, principalmente na sua expressão mais nobre — a ginástica — e mais cerebral — o xadrez — em conjugação com jogos populares de diversas variantes, animou o nosso pequeno «estádio», sempre pequeno para os assistentes. Ginastas estrangeiros de alta cotação e portugueses, alguns do seleccionado nacional, classes de ginástica de 15 colectividades populares de todo o País e vários grupos desportivos deram uma participação de juventude à nossa Festa.

A todos os que deram a animação da sua arte à Festa 85 as nossas cálidas saudações e agradecimentos.

O internacionalismo é desde a primeira edição uma característica obrigatória da Festa do Avante.

Num número que tende a aumentar temos neste ano presentes e encontram-se aqui conosco neste palco as delegações amigas de 40 órgãos de imprensa operária internacional, 24 dos quais com «stands» que nos falam da luta, das realizações e da situação dos seus povos, alguns trouxeram até nós, o exotismo da sua culinária. E todos a força de uma mensagem universal de Paz.

Estão entre nós representantes da imprensa operária dos seguintes países ou partidos: de Angola; da Argentina e do Brasil, ambos libertados este ano da odiosa «ditadura dos generais»; da Bélgica; da Bulgária; de Cabo Verde; da Coreia Popular; de Cuba; de Espanha; da Etiópia; da França; da Grécia; da Guiana; da Hungria; do Partido Tudeh do Irão; do Partido Comunista do Iraque; da Itália; da Revista Internacional; da Jugoslávia; do Partido Comunista e do Partido Popular Socialista do martirizado Líbano; de Moçambique; da OLP; da Polónia; da RDA, da RFA; de S. Tomé e Príncipe; da Suíça; do Partido Comunista da Turquia; do Uruguai, este ano também libertado da ditadura militar; da União Soviética, do Vietnã.

Deixámos propositadamente para o fim três outras delegações: a da Fretilin, representante do povo mauber que os imperialistas da Indonésia, com a dúbia indiferença do governo PS/PSD, querem em definitivo submeter; da heróica Nicarágua, que activamente se mobiliza contra as ameaças do imperialismo estadunidense e de Reagan, e do Partido Comunista da África do Sul, cujo povo heróico e mártir combate dura e vigorosamente contra o odioso regime do «apartheid» pela libertação da sua pátria e do seu dirigente nacional há mais de 22 anos aprisionado: Nelson Mandela.

Está com todos vós é com os vossos povos, queridos camaradas dos órgãos de imprensa operária internacional aqui presentes a solidariedade activa dos comunistas, dos trabalhadores e do povo português.

Queridos Camaradas e Amigos

A Festa do Avante dá muito trabalho: um grande número de camaradas a põe de pé; inúmeras entidades de uma forma ou de outra a tornam possível.

Este ano 25 a 30 camaradas estiveram aqui em permanência em condições que não são fáceis. Outros cerca de 250 estiveram em regime de salariedade nas últimas semanas, mais de 8000 camaradas e amigos do PCP estiveram aqui em jornadas de trabalho voluntário.

Estes camaradas merecem uma palavra especial de saudação e de incentivo. Sem eles não haveria Festa.

Nas 10 edições da Festa do Avante foram prestadas mais de 110 000 jornadas de trabalho voluntário individuais e mais de 1,5 milhões de horas de trabalho. Mais de 3000 — 50% em trabalho não remunerado — passaram aqui as suas férias trabalhando no duro.

Queremos também deixar aqui uma palavra de agradecimento às seguintes entidades e empresas das quais pudemos recolher facilidades ou beneficiar dos serviços:

Bombeiros de Campo de Ourique, Cruz Vermelha Portuguesa, Brigadas de Trânsito da PSP de Lisboa, EDP, EPAL, Carris de Lisboa, Rodoviária Nacional, Direcção Geral das Alfândegas, Aeroporto de Lisboa.

Os cerca de 7 milhões de visitantes destas 10 edições da nossa Festa puderam ver e usufruir ao vivo o produto deste gigantesco esforço que só um Partido como o PCP pode dispender e levar avante.

Nas próximas semanas novas tarefas e novos objectivos para a acção dos comunistas nos esperam. Os objectivos são claros:

— Mais votos na APU, logo mais votos no PCP

— Mais eleitos da APU, logo mais deputados do PCP na Assembleia da República.

Viva a APU!

Viva a Festa do Avante!

Viva o PCP!



DISCURSO DE ÁLVARO CUNHAL



Saímos da 10.ª Festa do «Avante!» ainda mais fortes, ainda mais unidos, ainda mais motivados, ainda mais confiantes na grande vitória de 6 de Outubro

Camaradas:

Qual a vossa opinião?

A nosso ver, a Festa, que atingiu já em anos anteriores o nível ímpar e a grandiosidade que todos conhecemos, está este ano ainda mais bela e mais participada. Estais de acordo?

Aqui respira-se a liberdade, a democracia, a cultura, o convívio simples e directo, a fraternidade, a solidariedade humana, as vitórias e as conquistas de Abril.

Aqui respira-se esta sã atmosfera em que se fundem o amor por Portugal, nossa pátria, e a amizade e a solidariedade internacionalista com os partidos comunistas e operários, com todas as forças de libertação social e política, com os trabalhadores e os povos de todo o mundo na luta pela liberdade, o progresso social, a independência nacional, o socialismo e a paz.

Festa do PCP, festa da classe operária, festa do povo, a Festa do «Avante!» é também uma expressão de força, de luta, de capacidade de defendermos e prosseguirmos Portugal democrático, progressista e independente, conquistado com a Revolução de Abril.

A realização da Festa e este grandioso comício são prova de

na nossa grande Festa **voltados em força para as eleições antecipadas de 6 de Outubro, prontos para continuar a luta, prontos para confirmar nas eleições a grande derrota de Soares, do PS e do PSD e a grande vitória do Povo português, do movimento operário, das instituições democráticas, do nosso glorioso PCP.**

A luta popular e o funcionamento das instituições democráticas conduziu à demissão de M. Soares e do seu Governo PS/PSD. Estamos travando a batalha para que as eleições de 6 de Outubro atirem definitivamente para a rua este Governo de destruição, miséria e fome.

Estamos travando a batalha para pôr definitivamente termo aos governos de direita, à política de direita e às coligações de direita (com ou sem o PS), para realizar uma viragem democrática na política portuguesa que consiga fazer o País sair da crise e consiga resolver **os gravíssimos problemas criados por 9 anos de política de destruição, desastre e miséria.**

A incomparável participação popular na nossa Festa, o extraordinário ambiente, não apenas de confraternização, mas de militância e entusiasmo, e tudo quanto todos ouvimos dizer e tudo quanto

ves-Corvo, incluindo o equipamento desportivo nos planos de urbanização, atribuindo com critérios de discriminações e favores 210 000 contos de subsídios a autarquias, e aprovando em série decretos-leis e portarias para distribuir cargos e benesses pelas suas clientelas.

É grave sintoma do funcionamento das instituições, que um primeiro-ministro e um governo demitidos possam continuar impunemente a sua obra de destruição sem serem imediatamente exonerados, substituídos, afastados do Poder.

Com pleno sentido da responsabilidade continuamos reclamando a exoneração de Soares e Governo PS/PSD antes das eleições e apelamos aos trabalhadores, aos agricultores, a todos os que sofrem as consequências nefastas de tal política, a continuarem a luta e a resistirem firmemente às tentativas ilegais do Governo demitido.

Fazemos um apelo particular, com saudações pela sua luta heróica, aos trabalhadores da Reforma Agrária, aos trabalhadores das empresas nacionalizadas, aos pequenos e médios agricultores e rendeiros, para **não deixarem avançar, um milímetro que seja, as novas ofensivas completamente ilegais do Governo.**

Estamos inteiramente a seu lado. Como sempre, podem contar com o apoio activo do Partido Comunista Português.

Outra razão nos leva ainda a reclamar a rápida exoneração do Governo: o facto de o Governo estar comprometendo a democraticidade do próximo acto eleitoral, continuando a manipular sem vergonha e sem escrúpulo a comunicação social, utilizando para fins eleitoralistas as funções governativas, os dinheiros públicos, o aparelho do Estado.

Por isso, a par da luta constante para que seja assegurada a democraticidade das eleições, continuaremos até ao último minuto a luta pela exoneração de Soares e do seu Governo PS/PSD antes das eleições de 6 de Outubro.

E se não fôr para a rua antes, por decisão do órgão de soberania a quem compete tomar tal decisão, então que vá para a rua como resultado das eleições de 6 de Outubro, ou seja, **por uma votação em massa na APU nas eleições de 6 de Outubro.**

Com medo das eleições PS, PSD e CDS procuram desresponsabilizar-se

O PS, PSD e CDS têm medo das próximas eleições.

Tanto medo que nenhum destes partidos e nenhum dos seus dirigentes assume a responsabilidade da política dos últimos anos.

Mário Soares, sem coragem de olhar de frente o eleitorado, faz por que esqueçam que é ainda Primeiro-Ministro, foge ao debate sobre a desastrosa situação a que a sua política e o seu governo conduziram o País, e, faz afixar, em todas as esquinas, comercialmente e a peso de escudos ou de dólares, o seu retrato emoldurado, dando, aliás, oportunidade ao Povo português de lhe lembrar que, se **conseguir** alguma coisa, foi destruição, fome e miséria.

Substituindo-o na campanha, Almeida Santos finge que não tem sido e não é ministro de Estado do Governo de Soares, nem dirigente do PS, apresenta-se com o título super-realista de «candidato a Primeiro-Ministro» e pelo que se vê, parece estar a receber e a seguir tantas lições e conselhos de *marketing* que corre o risco de qualquer dia estar preparado para anunciar um qualquer *after shave*.

Cavaco Silva, esse afirma que está frontalmente contra a política do Governo do qual o PSD entretendo faz parte e no qual continua cúmplice do PS em todas as decisões, e pretende que o povo esqueça que, nos últimos 9 anos, o PSD esteve no Governo mais de 6 anos e teve 58 ministros e 139 secretários de Estado, desgovernando durante largo tempo as pastas das Finanças, da Agricultura, da Indústria e do Comércio.

Quanto ao CDS, que esteve anos inteiros no Governo tanto com o PSD como com o PS, e apoiou e aprovou tudo que houve de pior no Governo PS/PSD, vem afirmar que nada tem a ver com a política após o 25 de Abril.

Como se vê, ninguém quer ter culpas no cartório porque sabem bem que a sua política e a sua acção provocaram descontentamento, indignação e revolta que acabou por atirá-los abaixo.

Ao mesmo tempo que procuram desresponsabilizar-se, estes três partidos procuram aparecer como tendo objectivos diferentes e políticas diferentes e até antagónicas.

Mas qual é a verdade?

A verdade é que, desde 1976 estes três partidos governaram associados e cúmplices de forma directa ou indirecta.

A verdade é que nos últimos nove anos já experimentaram e esgotaram todas as coligações a dois: do PS com o PSD, do PS com o CDS e do PSD com o CDS.

A verdade (e essa é uma das grandes lições dos últimos 9 anos) é que PS, PSD e CDS, na acção de cada qual e nas suas sucessivas coligações, têm subordinado inteiramente a sua política



que estamos apostados em cumprir com honra esta tarefa. Estamos todos aqui unidos com inabalável confiança em que a reacção será definitivamente derrotada e Portugal de Abril vencerá.

O voto de 6 de Outubro: atirar Soares, o PS e o PSD definitivamente para a rua

Há precisamente um ano denunciámos aqui, neste mesmo local, a ofensiva brutal do Governo PS/PSD de Mário Soares contra as conquistas democráticas do nosso povo e o novo plano subversivo e golpista que o Governo estava preparando e desenvolvendo.

Definidos então como objectivos fundamentais, imperativos e urgentes da nossa luta e da luta do Povo português: a demissão do Governo, a dissolução da Assembleia da República e a realização de eleições antecipadas.

E não nos limitámos a definir os objectivos da nossa luta. Afirmámos que a base de apoio social e político do Governo e dos partidos que o compõem se reduzia cada vez mais. Que não lhes valeria a maioria de deputados na Assembleia da República. Que tinham contra eles o povo. Em suma: afirmámos que o Governo estava maduro para cair.

Este ano aqui nos encontramos de novo.

E a situação é diferente. Pela resistência e a luta heróica do Povo português, tendo a classe operária à sua frente, M. Soares e o seu Governo foram derrotados e demitidos. Foi sustida e impedida a realização do plano assinado entre o PS e o PSD que visava liquidar as conquistas democráticas de Abril no primeiro semestre de 1985. A «maior maioria de sempre» desfez-se num pântano de vergonhosos conflitos. A Assembleia da República foi dissolvida.

Alcançadas estas grandes vitórias políticas, aqui estamos hoje

todos lemos nos olhos dos outros, permite perceber nesta nossa Festa qualquer coisa nova que esta ano anda no ar: a alegria por termos infligido uma grande derrota à reacção e a confiança em que **dentro de algumas semanas, nas eleições de 6 de Outubro, alcançaremos uma nova grande vitória do nosso Partido e da APU, uma grande vitória da democracia e de Portugal.**

Governo em gestão exorbita dos seus poderes

Quando o Governo de Mário Soares/PS/PSD foi derrotado pela luta popular e se pôs na ordem do dia a sua demissão, o nosso Partido pronunciou-se firmemente pela sua rápida substituição por um governo, ou de iniciativa presidencial, ou formado por representantes de todos os partidos com grupo parlamentar. As nossas propostas não foram atendidas.

A Assembleia foi dissolvida. Mário Soares e o seu Governo foram demitidos e estão demitidos. As suas competências legais estão limitadas «à prática de actos estritamente necessários para assegurar a gestão dos negócios públicos», conforme estabelece o art.º 189, n.º 5 da Constituição.

Apesar de derrotado e demitido, apesar de ter apenas limitadas funções de gestão, Soares e o seu Governo, exorbitando das suas competências, procuram prosseguir a sua obra de destruição, de agressão a direitos fundamentais, de entrega ilegal ao grande capital e aos grandes agrários de bens e recursos do País e do povo.

Nós acusamos o Governo de exorbitar as suas funções e competências, de mero governo de gestão, alterando o regime legal das empresas públicas, abrindo a empresas estrangeiras o capital da Soporcel, entregando ao estrangeiro posições que se podem tornar dominantes na exploração dos riquíssimos jazigos de cobre de Ne-



DISCURSO DE ÁLVARO CUNHAL

ao objectivo de destruir as conquistas democráticas da Revolução de Abril e de entregar novamente Portugal aos grandes monopolistas (associados ao imperialismo) e aos grandes latifundiários — que exploraram e oprimiram uns e outros o nosso povo durante quase meio século de ditadura fascista.

PS, com Mário Soares, PSD e CDS com os seus sucessivos dirigentes, estiveram sempre, de uma forma ou de outra, estriamente associados, cúmplices e coligados em sucessivos governos, na guerra social contra os trabalhadores, na política de despedimentos e intensificação da exploração, na obra de destruição da banca e outros sectores e empresas nacionalizadas, a fim de preparar a sua reprivatização, na obra de destruição da Reforma Agrária e de restauração dos latifúndios, na criação de mecanismos tendentes a criar um Estado de tipo policial.

De cada vez que caiu uma das suas coligações, têm feito outra, mas sempre para prosseguir no fundamental a política anterior.

PS, PSD e CDS, embora com diferenças de linguagem e de ritmo, embora por vezes em guerrilha por rivalidades e ambições de chefia, são os três igualmente responsáveis na política de destruição, de desastre, de fome e de miséria.

A maior diferença é que o CDS e o PSD expõem com clareza os seus objectivos e o PS tem ainda certa vergonha em confessar que adoptou e que pretende precisamente os mesmos.

Por isso nós dizemos: só os grandes capitalistas, os grandes agrários, os grandes especuladores, e com estes os corruptos, os apañiguados e as clientelas políticas têm interesse em que PS, PSD e CDS continuem a formar governo.

Os trabalhadores, os pequenos e médios agricultores, as mulheres, a juventude, os intelectuais e quadros técnicos, os pequenos e médios comerciantes e industriais, as camadas mais desfavorecidas como os reformados, os pensionistas e os deficientes, estão vitalmente interessados em pôr fim a uma política e a governos de coligação de direita (com ou sem o PS) que são responsáveis pela sua situação.

Para aqueles que votaram nestes partidos e desejam uma mudança real na política portuguesa, uma atitude se impõe: recusarem os votos ao PS, ao PSD e ao CDS.

E aqueles antigos eleitores destes três partidos que se encontram neste comício, eu aqui agradeço a sua presença e aqui apelo para que olhem a realidade dos seus problemas e da sua vida, para que vejam com objectividade onde vêm as responsabilidades, para que se decidam nas próximas eleições a votar nos únicos candidatos que dão garantias de defender os seus interesses e direitos, ou seja, para que se decidam desta vez a votar APU.

A farsa da alternância PS/PSD

No quadro das manobras eleitoralistas dos partidos responsáveis pela situação desastrosa a que foi conduzido o nosso povo e o nosso país, conta-se essa farsa de querer apresentar PS e PSD como os partidos da alternância.

Os ataques recíprocos têm em vista esconder à última hora e fazer esquecer alguns aspectos fundamentais da política portuguesa nos últimos anos.

Um, a estreita cooperação entre PS e PSD no Governo e fora do Governo em todos os aspectos fundamentais da política antipopular, antidemocrática e antinacional.

Outro, que os dois partidos continuam colaborando estreitamente no Governo de gestão, tomando em conjunto novas medidas.

Outro, que estão concluindo acordos de coligações nas eleições autárquicas.

A disputa não é por motivo da política a realizar, mas de chefia a assumir, Soares quer ser o chefe, Cavaco quer ser o chefe, como, aliás, também Freitas o quer ser.

Separados ou juntos, sozinhos ou em coligação com o CDS, qualquer deles o que realmente se propõe fazer é a mesma política que arrasou o País nos últimos 9 anos.

Arranjaram agora uns tantos novos vocábulos e slogans a «modernização», o «desafio da Europa» e uns tantos outros. Já se sabe que de tempos a tempos Mário Soares muda as palavras. Mas a imaginação é curta. Da última campanha eleitoral foi o «pacto social». Nesta, parece que var ser o «pacto de progresso». Nada de novo no fundo. Apenas palavras, palavras, e palavras, tentando cobrir as nódoas da fachada.

Não se trata, como é óbvio, de mudança da política, mas apenas de mudança da embalagem.

PS e PSD pretendem criar a ideia de que o Povo português tem que votar num ou noutro, que não há outra opção, que não há outra possibilidade.

Que devemos responder, camaradas? A essa pretensão devemos responder que a **boa opção nem é num, nem é noutro, nem é nos dois.**

Quanto ao PS, Mário Soares e Almeida Santos procuram apresentar ao eleitorado um PS irresponsabilizado e portanto absolvido dos seus crimes de direita. Elaboram listas de candidatos ornamentadas com membros da bancada tónica ex-secretariado. Afirnam-se de novo como fiel da balança entre o PCP e a direita reaccionária.

Mas quem pode acreditar nesta nova farsada? Quem pode acreditar no PS, como partido entre a direita e o PCP, como partido fiel da balança, quando o PS não tem feito outra coisa nos últimos anos senão coligações e acordos com o PSD e outras forças reaccionárias caracterizadas por um anticomunismo primário? Não na base do Programa do PS, mas na base da renúncia e traição a esse programa e da adopção dos objectivos e programa dos partidos reaccionários?

Nós não acusamos o PS por ele ser socialista, mas por ter deixado de sê-lo. Por ter sucessivamente abandonado o socialismo e a democracia. E agora, como para si se ironiza, também a República com a inclusão do micro PPM nas suas listas.

Quem pode acreditar ainda nas promessas de Soares e do PS,

se, ao longo destes anos, sempre fizeram mil promessas nas campanhas eleitorais para depois de se verem no Governo logo as esquecerem e faltarem ao seu cumprimento?

Presentindo pesada derrota nas próximas eleições, Mário Soares, derrotado e demitido, vem agora anunciar que em 6 de Outubro poderá ganhar «maioria absoluta» de deputados na Assembleia da República.

Chama-se a isto encher os bolsos de vento para parecer que há lá muito dinheiro. Ou, para quem não gostar desta comparação pode propor-se outra: chama-se a isto assobiar no escuro a espantar o medo.

O PS, com o seu secretário-geral como Primeiro-Ministro é o principal responsável da catastrófica política de há 9 anos. Para uma vitória da democracia é necessário não só derrotar o PSD e o CDS, mas também derrotar o PS.

Necessidade imperiosa de novo rumo a caminho de Abril

Os partidos do Governo dizem e repetem sem fim que não há nenhuma alternativa à sua política e que nenhuma força política apresenta soluções.

Trata-se de refinadas, tendenciosas e estafadas mentiras. Mas repetem-nas sempre.

Como é sabido, o nosso Partido de há muito apresenta, com sólidos fundamentos e amplas explicações, uma política alternativa.

O nosso Programa Eleitoral, novamente desenvolve as nossas propostas.

Partimos de uma ideia fundamental: é necessário, é urgente e é possível salvar o País de um completo desastre.

É necessário, é urgente e é possível salvar o Povo português da degradação das suas condições de vida, do desemprego, da fome e da miséria.

Para isso (e é essa proposta que PS, PSD e CDS rejeitam) impõe-se pôr definitivamente termo à cruzada de recuperação capitalista, latifundista e imperialista, à espoliação e transferência para os grandes capitalistas e os grandes agrários de capitais disponíveis, terras, bens e recursos.

Impõe-se pôr fim à tentativa conduzida pelos governos dos últimos 9 anos de assalto pelo grande capital privado a toda a nossa economia.

Impõe-se pôr fim à verdadeira guerra social desencadeada por sucessivos governos e pelo grande patronato contra os trabalhadores, contra os pequenos e médios agricultores, contra os pequenos e médios comerciantes e industriais, contra todas as classes e camadas laboriosas.

Impõe-se pôr termo à desestabilização geral da economia, do sistema financeiro, da situação social, das instituições, desestabilização provocada pelo processo contra-revolucionário que, por sua própria natureza e fins, provoca a desestabilização geral.

No quadro de legalidade constitucional, do respeito pelas liberdades e direitos dos cidadãos, do regime democrático e da independência nacional, é necessário e urgente dinamizar as capacidades, os recursos, as possibilidades e as potencialidades do aparelho produtivo, apoiando todas as formações económicas e lançando os grandes projectos nacionais de desenvolvimento.

Invertendo o rumo da política económica, o aumento da produção é a chave da solução dos problemas económicos e financeiros a curto, a médio e a longo prazo.

A banca e os sectores e empresas nacionalizadas assim como a Reforma Agrária, têm necessariamente um papel da mais alta importância a desempenhar na efectiva recuperação económica e no desenvolvimento do País.

Mas **consta do nosso programa** (ao contrário do que nos acusa falsamente a propaganda anticomunista) que é **necessário também apolar o sector privado.**

PS, PSD e CDS falam muito em iniciativa privada.

Mas **quando falam no papel prioritário da Iniciativa privada estão apenas a falar de uma banca reprivatizada, do grande capital, dos grandes latifundiários.**

A verdade é que a sua política de restauração monopolista significa não só o completo desprezo, mas uma guerra sem quartel **contra o sector actualmente mais extenso da iniciativa privada: as pequenas e médias empresas, os pequenos e médios agricultores.**

É o programa e a actividade do nosso Partido e não o programa e a actividade do PS, PSD e CDS que defendem verdadeiramente os interesses dessas laboriosas classes e camadas da população activa e o apoio efectivo à sua iniciativa — que é iniciativa privada.

O Programa Eleitoral do nosso Partido aponta três direcções fundamentais e complementares da política que propomos: uma política económica de recuperação e desenvolvimento para vencer a crise, o melhoramento das condições de vida material e cultural do povo, e uma política externa de independência, paz e cooperação.

Apresenta soluções e medidas concretas, desmascarando a grande mistificação que PS, PSD e CDS fazem em torno da adesão de Portugal à CEE, negociada e concluída nas costas do Povo português e sem que este pudesse fazer ideia exacta das consequências.

São os partidos do Governo e outras forças políticas que insistem em apresentar a adesão como uma panaceia para todos os males.

O nosso Partido, com fundamentos sólidos, insiste em alertar o Povo português para as desastrosas consequências da adesão para a indústria, para a agricultura, para as pescas, para os serviços, para as condições de trabalho.

Nas apressadas, precipitadas e irresponsáveis negociações com a CEE, M. Soares e o seu Governo fizeram concessões graves



simas que sacrificam a economia nacional aos interesses dos países da CEE e das suas multinacionais.

Entendemos que ainda é possível arrear caminho. Mas, se a integração se concretizar, o mínimo que qualquer governo poderá fazer é a renegociação das cláusulas e condições mais gravosas do acordo assinado pelo Governo PS/PSD.

A integração na CEE, assim como a autorização da abertura de bancos estrangeiros, a entrega a empresas estrangeiras de riquezas e de sectores-chave da nossa economia, a subordinação da política externa aos interesses do imperialismo norte-americano, as concessões de ordem militar, a deterioração das relações com os países africanos e o bloqueio das relações com os países socialistas mostram bem que a luta que travamos contra a política de direita dos últimos 9 anos não é apenas uma luta pela democracia, pelas conquistas de Abril, pelos interesses dos trabalhadores e das massas populares, mas também uma luta patriótica para garantirmos a **independência nacional.**

Uma vez mais se põe em evidência que a política dos governos ao serviço do grande capital entrega o País ao estrangeiro e que a política do PCP é uma política eminentemente nacional e patriótica.

É possível mobilizar os recursos necessários

Com frequência nos perguntam como conseguiríamos nós, comunistas, estando no Governo, por um lado a recuperação econó-

mica que exige investimentos e por outro o saneamento financeiro que exige contenção de despesas.

Como conseguiríamos nós, comunistas, estando no Governo, cobrir as importantes somas exigidas para pagamento dos salários em atraso que propomos, o aumento de salários e as reformas, a solução dos problemas da habitação, da saúde e do ensino.

A essas questões nós respondemos: O PCP não propõe apenas aumento de despesas; propõe aumento de certas despesas e diminuição de outras. Não propõe apenas diminuição de receitas; propõe diminuição de certas receitas e aumento de outras.

Assim, em primeiro lugar, orientando a economia com critérios de eficiência e rentabilidade, o aumento de produção e a dinamização das actividades económicas comporta, sem dúvida, encargos, mas é a mais sólida origem de recursos incluindo os do Estado.

Em segundo lugar, o PCP propõe, e considera um imperativo de ordem económica, financeira, política e moral, a **aplicação correcta dos recursos disponíveis.**

Podem obter-se recursos vultosos, acabando com o regabofe de centenas de milhões de contos entregues aos grandes capitalistas e às clientelas do PS, PSD e CDS a título de indemnizações, de financiamentos para fins não confirmados, e com pretextos da mais variada espécie.

Podem obter-se recursos vultosos acabando os favores de grandes empréstimos dados a capitalistas e especuladores que não pensam sequer em pagá-los, como bem indicam mais de 350 milhões de contos do chamado crédito mal parado.

Podem obter-se recursos vultosos permitindo aos bancos que se debatem com excesso de liquidez, a utilização das suas potencialidades, pondo fim a critérios de crédito e de taxas que os conduzem a saldos negativos da margem de juros.

Podem obter-se recursos vultosos com uma nova política cambial, em que a diminuição da desvalorização do escudo permite a dinamização em escudos dos encargos da dívida.

Podem obter-se recursos vultosos fechando como ponto de ordem numa política governativa a renegociação da dívida externa — mostruosa, sufocante e impossível de suportar — com vistas para já à dilatação de prazos, à obtenção de moratórias e à baixa de juros.

Podem obter-se recursos vultosos tomando sérias medidas para pôr cobro à delituosa exportação ilícita de capitais que ronda anualmente uma centena de milhões de contos, negócio que dispõe de estruturas mafiosas do género da DOPA de que eram assíduos clientes, membros do Governo e destacadas personalidades das áreas do PS, PSD e CDS.

Podem obter-se recursos vultosos fechando os sacos azuis de que dispõe o Governo e donde saem dezenas de milhões de contos de benesses a pretexto de «aquisição de serviços não especificados».

Podem obter-se recursos vultosos pondo fim com decisão a esse vergonhoso e escandaloso regabofe das despesas sumptuárias. As compras que se sucedem de novos e numerosos carros de luxo para os administradores das empresas, no mesmo momento em que estas e os trabalhadores respectivos atravessam grandes dificuldades. As dezenas de milhões de contos entrados em novas alcáfitas, em novos móveis, na criação de ambientes de luxo requintado, em empresas endividadas. Aos milhões gastos a pretexto de serviço nas viagens e viagens turísticas dos senhores governantes, suas famílias, clientelas e chupistas de toda a espécie. Aos milhões dispendidos em inqualificáveis aumentos dos proveitos e vencimentos de ministros, deputados e gestores de empresas públicas, no mesmo momento em que são liquidados em poucos anos 200 mil postos de trabalho, em que meio milhão de trabalhadores estão no desemprego, em que 150 mil têm salários em atraso, em que os reformados e os deficientes não têm que comer e com que viver, em que alastra por todo o País a fome e a miséria.

A situação é sem dúvida difícil. Mas jamais se resolverá, se deixarmos continuar o País a afundar-se no pântano da recessão industrial, da recessão agrícola, da degradação dos serviços, da inflação, da baixa do poder de compra, da degradação contínua das condições de vida do povo, da corrupção que como um gigantesco polvo se vai apropriando dos recursos nacionais.

Os problemas nacionais podem resolver-se criando novos recursos, mobilizando e administrando correctamente os recursos disponíveis.

Podem obter-se recursos vultosos com uma nova política cambial, em que a diminuição da desvalorização do escudo permite a dinamização em escudos dos encargos da dívida.

Podem obter-se recursos vultosos fechando como ponto de ordem numa política governativa a renegociação da dívida externa — mostruosa, sufocante e impossível de suportar — com vistas para já à dilatação de prazos, à obtenção de moratórias e à baixa de juros.

Podem obter-se recursos vultosos tomando sérias medidas para pôr cobro à delituosa exportação ilícita de capitais que ronda anualmente uma centena de milhões de contos, negócio que dispõe de estruturas mafiosas do género da DOPA de que eram assíduos clientes, membros do Governo e destacadas personalidades das áreas do PS, PSD e CDS.

Podem obter-se recursos vultosos fechando os sacos azuis de que dispõe o Governo e donde saem dezenas de milhões de contos de benesses a pretexto de «aquisição de serviços não especificados».

Podem obter-se recursos vultosos pondo fim com decisão a esse vergonhoso e escandaloso regabofe das despesas sumptuárias. As compras que se sucedem de novos e numerosos carros de luxo para os administradores das empresas, no mesmo momento em que estas e os trabalhadores respectivos atravessam grandes dificuldades. As dezenas de milhões de contos entrados em novas alcáfitas, em novos móveis, na criação de ambientes de luxo requintado, em empresas endividadas. Aos milhões gastos a pretexto de serviço nas viagens e viagens turísticas dos senhores governantes, suas famílias, clientelas e chupistas de toda a espécie. Aos milhões dispendidos em inqualificáveis aumentos dos proveitos e vencimentos de ministros, deputados e gestores de empresas públicas, no mesmo momento em que são liquidados em poucos anos 200 mil postos de trabalho, em que meio milhão de trabalhadores estão no desemprego, em que 150 mil têm salários em atraso, em que os reformados e os deficientes não têm que comer e com que viver, em que alastra por todo o País a fome e a miséria.

A situação é sem dúvida difícil. Mas jamais se resolverá, se deixarmos continuar o País a afundar-se no pântano da recessão industrial, da recessão agrícola, da degradação dos serviços, da inflação, da baixa do poder de compra, da degradação contínua das condições de vida do povo, da corrupção que como um gigantesco polvo se vai apropriando dos recursos nacionais.

Os problemas nacionais podem resolver-se criando novos recursos, mobilizando e administrando correctamente os recursos disponíveis.

DISCURSO DE ROGÉRIO MOREIRA

«É a vez de um voto jovem contra as velhas soluções»

avultadas de forma insensata as avultadas verbas que receberam.

Mas o Ano Internacional da Juventude tem já, no nosso país, um saldo positivo pela forma como tem despertado novas forças e vontades na dinamização do Movimento Juvenil, no crescimento de actividades culturais, de estruturas e associações juvenis. E mais positivo ainda porque foi neste ano de 85 que a luta do povo, e também dos jovens, conseguiu a demissão do Governo e da Assembleia que o sustentava.

De tudo isto falamos na nossa cidade da Juventude, este ano bem à entrada do recinto. E também lá vemos as imagens de uma imensa festa internacionalista, a maior que neste ano de juventude se realizou à escala mundial. Um Festival que ainda há poucos dias terminou e que levou a Moscovo milhares de rapazes e raparigas vindos de 157 países. Refiro-me ao **12.º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes** onde participei uma representativa delegação de jovens portugueses. Em Moscovo, transmitimos, nos encontros, debates e espectáculos realizados, o nosso apoio, à Paz, à

Amizade e a nossa Solidariedade Anti-Imperialista, grandes temas do Festival.

A cidade da Juventude falamos também das próximas eleições. Fala-nos das autárquicas, mas fundamentalmente das que têm agora uma maior importância — as legislativas de 6 de Outubro. E é para aí que agora naturalmente se viram grande parte das nossas atenções.

Do lado da direita, Cavaco, Soares e Pires apresentam-se agora sacudindo, cada um à sua maneira, a água do capote como se nada tivessem a ver com a desastrosa política dos últimos anos. O PS muda de cara e diz que não há crise por aí além. Que a crise que há é culpa do parceiro. O PSD muda de cara e diz que a culpa é do PS. O CDS jura que nunca esteve no governo e diz que a culpa é dos outros dois.

Todos eles dizem que agora é que vai ser diferente. Que o futuro vai ser óptimo. Uma vez mais apresentam pacotes de propostas e promessas. Propõem-nos um negócio: se votarmos neles, eles cumprem as promessas. Ou seja pagaríamos primeiro e receberíamos depois.

Mas que negócio propuseram eles nas últimas eleições? E nas eleições antes das últimas?

Os jovens que neles votaram pagaram as promessas e em troca receberam a crise que vivemos. Fazem da crise a sua política e depois servem-se dela para explicar o que não fizeram, para tapar a sua incompetência e desonestidade. Com eles promessas e crise não faltam. Só não há é crise de promessas.

Esta é a falhada política de direita, do PS, PSD e do CDS. Que diz andar para a frente mas realmente anda para trás. Que promete agora um futuro à europeia quando nos dá um quotidiano de fome, miséria e desemprego. A direita especializou-se nas diversas campanhas eleitorais em alimentar ilusões e falsas expectativas. Depois no governo enganava os que nela votaram. Enganaram uma, duas, três vezes.

Mas que negócio propuseram eles nas últimas eleições? E nas eleições antes das últimas?

Os jovens que neles votaram pagaram as promessas e em troca receberam a crise que vivemos. Fazem da crise a sua política e depois servem-se dela para explicar o que não fizeram, para tapar a sua incompetência e desonestidade. Com eles promessas e crise não faltam. Só não há é crise de promessas.

Esta é a falhada política de direita, do PS, PSD e do CDS. Que diz andar para a frente mas realmente anda para trás. Que promete agora um futuro à europeia quando nos dá um quotidiano de fome, miséria e desemprego. A direita especializou-se nas diversas campanhas eleitorais em alimentar ilusões e falsas expectativas. Depois no governo enganava os que nela votaram. Enganaram uma, duas, três vezes.

Mas as ilusões não duram sempre e os partidos que as alimentam, defraudando a parte do eleitorado juvenil que os apoia bem cedo poderão sofrer a resposta adequada. Depois da experiência dos últimos anos quem pode acreditar que agora vai ser

diferente? Quem pode ainda acreditar em tal gente? É tempo de nos deixarem viver com os pés bem assentes na terra. Porque eles não têm o direito de continuar a adiar as nossas vidas...

Nós, da JCP, e muitos outros jovens não comunistas mas apoiantes da APU, vamos estar na campanha para denunciar a política de volta de 9 anos, a política de retorno aos privilégios do tempo da velha senhora e demonstrar que o futuro deles foi ontem, está velho e está gasto.

Vamos estar na campanha para acabar com o desencanto que a política de mentiras e falsas promessas provocou e explicar que estas eleições são uma oportunidade que temos nas mãos e não devemos desperdiçar; que devemos recusar o nosso voto àqueles que nos têm governado. Vamos estar na campanha para demonstrar que há novos caminhos e propostas claras, que há um novo rumo capaz de resolver os problemas da juventude. Para divulgar, discutir e recolher opiniões sobre o Programa Eleitoral do PCP, as medidas de máxima urgência da APU, os compromissos eleitorais

Nós, comunistas, propomos uma política de salvação nacional e temos inteira confiança em que, no Governo, saberemos aplicá-la com sucesso.

Com os comunistas Governo Democrático de Salvação Nacional

As propostas do PCP, fundamentadas num estudo aprofundado e exaustivo da situação nacional em todos os seus aspectos, mostram existir uma política alternativa capaz de fazer o País sair da crise e de resolver os problemas nacionais.

A este respeito é com frequência posta a questão de saber que governo será possível formar para realizar tal política.

Temos afirmado e mantemos que o sistema das coligações de direita já deu o que tinha a dar, deu as piensas provas que podia dar e está esgotado.

Temos afirmado que, na situação actual nenhum partido qualquer que seja a sua votação está em condições de sozinho constituir um governo capaz de resolver os problemas nacionais.

Dá a nossa proposta da constituição de um **Governo Democrático de Salvação Nacional**, não como um governo de coligação de partidos, mas como um governo de junção de vontade, capacidade e competência de portugueses e portuguesas (qualquer que seja o quadrante político em que se têm situado) decididos a fazer Portugal sair do atoleiro de crise a que foi conduzido por 9 anos de processo contra-revolucionário e a atacar com decisão e a resolver os mais graves problemas que defronta o nosso povo e o nosso país, em resumo, salvar Portugal.

Não pretendemos estar sozinhos em condições de resolver os problemas nacionais. Mas, é um dado objectivo da situação portuguesa e não apenas a nossa opinião, que, nas circunstâncias actualmente existentes, **sem o PCP e sem os trabalhadores nenhum governo poderá resolvê-los.**

O País precisa do trabalho, da competência técnica, do conhecimento dos problemas, da capacidade de realização, do espírito de organização, da seriedade, da dedicação dos comunistas e dos trabalhadores.

Em todos os sectores da vida nacional, nas suas realizações, nas autárquias, os **comunistas já mostraram que, com os trabalhadores e com as populações são intrinsecamente capazes de resolver os mais complexos problemas.**

Uma Festa é uma Festa. Mas uma vez que estamos na Festa do «Avante!» concebida e realizada pela inteligência, os braços, o esforço, o empenhamento, o entusiasmo dos comunistas, também esta Festa sugere que, tal como a levantámos grandiosa e magnífica num terreno abandonado e pedregoso, seremos capazes de levantar o País da degradação e da miséria em que se encontra e

em todos os sectores da vida nacional, nas suas realizações, nas autárquias, os comunistas já mostraram que, com os trabalhadores e com as populações são intrinsecamente capazes de resolver os mais complexos problemas.

Uma Festa é uma Festa. Mas uma vez que estamos na Festa do «Avante!» concebida e realizada pela inteligência, os braços, o esforço, o empenhamento, o entusiasmo dos comunistas, também esta Festa sugere que, tal como a levantámos grandiosa e magnífica num terreno abandonado e pedregoso, seremos capazes de levantar o País da degradação e da miséria em que se encontra e

em todos os sectores da vida nacional, nas suas realizações, nas autárquias, os comunistas já mostraram que, com os trabalhadores e com as populações são intrinsecamente capazes de resolver os mais complexos problemas.

Uma Festa é uma Festa. Mas uma vez que estamos na Festa do «Avante!» concebida e realizada pela inteligência, os braços, o esforço, o empenhamento, o entusiasmo dos comunistas, também esta Festa sugere que, tal como a levantámos grandiosa e magnífica num terreno abandonado e pedregoso, seremos capazes de levantar o País da degradação e da miséria em que se encontra e

em todos os sectores da vida nacional, nas suas realizações, nas autárquias, os comunistas já mostraram que, com os trabalhadores e com as populações são intrinsecamente capazes de resolver os mais complexos problemas.

Uma Festa é uma Festa. Mas uma vez que estamos na Festa do «Avante!» concebida e realizada pela inteligência, os braços, o esforço, o empenhamento, o entusiasmo dos comunistas, também esta Festa sugere que, tal como a levantámos grandiosa e magnífica num terreno abandonado e pedregoso, seremos capazes de levantar o País da degradação e da miséria em que se encontra e

em todos os sectores da vida nacional, nas suas realizações, nas autárquias, os comunistas já mostraram que, com os trabalhadores e com as populações são intrinsecamente capazes de resolver os mais complexos problemas.

Uma Festa é uma Festa. Mas uma vez que estamos na Festa do «Avante!» concebida e realizada pela inteligência, os braços, o esforço, o empenhamento, o entusiasmo dos comunistas, também esta Festa sugere que, tal como a levantámos grandiosa e magnífica num terreno abandonado e pedregoso, seremos capazes de levantar o País da degradação e da miséria em que se encontra e

em todos os sectores da vida nacional, nas suas realizações, nas autárquias, os comunistas já mostraram que, com os trabalhadores e com as populações são intrinsecamente capazes de resolver os mais complexos problemas.

Uma Festa é uma Festa. Mas uma vez que estamos na Festa do «Avante!» concebida e realizada pela inteligência, os braços, o esforço, o empenhamento, o entusiasmo dos comunistas, também esta Festa sugere que, tal como a levantámos grandiosa e magnífica num terreno abandonado e pedregoso, seremos capazes de levantar o País da degradação e da miséria em que se encontra e

em todos os sectores da vida nacional, nas suas realizações, nas autárquias, os comunistas já mostraram que, com os trabalhadores e com as populações são intrinsecamente capazes de resolver os mais complexos problemas.

Uma Festa é uma Festa. Mas uma vez que estamos na Festa do «Avante!» concebida e realizada pela inteligência, os braços, o esforço, o empenhamento, o entusiasmo dos comunistas, também esta Festa sugere que, tal como a levantámos grandiosa e magnífica num terreno abandonado e pedregoso, seremos capazes de levantar o País da degradação e da miséria em que se encontra e

em todos os sectores da vida nacional, nas suas realizações, nas autárquias, os comunistas já mostraram que, com os trabalhadores e com as populações são intrinsecamente capazes de resolver os mais complexos problemas.

Uma Festa é uma Festa. Mas uma vez que estamos na Festa do «Avante!» concebida e realizada pela inteligência, os braços, o esforço, o empenhamento, o entusiasmo dos comunistas, também esta Festa sugere que, tal como a levantámos grandiosa e magnífica num terreno abandonado e pedregoso, seremos capazes de levantar o País da degradação e da miséria em que se encontra e

em todos os sectores da vida nacional, nas suas realizações, nas autárquias, os comunistas já mostraram que, com os trabalhadores e com as populações são intrinsecamente capazes de resolver os mais complexos problemas.

Uma Festa é uma Festa. Mas uma vez que estamos na Festa do «Avante!» concebida e realizada pela inteligência, os braços, o esforço, o empenhamento, o entusiasmo dos comunistas, também esta Festa sugere que, tal como a levantámos grandiosa e magnífica num terreno abandonado e pedregoso, seremos capazes de levantar o País da degradação e da miséria em que se encontra e

em todos os sectores da vida nacional, nas suas realizações, nas autárquias, os comunistas já mostraram que, com os trabalhadores e com as populações são intrinsecamente capazes de resolver os mais complexos problemas.

Uma Festa é uma Festa. Mas uma vez que estamos na Festa do «Avante!» concebida e realizada pela inteligência, os braços, o esforço, o empenhamento, o entusiasmo dos comunistas, também esta Festa sugere que, tal como a levantámos grandiosa e magnífica num terreno abandonado e pedregoso, seremos capazes de levantar o País da degradação e da miséria em que se encontra e

em todos os sectores da vida nacional, nas suas realizações, nas autárquias, os comunistas já mostraram que, com os trabalhadores e com as populações são intrinsecamente capazes de resolver os mais complexos problemas.

Uma Festa é uma Festa. Mas uma vez que estamos na Festa do «Avante!» concebida e realizada pela inteligência, os braços, o esforço, o empenhamento, o entusiasmo dos comunistas, também esta Festa sugere que, tal como a levantámos grandiosa e magnífica num terreno abandonado e pedregoso, seremos capazes de levantar o País da degradação e da miséria em que se encontra e

torná-lo ainda mais belo, com o desenvolvimento económico, a expansão cultural, a liquidação da miséria, da fome e do analfabetismo, o melhoramento constante do bem-estar dos portugueses — no quadro da liberdade, da democracia e da independência da pátria.

É perfeitamente natural que os dirigentes do PS, do PSD e CDS insistam em afirmar que a proposta do PCP de formação de um Governo Democrático de Salvação Nacional, com participação comunista, é utópica, porque nenhum deles, nem Soares, nem Cavaco, nem Lucas Pires querem fazer parte de um governo com o PCP.

Esses senhores estão, evidentemente, equivocados acerca da nossa proposta.

Porque nós não propomos um governo com Mário Soares, nem com Cavaco, nem com Almeida Santos, nem com Lucas Pires. Propomos, sim, um governo com **verdadeiros patriotas** dispostos a pôr de lado rivalidades, interesses, querelas mesquinhas e ambições pessoais e a juntar os seus esforços numa grande obra democrática, nacional e patriótica.

Para que o PCP venha a participar no Governo, não é preciso acordo ou assentimento de Soares, Cavaco ou Lucas Pires, mas sim a escolha e o apoio dos trabalhadores e do Povo português.

Se o Povo português quiser, o PCP irá para o Governo. E querendo-o o Povo português, não será Soares, nem Cavaco, nem Lucas Pires, nem o governo americano, nem os governos da CEE que impedirão que o PCP vá para o Governo e que no Governo ataque e resolva os gravíssimos problemas provocados por 9 anos de política de direita do PS, do PSD e do CDS.

O PCP não quer nem nunca quis ir para o Governo contra a vontade do povo. Mas se o povo o quiser (e nas eleições de 6 de Outubro, com uma votação massiva na APU pode expressar essa vontade) o PCP está inteiramente pronto a assumir as suas responsabilidades.

Votar em massa na APU aumentar o número de deputados do PCP

Além das eleições antecipadas para a Assembleia da República temos também por diante as eleições autárquicas e as presidenciais.

Para as presidenciais, o nosso Partido resolverá, após as eleições de 6 de Outubro, se apresentará ou não candidato próprio. Até lá não temos pressa.

Para as autarquias, a preparação está em marcha acelerada. Como resultado da serenidade, competência e trabalho realizado pela APU é tão fundamentada a previsão de uma grande vitória da APU que os partidos do Governo, apavorados pela perspectiva da derrota, procuram ilegalmente adiar-las para depois das presidenciais e vão entretanto combinando coligações PS/PSD para tentarem desalojar a APU da gestão de algumas autarquias. Parece que lições anteriores não lhes serviram. Estamos atentos à situação e desde já trabalhamos com um objectivo claro: **venham ou não venham com coligações reaccionárias, travaremos com confiança a batalha, não só para alcançar novas maiorias em Câmaras e Assembleias Municipais e Assembleias de Freguesia, como também para transformar maiorias relativas em maiorias absolutas.**

Entretanto, a primeira grande batalha eleitoral que temos por diante são as eleições de 6 de Outubro.

Os objectivos eleitorais estão claramente definidos: **uma votação em massa na APU e o aumento substancial do número de deputados do PCP, do MDP-CDE e de outros democratas que conosco participam na Aliança Povo Unido.**

Não se trata de objectivos de estreito interesse partidário. Trata-se de condições indispensáveis para que possa ter lugar uma alternativa democrática.

O novo partido, o PRD, apoiante do Presidente Eanes, pode ter um papel positivo para uma solução democrática da crise, mas sob condição de conseguir os seus apoios e os seus votos naquele vastíssimo campo social, que constituiu o apoio eleitoral do PS, do PSD e do CDS e que hoje (profundamente atingidos nos seus interesses vitais) se volta contra estes partidos.

Mas, atenção: **não só o nosso Partido e a APU lutarão para ganhar também boa parte desse campo social eventualmente vacilante ou vazio, como nem um só voto do PCP e da APU deve deslocar-se para o novo partido.**

Na nossa campanha eleitoral temos de realizar um profundo e vasto trabalho de esclarecimento a fim de convencer o eleitorado de que os nossos dois objectivos eleitorais são condição insubstituível para uma real viragem da política portuguesa, para um novo rumo no caminho de Abril.

A nossa Festa patenteia que engrossa a onda que assegurará a vitória do PCP e da APU. E, observando essa onda, dois traços da Festa do «Avante!» deste ano reforçam a confiança na vitória.

Um é a extraordinária participação de mulheres. Participação militante, activa, interessada, combativa e entusiástica.

A extraordinária participação das mulheres na Festa do «Avante!» prenuncia para 6 de Outubro uma reforçada votação das mulheres no PCP e na APU.

Temos que conduzir a nossa campanha sem perder de vista um momento sequer este objectivo.

Outra traço da Festa do «Avante!» deste ano foi a extraordinária participação da juventude, sem dúvida a maior de sempre, tornando a nossa Festa ainda mais alegre e ainda mais bela.

Participação também militante, activa e interessada. Também combativa. Também entusiástica. Confiante como todos nós.

Temos também de conduzir a nossa campanha sem perder de vista um momento sequer a necessidade de ganhar centenas de milhares de jovens para o voto no PCP e na APU.

Enquanto PS, PSD e CDS fazem a sua propaganda numa base comercial em que gastam milhões nós lançamos a nossa campanha com o nosso trabalho militante.

Salmos da X Festa do «Avante!» ainda mais fortes, ainda mais unidos, ainda mais motivados, ainda mais confiantes na grande vitória de 6 de Outubro.

PCP

Campanha eleitoral APU em marcha

- Grande desfile em Lisboa
- Álvaro Cunhal no Norte

A contagem decrescente aproxima-se do seu termo...

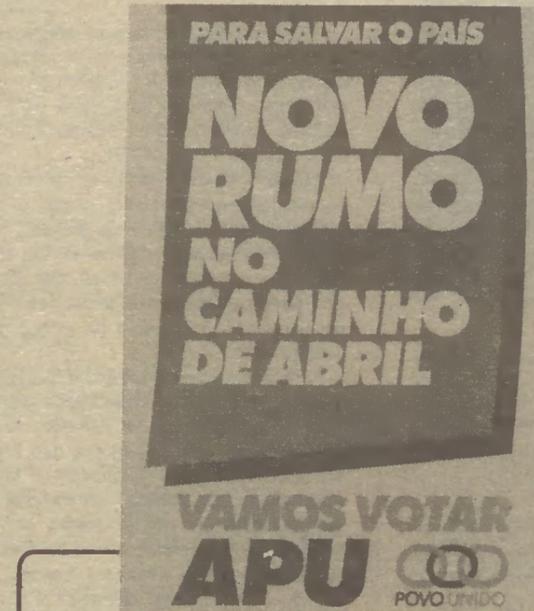
Amanhã (sábado), à meia-noite, abre oficialmente a campanha eleitoral. Pela parte dos comunistas e da Aliança Povo Unido, os objectivos para a campanha são, como em toda a sua prática política, evidentes e claros. Esclarecer a opinião pública, divulgar as propostas democráticas e patrióticas para a resolução dos graves problemas do País, mostrar com objectividade quem são os responsáveis da situação criada ao longo de 9 anos de ofensiva contra o espírito e as perspectivas do 25 de Abril, mobilizar o povo trabalhador e os democratas, numa grande acção apontada à vitória em 6 de Outubro. Numa palavra: pôr de pé uma verdadeira campanha de massas.

Em todo o País, a Aliança Povo Unido prepara um arranque em cheio, com iniciativas de grande impacto, que, estamos certos, corresponderão às imensas expectativas criadas pelo entusiasmo combativo de todo o Partido e de muitos outros democratas e antifascistas. Iniciativas que levarão para a rua a confiança e a determinação da mais sólida força democrática presente ao acto eleitoral. Iniciativas que terão uma expressão de maior grandeza em Lisboa e no Porto, mas que fará mexer muita gente em todo o País (ver Agenda).

● Lisboa

Em Lisboa, a APU levará a efeito no domingo um grandioso desfile popular que ligará o Marquês do Pombal ao Rossio, a partir das 14 e 30 horas.

A culminar do desfile, as atenções irão para um comício e um espectáculo. Presidido por Jerónimo de Sousa, membro do Comité Central do PCP e candidato por Lisboa, o comício registará as seguintes intervenções: de **Octávio Pato**, membro da Comissão Política e do Secretaria-



Grande colagem de cartazes

No distrito de Lisboa, assim como em todas as outras regiões do País, realiza-se na noite de sábado para domingo uma grande colagem de cartazes da Aliança Povo Unido, arrancando, assim, com ímpeto e dinamismo o início oficial da campanha com vista às eleições de 6 de Outubro.

Aguarda-se uma forte participação militante nas colagens, num ambiente de firme confiança na vitória democrática. Firmeza e também convívio serão, estamos certos, presenças vivas nas quais todos os militantes comunistas, todos os democratas, homens, mulheres e jovens que conflam na APU, se podem incorporar, bastando para tal que se desloquem aos Centros de Trabalho do PCP para aí se juntarem às brigadas de colagem.

do do Comité Central, candidato por Lisboa; **José Tengarrinha**, presidente do MDP/CDE, candidato por Lisboa; **Apolónia Teixeira**, da Direcção Regional de Setúbal do PCP, candidata por Setúbal; **Anselmo Aníbal**, independente, candidato por Lisboa; **Maria Santos**, dirigente do partido «Os Verdes», candidata por Lisboa; e **Jorge Patrício**, da di-

recção nacional da JCP, candidato por Setúbal.

O espectáculo, apresentado pela actriz Fernanda Lapa, candidata por Lisboa, incluirá as participações de Fernando Tordo e do grupo «rock» Rádio Macau.

● Porto

Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, participará no domingo

no programa com que a APU inicia a sua campanha no distrito do Porto.

Na parte da manhã, a agenda será preenchida por um encontro com intelectuais, artistas e quadros técnicos, no auditório da Cooperativa Árvore, onde estarão em foco as propostas da APU para o sector.

Um «pic-nic» com a população e os trabalhadores de Campo (Valongo) será a oportunidade para a troca de impressões numa freguesia que vem sofrendo de forma particularmente grave a falta de pagamento dos salários. O «pic-nic» decorrerá no lugar do Calvário.

Da parte da tarde, a APU promove um concerto com Rão Kyao e Janita Salomé, apoiantes da APU, numa tarde onde o Porto estará em Festa logo a partir das 15 horas, na Avenida dos Aliados.

Depois do espectáculo, é a vez do grande comício onde participarão Álvaro Cunhal e Ilda Figueiredo, deputada e candidata da APU pelo distrito do Porto.

Desfiles populares, caravanas, afixação e distribuição de documentos constituirão outras tantas acções que os apoiantes da APU desenvolverão durante o primeiro dia de campanha eleitoral, um pouco por todo o distrito.

● Viana e Braga

Mas a deslocação do secretário-geral do PCP a terras do Norte começa já hoje, sexta-feira, a partir das 15 e 30 horas, no distrito de Viana do Castelo. Da «agenda» de Álvaro Cunhal constam, respectivamente, contactos nos estaleiros de Viana, nas freguesias de Afife e Meadela, jantar na Cooperativa Capitães de Abril e sessão de esclarecimento no Teatro Sá de Miranda.

O sábado será dedicado ao outro distrito minhoto: Braga. Como noticiámos de forma pormenorizada na «Agenda» desta edição do Avante!, o secretário-geral do PCP estará em Barcelos, S. Paio de Merelim e Bairro e Braga (Bairro das Enguardas). Participará ainda numa sessão de esclarecimento na capital minhota e num encontro com a população em Pevidém, e num jantar e comício em Guimarães.

Novo CT no Porto

Na primeira semana 400 contos recolhidos

A campanha dos 10 mil contos para o novo Centro de Trabalho na cidade do Porto abriu no passado dia 13 de Agosto com um grande jantar de confraternização realizado no pavilhão do CT da Boavista.

Participaram neste jantar cerca de 300 camaradas e amigos do Partido.

Para além de uma importante iniciativa política virada para a campanha e para as eleições, o jantar constituiu também um importante contributo financeiro para a Campanha pois foi con-

feccionado quase na íntegra com produtos oferecidos. Seguiu-se um animado leilão, que rendeu mais de 30 contos, e o convívio que se prolongou até depois da meia-noite.

A campanha dos 10 000 mil contos para o nova sede está a recolher vivo apoio da organização e dos amigos do Partido. O facto de apenas na primeira semana se terem recolhido mais de 400 contos mostra bem o quanto a abertura do novo CT para substituir «Aníbal Cunha» corresponde às necessidades do

Partido e ao sentimento da organização.

Redobrar esforços e cumprir compromissos

A intensificação de todo o trabalho da campanha constitui a tarefa primeira da organização local do Porto. Os compromissos assumidos com o pagamento das obras e a prestação da casa têm de ser rigorosamente cumpridos. Levar a campanha a todas as empresas, a todos os bairros e zonas da cidade, falar com todos os militantes e ami-

gos do Partido para que dêem a sua contribuição é tarefa a levar a cabo desde já.

Na próxima sexta-feira, às 21 e 30 horas, e já na instalação da nova sede, terá lugar a reunião da Comissão Coordenadora Central da Campanha.

Prosseguem a bom ritmo as obras de adaptação em curso na nova sede e está marcada para o próximo dia 22 a sua inauguração oficial, coincidindo com a realização da 7.ª Festa da Unidade, em S. Vitor, zona onde se situa o novo Centro de Trabalho.

PCP

«Esta nossa maneira de cantar» em 200 espectáculos

• Cinema Alvalade «abre» na 5.ª-feira

Sob o lema «Esta nossa maneira de Cantar» a «Aliança Povo Unido» inicia hoje o Programa Cultural da sua campanha para as eleições legislativas de 6 de Outubro.

Durante as três semanas da campanha eleitoral a APU desenvolverá um intenso programa cultural abrangendo áreas tão diversas como as das artes plásticas, do cinema, da música popular, do teatro de revista, da música clássica, do jazz.

No âmbito dos espectáculos musicais actuarão cerca de três dezenas de artistas e grupos num programa de mais de 200 espectáculos em todo o território nacional.

Em Lisboa iniciar-se-á no dia 19 de Setembro no cinema Alvalade, que a partir dessa data será um espaço cultural polivalente e aberto, uma programação autónoma regular durante três meses. Dessa programação fa-

rão parte sessões de cinema diárias, exposições de artes plásticas e o funcionamento de um café concerto.

A abertura do programa geral de espectáculos musicais da campanha far-se-á já neste fim-de-semana com espectáculos em que actuarão Fernando Tordo (Leiria, Almodôvar e Lisboa), Paulo de Carvalho (Covilhã e Guarda), Luísa Basto, João Fernando e Alexandre Castanheira (espectáculo sobre Manuel da Fonseca em Oliveira de Azeméis, Mealhada e Estarreja), Francisco Cela (Viseu e Tarouca), Nuno e Filipe Gomes dos Santos (Tomar, Santarém, Cartaxo e Pontével), Carlos Alberto Moniz (Viana do Castelo e Famalicão), Jo Appoloni (S. Bartolomeu de Messines e Loulé), José Viana («teatro de Revista» com Dora Leal e António Montez em Alpalhão e Castelo Branco), José Barata Moura (espectáculo para crianças em Campo Maior), Grupo «Aguarela» (Bragança e Vila Real), «Bando do Beco» (Santiago do Cacém, Grândola e Alcácer do Sal), Rádio Macau» (Lisboa, Beja e Cascais), «GNR» (Tomar e Cascais), Rão Kyao (Porto), Janita Salomé (Montijo e Porto) e Sérgio Godinho (Figueira da Foz).



Ingerências e pressões

A secção de Informação e Propaganda (SIP) do PCP divulgou na terça-feira a seguinte nota:

1. Diversos órgãos de Informação têm vindo a anunciar a realização no Porto nos próximos dias 18, 19 e 20 de uma reunião de um comité da Assembleia do Tratado do Atlântico (NATO) e, bem assim, de uma reunião da Internacional Socialista, no dia 21, igualmente no Porto.

2. Ocorrendo em plena campanha eleitoral, estas duas reuniões de âmbito internacional não podem deixar de ser consideradas, pela sua natureza e participantes, como inaceitáveis tentativas de ingerência na vida nacional e de pressão política e ideológica sobre a opinião pública portuguesa.

3. Sendo certo que, lamentavelmente, a realização de iniciativas deste tipo em períodos pré-eleitorais ou eleitorais têm diversos precedentes, cumpre en-

tretanto acentuar que tal facto, não só não diminui a sua gravidade, como confirma fundamentalmente que as entidades e as forças políticas portuguesas que a elas estão associadas persistem no seu estímulo e na sua cumplicidade em relação a operações de ingerência externa na vida nacional.

4. Tudo indica assim que PS, PSD e CDS (cujos líderes deverão usar da palavra na reunião da NATO), seriamente atingidos pelo descrédito da política que têm realizado nos últimos nove anos, procuram na exibição das suas ligações e dependências internacionais uma compensação para a evidente redução no plano interno da sua base de apoio social, político e eleitoral.

5. Protestando firmemente contra estas operações de ingerência na vida portuguesa o PCP confia em que o Povo português, com o seu voto, saberá dar a resposta a todos quantos imaginam que o presente e o futuro de Portugal podem ser decididos pela NATO e pela Internacional Socialista.

Plenário dos gráficos

O sector dos gráficos comunistas de Lisboa realiza no próximo sábado, dia 14, um plenário da organização, com início marcado para as 16 e 30 horas, no Centro de Trabalho do Largo Trindade Coelho, 9, 1.º.

Após o plenário haverá um jantar de confraternização, findo o qual os presentes avançarão para as colagens da abertura da campanha eleitoral da Aliança Povo Unido. Em perspectiva, um belo convívio para os gráficos.

A trágica morte de 14 bombeiros

A trágica morte de catorze bombeiros perto de Armamar, quando, no cumprimento do seu dever voluntariamente assumido, combatiam as chamas de um incêndio florestal — que, como muitos outros, se presume ser de origem criminosa — causou em todo o País profunda emoção. Mas também indignação: como é possível que, dado o agravamento da situação nos últimos anos, os sucessivos governos de direita (uns com o PS, outros sem ele) não tenham tomado medidas eficazes? Não estare-

mos perante um crime quase tão grave como o dos próprios incendiários?

Na passada segunda-feira, o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, em telegrama, enviou «sentidas condolências do PCP à corporação dos bombeiros voluntários, ao povo de Armamar e às famílias das vítimas pela trágica perda da vida de tantos generosos e heróicos soldados da paz no cumprimento da sua missão».

Nota da DORM do PCP

A propósito de um documento divulgado na passada terça-feira em «O Correló do Minho», como sendo da autoria de dirigentes locais do MDP/CDE, a Direcção da Organização Regional do Minho do PCP, distribuiu aos órgãos de informação uma nota em que, nomeadamente, se afirma:

«É inteiramente falsa e caluniosa a acusação feita a António Lopes, membro suplente da Comissão Política e responsável da DORM do PCP, de que teria acusado o eng. Pinheiro Braga de actos indignos enquanto vereador da APU na Câmara de V.

N. de Famalicão. Tal mentira, que define quem usa tais processos, não conseguirá porém lançar a desconfiança entre democratas consequentes. Pela nossa parte, agora como sempre, recusamos entrar nos caminhos da intriga e da calúnia com que alguns pretendem minar e dividir as forças coligadas na APU (PCP e MDP/CDE), que mais consequentemente se têm batido contra a política de direita e por um novo rumo democrático para o País. Tais processos são próprios, não de democratas consequentes, mas de adversários da APU em desespero de

causa perante o crescimento da influência e do prestígio da APU.»

E a nota conclui:

«A poucas semanas das eleições legislativas, a DORM do PCP apela a todos os democratas que apoiem a APU no distrito de Braga para que se unam e concentrem energias e vontades na batalha para derrotar as forças responsáveis pela política de direita nos últimos nove anos, assegurando uma grande vitória eleitoral da APU, condição necessária para uma alternativa democrática.»

A CGTP-IN e as eleições

Na primeira linha: Problemas concretos dos trabalhadores

«Os trabalhadores entenderão a batalha eleitoral como parte integrante da luta pela resolução dos seus problemas concretos», afirma a CGTP-IN na sua primeira tomada de posição sobre as próximas eleições legislativas.

A Central do movimento unitário, que se esforçará para que «o sentido do voto dos trabalhadores seja coincidente com o objectivo das lutas travadas» e não venha a trair «as suas aspirações e interesses de classe», sublinha que «a marcação de eleições legislativas e a campanha eleitoral em curso não constituem factor de «paragem» na luta dos trabalhadores».

Ao divulgar as conclusões de uma reunião de dois dias (5 e 6), com a «presença das primeiras estruturas do movimento sindical, incluindo o Conselho Nacional da CGTP-IN», a direcção da Inter faz notar que «a participação em grandes acontecimentos políticos do País não é exclusivo dos partidos, antes deve envolver a generalidade das forças e organizações sociais».

Depois de sublinhar que essas forças e organizações se encontram entre as primeiras que dão voz aos «problemas diários e concretos da população portuguesa», a CGTP-IN rejeita qualquer tentativa de «órgãos da comunicação estatizada, designadamente a RTP e RDP, no sentido de marginalizar os trabalhadores e o seu movimento sindical no debate dos grandes problemas do País, no momento em que sobre estes se impõe uma profunda acção de esclarecimen-

to político que ultrapassa e clarifica o alcance da demagogia eleitoralista».

Naturalmente que a Inter não mete tudo no mesmo saco. Limita-se a reclamar o lugar destacado que lhe cabe numa acção política de alcance nacional. Para isso mobilizará «as estruturas sindicais a todos os níveis, com o firme objectivo de proporcionar uma opção de voto esclarecida, que se traduza numa modificação real e qualitativa da política seguida nos últimos nove anos».

Amplio consenso social

Ao defender uma solução política «assente num amplo consenso social» a Inter explica o que entende por isso, designadamente sublinhando que esse consenso deve apontar «priorita-

riamente para a resolução dos mais candentes problemas sociais, herdados da política anterior». Deve ser uma política capaz de tomar «medidas firmes que encaminhem o País no sentido da recuperação económica e do desenvolvimento, da reposição da legalidade violada e da consolidação do regime democrático, no pleno respeito pela Constituição e pelo 25 de Abril».

Esta posição deriva, por um lado, do facto conhecido segundo o qual os problemas concretos dos trabalhadores continuam por resolver, e «alguns até têm sido agravados pelo Governo de gestão».

Por outro lado, destaca a direcção da Central, «a luta é, por si só, um importante factor de clarificação face aos programas e às promessas eleitorais que abundam neste período, assumindo-se como uma das formas específicas da intervenção dos trabalhadores e do seu movimento sindical no debate e nas opções eleitorais».

A CGTP-IN faz um apelo aos trabalhadores para que participem em massa nas iniciativas que vai desenvolver.

Esteiros

Soeiro Pereira Gomes

Internacional

África
do SulManobras de Reagan
para salvar o apartheid

O presidente dos EUA, Ronald Reagan, deu na passada segunda-feira mais um espectáculo em que evidenciou as suas qualidades como artista medíocre e político inqualificável. Num discurso transmitido em directo pela rádio e a televisão para todo o país, Reagan anunciou a decisão de impor algumas sanções contra a África do Sul cujo objectivo, segundo disse, é «encorajar as autoridades de Pretória a porem fim ao sistema de apartheid».

Reagan, que não se esqueceu de reafirmar que a política norte-americana em relação à África do Sul continua a ser a de «envolvimento construtivo» seguida até agora, com a diferença de que o tal «envolvimento» passou a ser «activo», anunciou ainda o regresso do embaixador dos EUA a Pretória com uma mensagem da Casa Branca para Pieter Botha dando a conhecer o «sole-ne ponto de vista de Washington quanto à presente crise e com a perspectiva do que será necessário fazer para restaurar a confiança externa passando da fase da confrontação para a das conversações».

A manobra não podia ser mais clara. Incapaz de impedir o debate das propostas de sanções mais duras em preparação na Câmara dos Representantes e no Senado, não obstante todas as pressões feitas nesse sentido, Reagan aposta numa jogada de antecipação anunciando as suas sanções de carácter administrativo. Para evitar o debate e lançar poeira nos olhos da opinião pú-

blica, em particular norte-americana, cada vez mais activa nas suas acções de solidariedade com a luta do povo sul-africano.

O mínimo que pode dizer-se é que tal manobra está à partida condenada ao fracasso. Pode, evidentemente, retardar mais um pouco o isolamento da minoria branca no poder na África do Sul, mas não impedirá o ascenso da luta de massas.

Como várias vezes tem sido dito pelos verdadeiros opositores do apartheid, tão abominável regime não pode ser reformado, tem de ser destruído. E nenhuma «transição gradual» é possível, como salientou o presidente do ANC, Oliver Tambo, em recente entrevista ao semanário norte-americano «Newsweek».

As únicas negociações que nós poderíamos aceitar — afirmou Oliver Tambo — seriam relativas aos mecanismos para a passagem imediata para um regime baseado na regra da maioria. E não é necessário ser-se especialista das questões sul-africanas para prever qual



Liberdade para Nelson Mandela, uma exigência constante na luta do povo da África do Sul

será o resultado dum eleições livres na África do Sul em que vigore o critério de um homem um voto!

Sabem-no os racistas de Pretória como o sabe Ronald Reagan, pelo que procuram desesperadamente evitar o desenvolvimento da luta de massas, prometendo reformas menores que deixem intactas as questões de fundo, ao mesmo tempo que a repressão policial e militar atinge proporções inéditas.

Nem sequer falta a chantagem e a ameaça aos países vizinhos da África do Sul. O ministro dos Negócios Estrangeiros, «Pik» Botha, divulgou a propósito uma declaração onde se afirma que quaisquer sanções provocarão uma radicalização das autoridades racistas, podendo «muito bem abrir um processo conducente à miséria e ao sofrimento para milhões de negros inocentes em toda a África Austral».

Uma linguagem que já não co-

lhe, uma ameaça que não faz sentido. Os «milhões de negros inocentes da África Austral» conhecem bem a miséria, o sofrimento, a exploração e a discriminação a que têm sido sujeitos pelas autoridades de Pretória.

A liquidação do apartheid é um objectivo que há muito galgou as barreiras sul-africanas. A minoria branca da África do Sul parece ser a única que ainda não se deu conta disso.

«O Conselho de Segurança da ONU rejeitou o pedido de admissão de Portugal. Porque? Porque Portugal é governado pela camarilha salazarista e durante a guerra auxiliou Hitler, que auxiliou e auxiliou Franco, que entregou Timor aos militaristas japoneses, que condena o povo português à mais feroz ditadura fascista. Esta foi a razão por que Portugal não foi admitido na ONU».

«Salazar diz agora, na 'nota oficiosa' de 4 de Setembro, que não está 'pesaroso de não entrar'. A verdade é ter julgado poder comprar a sua admissão na ONU a troco de concessões ruinosas para a nação, feitas à Inglaterra e Estados Unidos, entre as quais: a entrega efectiva à Inglaterra do comércio externo das conservas (assim como de outros produtos); o acordo monetário que salda praticamente a dívida inglesa a Portugal; a entrega das bases dos Açores, a dívida de 25 000 contos do que faz falta ao estômago do povo para as campanhas pretensamente humanitárias da UNRRA. Salazar entrega os seus embaixadores e diplomatas aos fomentadores de guerra para as suas manobras e conspirações. Mas todas estas concessões ruinosas que roubam a independência ao País e o encaminham para perigosas aventuras, não foram bastantes para que Salazar entrasse na ONU» (...)

(«A ONU Votou Contra Salazar» — «Avante!», VI Série, n.º 94, Setembro de 1946)

AVANTE!

«Em 1945, sob a orientação do Partido Comunista, os trabalhadores alcançaram uma grande vitória, apesar de toda a série de trapaças e falcatruas usadas pelo fascismo para evitar que os trabalhadores colocassem à frente dos seus sindicatos homens da sua inteira confiança. Não obstante isso, muitas direcções honradas foram eleitas, e mais o seriam se então os trabalhadores não tivessem cedido às manobras e provocações dos rafeiros do fascismo, abandonando, em muitos casos, as Assembleias Gerais como protesto contra as irregularidades que estavam sendo cometidas, deixando assim o campo livre aos inimigos dos trabalhadores».

«Enriquecidos com a experiência de 1945, os trabalhadores, seguindo sempre a orientação do seu melhor guia — o Partido Comunista — preparavam-se para correr das direcções dos Sindicatos os seus piores inimigos — os vendidos ao governo fascista e ao patronato reaccionário e explorador» (...)

«Dando-se conta da firme disposição e compreensão dos trabalhadores (...) o governo fascista de Salazar, desrespeitando as suas próprias leis e faltando às promessas feitas, publicou o célebre decreto de 28/12/45, adiando por mais dois anos as eleições sindicais» (...)

«Apesar de todas estas medidas antidemocráticas e terroristas, o governo enganou-se e enganar-se-á, estamos disso certos, se julga que os trabalhadores esgotaram todas as suas energias combativas e perderam o amor à Democracia e à Liberdade»

(«Preparamo-nos para as Eleições Sindicais de 1947-48» — «Avante!», VI Série, n.º 107, Setembro de 1947)

CHILE

Luta popular contra a ditadura

Foi num dia como o de hoje que o fascismo vestiu de luto um povo que se orgulhava de ter na sua história uma experiência quase inédita na América Latina — escolha por sufrágio popular de um presidente da República que tinha como objectivo a construção da democracia e do socialismo.

Ninguém se recorda hoje desse dia fatídico de 11 de Setembro de 1973 a não ser como o de um pesadelo. Os milhares de mortos, presos, desaparecidos, torturados, que marcaram para sempre esse Setembro negro,

ferozmente golpeadas pela ditadura de Pinochet, pudessem de novo levantar a cabeça e dar voz à profunda aspiração popular de retorno à democracia. O estado de sítio, a censura, o aparato repressivo, os estádios

Doze anos depois do golpe fascista, o dia de Setembro que se recorda no Chile é o da eleição de Allende, símbolo da esperança e exemplo vivo de que a democracia é possível.

A jornada de luta levada a cabo há uma semana, exigindo uma vez mais o fim da ditadura, é bem o exemplo disso. A repressão policial, que se saldou em onze mortos e largas centenas de feridos, não conseguiu evitar o grito de protesto que ecoa em todo o Chile: **Basta!**

Basta de fascismo, basta de ditadura, basta de ingerência imperialista.

A luta popular assume uma dinâmica que não é possível pa-

rar. Entenderam-no mesmo as forças mais conservadoras e de direita que abandonaram Pinochet e a cujos interesses de classe a ditadura fascista não corresponde.

O acordo nacional para a transição até à plena democracia, subscrito recentemente por onze partidos de todos os quadrantes políticos, reflecte a nova realidade chilena. Pesé embora as profundas diferenças que os separam, todos têm de imediato um objectivo comum — o derrube da ditadura. Para tal, propõem-se conjugar esforços para, entre outras coisas, levar a cabo a realização de eleições para a Presidência da República e para o Parlamento, através do sufrágio

directo, a legalização dos partidos políticos e a revisão da Constituição de 1980.

A reacção do governo de Pinochet não se fez esperar. Enquanto no sábado de madrugada a polícia prendia nas respectivas residências sessenta e quatro dirigentes de partidos políticos da oposição, membros de organizações de defesa dos direitos humanos e sindicalistas, no domingo um ministro da presidência afirmava serem completamente inaceitáveis as reivindicações contidas na proposta de acordo para a transição para a democracia plena.

A ditadura chilena, como todas as ditaduras, não deparará as armas se a isso não for obrigada.

A História é nossa,
e fazem-na os povos

O Presidente Allende,
em 11 de Setembro de 1973



quase fizeram esquecer que há 15 anos o mês começara de forma radiosa com a eleição de Salvador Allende como presidente do Chile. Muito tempo passou antes que as forças democráticas chilenas,

transformados em prisões, a exploração desenfreada, as actividades para-militares da ditadura, as ajudas da CIA e o apoio económico e político dos EUA não conseguiram no entanto que Pinochet fosse aceite no Chile.

ETIÓPIA

Uma data, 2 aniversários

O povo da Etiópia assinala hoje a passagem de duas datas importantes na sua história: o 11.º aniversário da Revolução e o 1.º aniversário da fundação do Partido dos Trabalhadores da Etiópia.

As efemérides, que coincidem com o início do Ano Novo etíope, representam sem dúvida dois marcos fundamentais num país

que tão duramente tem sido atingido pelo flagelo da seca e suas brutais consequências. Marcos porque, pese embora o elevado preço material e humano cobrado por uma situação gerada pela herança do feudalismo, as pressões do imperialismo e as catástrofes naturais, o povo etíope começa a viver.

Graças à ajuda internacional,

sem dúvida, mas sobretudo graças ao esforço conjugado do povo e do Partido para implementar medidas de fundo que consolidem a revolução e garantam os meios de enfrentar o futuro com confiança. Um trabalho cujos frutos levarão o seu tempo a colher mas pelos quais os etíopes sabem que vale a pena lutar.

Em Foco

Avante!

Ano 53 — Série VII
N.º 611

13 de Setembro de 1985

3.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente



Uma Festa é uma Festa. Mas uma vez que estamos na Festa do «Avante!», concebida e realizada pela inteligência, os braços, o esforço, o empenhamento, o entusiasmo dos comunistas, também esta Festa sugere que, tal como a levantámos grandiosa e magnífica num terreno abandonado e pedregoso, seremos capazes de levantar o país da degradação e da miséria em que se encontra e torná-lo ainda mais belo, com o desenvolvimento económico, a expansão cultural, a liquidação da miséria, da fome e do analfabetismo, o melhoramento constante do bem-estar dos portugueses — no quadro da liberdade, da democracia e da independência da pátria.

(Álvaro Cunhal no comício da Festa do «Avante!»)

festas do
Avante!



Andar pelo Alto da Ajuda era percorrer o País sem grandes esforços e experimentar-lhe as delícias sem grandes despesas

Abril ao Alto, País na Ajuda!

Relva fresca num descampado, água a escorrer de torneiras penduradas numa azinheira, um rato à procura de um buraco que dava uma garrafa de vinho do Porto, um ente «cibernético» a pipilar luzes quando alguém lhe introduzia donativos para a campanha da APU, um Arco da Rua Augusta a dizer que se esqueceram de trazer o Terreiro do Paço e convidar o D. José, um pavilhão de colecionadores onde se comprou desde carteiras de fósforos a foies e máquinas de escrever, uma «cascata de S. João» a mostrar que a tradição popular no Porto toma em consideração o presépio mas não se esquece da Branca de Neve e dos Sete Anões, fachadas de igreja, Câmara e fontenário a emergirem no recinto com rigor de linhas e proporções — eis algumas amostras do engenho, humor e insólita imaginação que as Organizações Regionais do PCP levaram para a 10.ª edição da Festa do «Avante!». Agora venham cá dizer que os comunistas são macambúzios, monótonos e tocados a cassetete...

A relva era relva mesmo, plantada de fresco em terra trazida dos campos do Sorraia. Estava em canteiros da ORSA (Santarém), a enquadrar um repuxo e um lago que pedia moedas para o novo CT de Rio Maior (tiraram-se de lá uma data de sacos de moedas...). As torneiras «deitavam» água do alto de uma azinheira «plantada» no pavilhão da ORA (Alentejo), e encontravam-se aparentemente ligadas... ao ar. O rato movimentava-se numa espécie de rifa onde ele decidia o número premiado ao entrar num dos buracos numerados. Pertencia à ORP (Porto), tal como a «cascata de S. João», uma curiosa construção miniatral identificada como «Tradição popular da cidade do Porto» onde se arumavam desde os elementos do presépio português até representações figurando personagens de contos tradicionais, nomeadamente a Branca de Neve versão Walt Disney! Quanto ao «ente cibernético», Arco da Rua Augusta e pavilhão dos colecionadores eram novidades presentes na DORL (Lisboa), enquanto as reproduções de edifícios e monumentos se encontravam na DORS (Setúbal).

Se os exemplos atrás referidos constituem (constituíram) surpresas mais ou menos pitorescas, mais ou menos bem humoradas e, sem dúvida, originais, no muito que podia ver e apreciar nos diversos pavilhões das Organizações Regionais do PCP, é óbvio que não se esgotava aqui o interesse deste sector.

As Organizações Regionais do PCP são sempre o País na Festa e um dos seus grandes polos de atracção. Do Minho ao Algarve, passando pelas Regiões Autónomas, lá estão todas as zonas que fazem o território nacional e, sobretudo, a nossa identidade social, económica, política e cultural. Não porque esteja lá tudo até à exaustão, mas porque se encontra lá o essencial para a sua compreensão. E fruição.

Problemas em exposição

Compreensão, em primeiro lugar, dos problemas com que cada Região se defronta. As exposições políticas que todas as Organizações patentesiam aos visitantes na Festa constituíam, este ano, um vasto painel crítico

deutividade e no investimento, mostrava-se com simplicidade e abundância de dados o tal «estado da Nação» que Mário Soares e a restante direita gostam de papaguear em discursatas para esconder a profunda degradação a que conduziram o País. É claro que neste aspecto ganharam particular relevo as exposições das Organizações Regionais de Lisboa, Porto, Setúbal, Alentejo e Santarém, dadas as situações sócio-económicas particularmente críticas aí existentes, mas as amostras do Minho (para começarmos numa ponta), Beiras (Litoral e Interior), Leiria, e Algarve, não se ficaram atrás na amostragem das duras realidades que se vivem em cada distrito do continente, o mesmo sucedendo com as exposições das Regiões Autónomas da Madeira e Açores.

É inevitável resumirmos aqui (ainda que elementarmente) o que cada Organização Regional expôs no seu pavilhão político. Interessa, sim, subli-

nar que, quer se tratasse dos pequenos agricultores do Baixo Mondego ou dos operários de Setúbal, dos baldios no Norte ou da Reforma Agrária no Sul, das pescas ou da indústria, do comércio ou dos serviços — tudo o que economicamente faz este País e socialmente envolve este povo se encontrava presente, de viva voz e sem discurso directo, nas respectivas Organizações Regionais com que o PCP trava a sua luta política em todo o

os «stocks» foram todos mais ou menos abaixo!

Mas não só as OR's estiveram na Festa — outras organizações do Partido se juntaram mais uma vez às primeiras, para completar o quadro da actividade e da vida do Partido no seio das massas.

O Pavilhão da Mulher teve este ano um espaço próprio onde o debate e o convívio, os espectáculos e a exposição, a ginástica e o teatro, a arte



País, tratando a realidade por tu e vivendo (sempre) dentro dela.

Mas as exposições políticas das Organizações Regionais não se esgotavam nas denúncias, tal como cada OR não se limitava à exposição.

Ao lado das denúncias e balanços da política reaccionária do Governo de Soares, cada Direcção Regional recordava as lutas entretanto travadas na sua zona, as dificuldades encontradas e as vitórias conseguidas e as razões por que, cada uma delas, se empenha com confiança na batalha eleitoral que se aproxima. Confiança no reforço e na vitória do PCP e da APU, das forças democráticas, do Portugal de Abril.

Entretanto cada OR não se esgotava na exposição, longe disso. Cada uma delas primou em ser uma verdadeira «embaixada» da Região representada, oferecendo ao visitante o suficiente para, na comodidade do Alto da Ajuda, poder apreciar o que de melhor se produz em cada região do seu País, quer se fale de artesanato, culinária, produtos alimentares ou criações artísticas.

Torna-se também impraticável resumir o que, do País, se oferecia ao visitante em cada Organização Regional. Como dar relevo às espetadas madeirenses sem lesar o marisco do Algarve, falar da feijoada transmontana e esquecer o ensopado alentejano, louvar o solar do vinho do Porto e ir a correr ao queijo açoreano, ou — mais grave ainda! — alongarmo-nos na infinidade de ofertas gastronómicas e ficarmos impossibilitados de falar dos produtos do mercado da Reforma Agrária, do riquíssimo artesanato de todo o País, das exposições e mostras artísticas, do trabalho ao vivo da madeira e do barro, etc, etc?

Como dizia o poeta, «vale mais experimentar-lo, que julgá-lo»... E lá que a imensa multidão de visitantes experimentou, em grande, não há dúvidas:

e o artesanato, as propostas do Partido e da APU para as mulheres constituíram um contínuo ponto de encontro para as multidões que, ininterruptamente, passaram por esta organização.

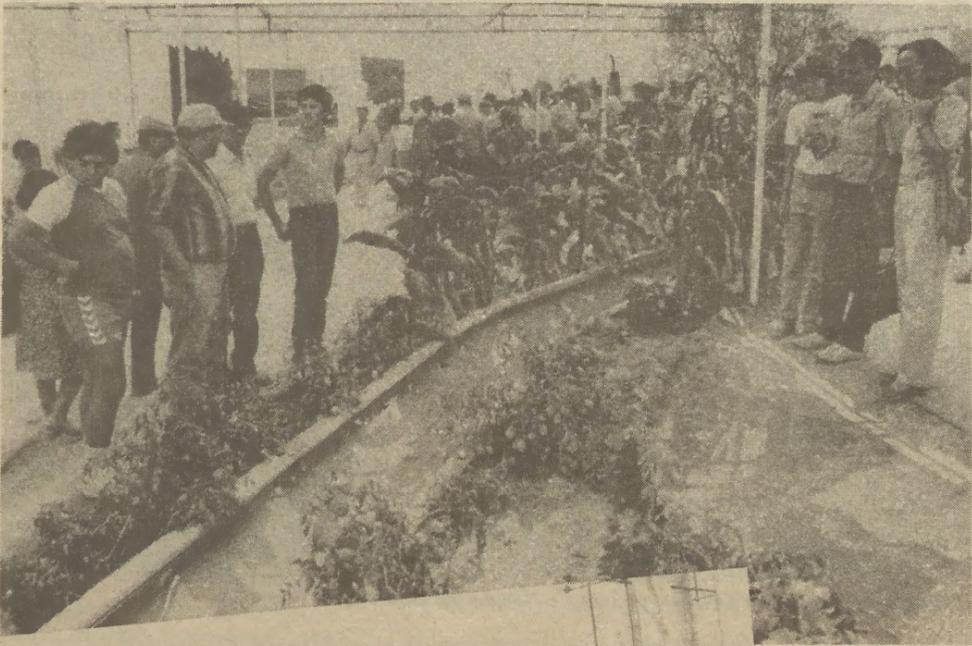
Também em zona própria estiveram os problemas e direitos dos Reformados, onde, a par de uma exposição retratando a situação social desta camada da população (em destaque a Lei das Renditas e suas consequências, a escandalosa actuação deste Governo e as propostas do Partido para a solução dos problemas que afectam os reformados) se estabeleceu o contraste com a actuação das autarquias APU nas suas realizações em prol dos Reformados e se promoveram diversos colóquios.

«O Militante», comemorando dez anos de publicação em liberdade, estava este ano junto à Exposição Política central. Ali se podia obter o Boletim da Organização do Partido e diversas publicações particularmente dedicadas às questões orgânicas, adquirir lembranças e apreciar um excelente diaporama dedicado ao 10.º aniversário da actual série de «O Militante». Entretanto quem quisesse podia colocar as suas dúvidas respeitantes à Organização do Partido, num espaço especificamente criado para o efeito.

Mais dois pavilhões — da «Emigração» e «Deficientes» — tinham o seu lugar reservado na Festa para apresentação dos problemas específicos destas camadas, denunciando a indiferença de sucessivos Governos, as promessas não cumpridas, o desprezo que, no final de contas, tem sido a linha de actuação dos responsáveis pela política nacional para com as graves dificuldades vividas por estas camadas. Mais uma vez a Festa constituiu quase o único espaço onde estas questões têm oportunidade de vir a público.



Reprodução do Arco da Rua Augusta: um dos muito exemplos da imaginação, talento e humor que povoaram a Festa



Expôr e propôr

festas do **Avante!**

«A luta do Povo português foi um factor decisivo para a contenção e derrota de muitos aspectos da política de direita imposta pelo PS, PSD e CDS — VALEU A PENA LUTAR!»

Esta afirmação estava em destaque na exposição presente no Pavilhão Central da Festa e dava o tom à própria exposição, que este ano se debruçou essencialmente sobre as grandes lutas dos trabalhadores e do Povo português em defesa da democracia e por uma alternativa democrática.

O que foi essa política, estava bem patente na Exposição — tal como apontados estavam os principais responsáveis pela degradação da nossa economia. Mas sobretudo oferecia-se ao visitante, devidamente organizada, uma amostra da luta que se travou e se trava contra a política restauracionista conduzida por Mário Soares. Num palco (exactamente intitulado «O Palco da Luta») desfilaram durante a Festa essas mesmas lutas, pela voz de muitos que as conduziram e encontrando eco nos muitos e muitos que nelas se reconheceram.

Dividida em zonas, a Exposição dedicava a seguir uma atenção específica à actuação do Partido nos problemas nacionais, actuação essa referenciada com algumas frases centrais: «PCP — Confiança do Povo, ligação aos trabalhadores, vanguarda da luta; «Foi justo lutar contra o governo PS e contra os governos de direita que se seguiram»; «Determinação, coragem, luta para defender e prosseguir Abril!».

O Poder Local estava, naturalmente, contemplado na Exposição, merecendo zona própria onde se explicava o porquê da superioridade da gestão APU, se resumia a profunda mudança operada por esta na vida das popu-

lações, se dizia como é o trabalho da APU quando em minoria, se estabelecia o vivo contraste que existe entre os estilos de trabalho da APU (sempre guiado por critérios de competência e isenção) e das outras forças políticas (todas «tocadas» pela incompetência e corrupção), se denunciava a ofensiva governamental contra esta conquista de Abril e se provava que o voto certo é, de facto, na APU, nas próximas eleições autárquicas.

Outro tema de relevo: as propostas do PCP para uma nova política e um novo governo. Aí se fazia a caracterização económica, financeira e social da crise, se apontava a política económica que o PCP propõe e se defi-

niam as três grandes linhas necessárias para a recuperação e desenvolvimento do País, desembocando na proposta eleitoral da APU, com cinco objectivos essenciais. Aliás a vitória da APU era apontada como indispensável para salvar o País, na prossecução de «um novo rumo no caminho de Abril» e na concretização da formação de um Governo de Salvação Nacional.

De destacar ainda a amostragem do trabalho do PCP na Assembleia da República, de solidariedade internacionalista com os povos em luta, contra o racismo e pelo fim do *apartheid*, e ainda uma exposição evocativa, dedicada aos 10 anos da Festa.

A Festa ainda não acabou

Quando à laia de despedida se diz na meia-noite de domingo «então até pró ano» não se está a dizer uma verdade. A Festa ainda não acabou. Para várias dezenas de camaradas e amigos a Festa continua.

A Festa do convívio e do trabalho prolonga-se ainda vários dias depois do último minuto de domingo. É a Festa de preservar o material, para que para o ano possa haver alegria uma vez mais durante três dias.

Vem tudo isto a propósito dos sons que se começam a ouvir ainda muitos visitantes não abandonaram o recinto da Festa do «Avante!». São sons que nos marcam a todos.

São cada vez menos os grupos de amigos que teimam em continuar a Festa. No entanto, para muitos é a nostalgia que os envolve. Já não há música. O recinto ainda há bem poucos minutos repleto de gente está praticamente vazio, os motores dos veículos começam a roncar e já se ouve a batida surda dos martelos.

Os corpos estão cansados e os pés parecem não querer obedecer a caminho da saída. Agora, só para o ano é que nos voltaremos a encontrar no Alto da Ajuda.

Não é bem verdade. O silêncio que nos perturba en-

trecortado com o ruído dos veículos e das pessoas que começam imediatamente a trabalhar, querem somente dizer que o Alto da Ajuda ganhou nova vida. Que muitos e muitos camaradas começam desde já a armazenar todos os materiais que usaram para construir aquela que foi a mais bonita Festa de sempre.

O Casalinho da Ajuda renasce para uma nova vida minutos depois da meia-noite. Uma vida que se prolongará ainda por algumas semanas. Uma vida que urge deixar repousar para uma vez mais poder arrancar com toda a sua alegria.

É este o trabalho que neste momento nos espera no Alto da Ajuda. Desimplantar a Festa. Retirar as placas, armazenar as estruturas, reparar as infra-estruturas primárias. Enfim, preparar a Festa para o próximo ano. Desde já!

Por tudo isto continuam as jornadas de trabalho. Por tudo isto continua a ser necessária a presença no Alto da Ajuda de todos os camaradas e amigos que querem ver preservados os materiais que ajudaram a viver a décima Festa do «Avante!». Já a pensar na décima primeira.

Ao trabalho pois então!

Quantas centenas de milhar?!...

festas do **Avante!**

EP's premiadas

O sorteio das EP's realizou-se às 20 horas de domingo, no próprio recinto da Festa, mais concretamente no coreto da Organização Regional do Alentejo.

Os números premiados foram os seguintes: 1.º 14 785; 2.º 241 069; 3.º 141 682; 4.º 78 282; 5.º 44 035.

Festival nos olhos e no coração

A Quinta Bienal de Artes Plásticas, encarada no conjunto da Festa, merece já nestas primeiras linhas uma palavra de admiração profunda e emocionalmente sentida pela globalidade das obras expostas: mais de 350 obras de 200 artistas, e ainda 130 gravuras de 45 artistas de 28 países.

Naturalmente sem desmérito para o resto da Bienal, e pondo de lado (por simples e necessária administração deste espaço aqui dedicado às artes plásticas na Festa) outros aspectos fecundos da vida do pintor, podemos invocar por confirmação directa uma dezena de breves opiniões e algumas exclamações simples, mas significativas, que consolidaram este ano uma opinião já firme sobre a extraordinária qualidade artística do trabalho de Gil Teixeira Lopes, artista convidado presente com quatro dezenas de obras.

Fomos forçados — é o termo — a parar demoradamente diante de alguns sumptuosos objectos que, muito para além dos materiais utilizados e da própria forma de expressão — inteiramente dominados, aliás — rompem, a nosso ver, com a tradicional escala hierárquica que costuma, com razão ou sem ela, ser atribuída à pintura.

Por isso aqui falámos de objectos plásticos com a «autorização» não de

opiniões abalizadas de conhecedores profundos do que estão a ver, mas com o abalo sensorial, emotivo, difícil de transmitir, é certo, mas nem por isso menos verdadeiro e válido para quem se interessou pela mostra do artista convidado desta Bienal.

Conversámos ao acaso com alguns desses interessados. Entre uma multidão necessariamente heterogénea, que na sua grande maioria só vê este tipo de arte quando ele vem ter directamente com ela, as opiniões, mesmo as mais precisas, remetiam para o todo da Festa — encarada ela também como manifestação artística principal, como muito bem sublinharam os três «guias» da Bienal, Urbano Tavares Rodrigues, Manuel Augusto Araújo e Manuel Gusmão, que orientaram um colóquio sobre as exposições.

O dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Gulbenkian, que visitou com vagar a Bienal, acompanhado pela esposa, por artistas plásticos



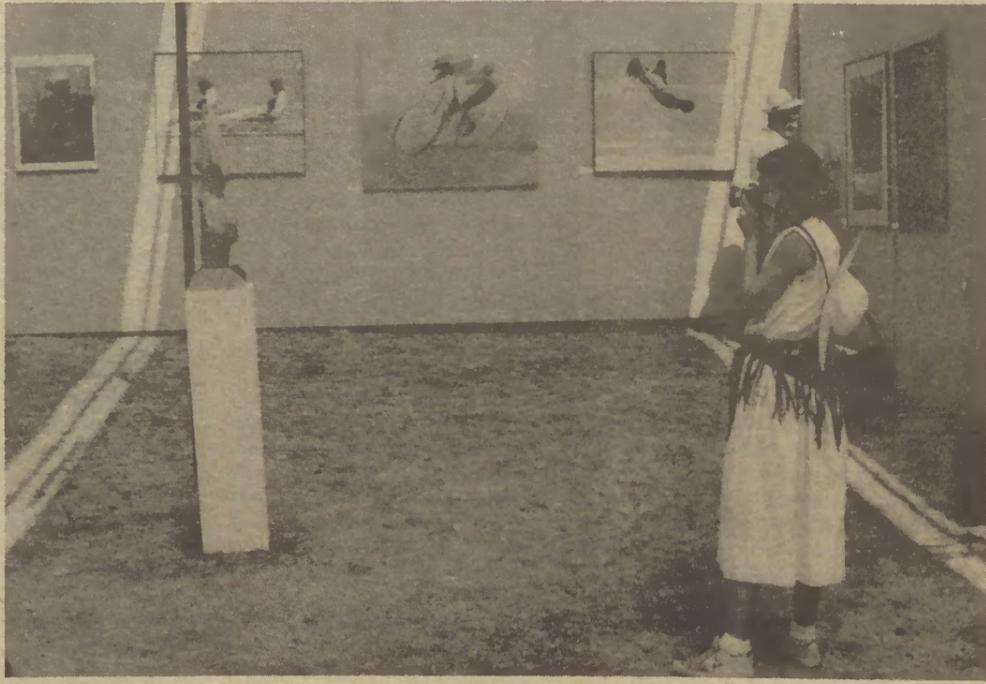
Gil Teixeira Lopes, com Álvaro Cunhal e outros dirigentes do Partido, na abertura da Bienal

como Rogério Ribeiro e outros dirigentes do PCP, manifestou com vigor o seu apreço pelo «aspecto cultural, educativo e social desta realização». E o seu apreço não se ficou pelas palavras, ainda que calorosas, pois, conforme declarou durante a visita, iria proceder no sentido de algumas obras expostas serem adquiridas para o Museu de Arte Moderna da Fundação. E ele próprio adquiriu duas gravuras de Gil Teixeira Lopes.

As atenções dos visitantes da Quinta Bienal foram solicitadas por três conjuntos de obras de elevada qualidade e mesmo mestria. Na sua variedade extensa e escolhida poucos terão sido os que não encontraram soluções artísticas a seu gosto tanto na Exposição Internacional da Gravura — iniciativa sem precedentes no nosso país — como na Bienal propriamente dita e nas gravuras de Gil Teixeira Lopes. Uma pena ficou a este vosso servidor: não poder comprar só uma. Ai!



Na Bienal, as artes plásticas encontram-se com um público invulgar — poderosa solicitação da Festa e viva curiosidade popular



A «Ribeira Negra», painel de Júlio Resende, destacava-se na arquitectura da Festa

NO LIVRO E NO DISCO

O corropio do costume



No Livro e no Disco foi o ininterrupto corropio do costume. Mas o hábito não foi levado tão à risca que não houvesse lugar para vendas excepcionais na **Décima**: caso flagrante de «O Partido com Paredes de Vidro» (esgotada toda a primeira edição de 15 mil volumes, lançada durante a Festa, e reimpressos entretanto mais cinco mil exemplares) e para a «Carvalhesa», o muito conhecido «hino» da APU.

va há um ano e que às vezes lá tinha ficado à nossa espera no fundo de uma pilha de «monos» agora acarinhado em boas mãos.

Vendeu-se de tudo. Os camaradas — todos, e para eles todos os elogios

Num curto balanço ainda provisório e muito incompleto, depois do comício de domingo — estava Manuel da Fonseca autografando, autografando — Baptista da Costa, o responsável pelo pavilhão nessa altura, dizia-nos que o aumento das vendas relativamente ao ano passado excedia os 27 por cento e deveria situar-se no final para além dos 30 por cento entre livros e discos vendidos de numerosas editoras nacionais e estrangeiras distribuídas pela CDL.

Um dos espaços privilegiados da Festa, melhorado este ano como aconteceu de um modo geral com todos os pavilhões, com o serviço e com a comodidade oferecida, por lá se pode dizer que passou toda a gente. Compradores ou não (vimos alguns com dezenas de livros e olhmos com inveja sincera exemplares únicos que couberam a felizardos mais rápidos ou mais atentos) a livraria houve horas em que parecia um supermercado à cunha, com filas quase sobrepostas em bicos de pés por causa de um livrinho que se procura-

● Esgotada a 1.ª edição de «O Partido com Paredes de Vidro»



Livros e discos não pararam quietos, como é habitual



são poucos — não tiveram mãos a medir nas tarefas do Livro e dos Discos, desde as caixas registadoras à orientação das sessões de autógrafos (dezenas de nomes bem conhecidos e estimados pelos leitores) e ao serviço dos balcões.

Comprar livros, discos e outros objectos culturais ou de simples prazer deixa de ser na Festa — comprovou-se ainda melhor este ano — um acto de **escolhe, leva e paga**. É muito mais. É como que um acto de participação (mais um) na extraordinária obra colectiva que se vê todos os anos na Festa e que deixa sempre uma emoção bem sentida até ao ano que vem.

A palavra aberta

Ouvir e falar. Expor e debater. Nos imensos contactos que a Festa do «Avante!» proporciona todos os anos, na diversidade de manifestações que permitem o contacto com as realidades do País e do mundo, a palavra tem o seu lugar de destaque. E a palavra nos dois sentidos, que se não fica pelo discurso mas suscita o diálogo. O colóquio, pois.

Nas duas zonas onde o colóquio teve lugar de honra — o Forum e o Auditório do pavilhão central —, para além de muitos outros que, nas várias organizações, solicitavam a atenção e a participação dos visitantes, um amplo leque de temas estiveram abertos à palavra.

No **Forum**, a série de colóquios começou na própria noite de sexta-feira e logo às primeiras palavras do camarada Carlos Brito, que estava acompanhado pelos camaradas Marília Cabral e António Mota, o grande espaço se encheu de muitos participantes interessados nas propostas do PCP para as legislativas.

No dia seguinte, a juventude e os seus problemas iniciaram o horário — o Anº Internacional da Juventude e o XII Festival foram os pretextos e nos debates participaram os camaradas da JCP Paula Coelho, Góis de Carvalho e Jorge Patrício.

De novo, Carlos Brito, desta vez acompanhado pelos deputados João Amaral e Ilda Figueiredo, tomou a palavra traçando o balanço da actividade do grupo parlamentar do PCP.

Depois da sessão sobre o 10.º aniversário da independência dos novos países africanos de expressão oficial portuguesa (leer noutro local), novo colóquio. O camarada Carlos Costa, acompanhado por Severiano Falcão e por Luís Sá, falou sobre as autarquias e as perspectivas da APU nesse importante campo da actividade nacional que é o Poder Local democrático.

À noite, o Forum encheu-se de novo. Ia falar-se do Partido, da necessidade do seu reforço como força indispensável que é no nosso país. Participaram os camaradas Octávio Pato, Francisco Lopes, Rosa Rabiais, João Bernardino e Jerónimo de Sousa. A jornada encerrou com uma sessão de solidariedade com o povo da África do Sul.

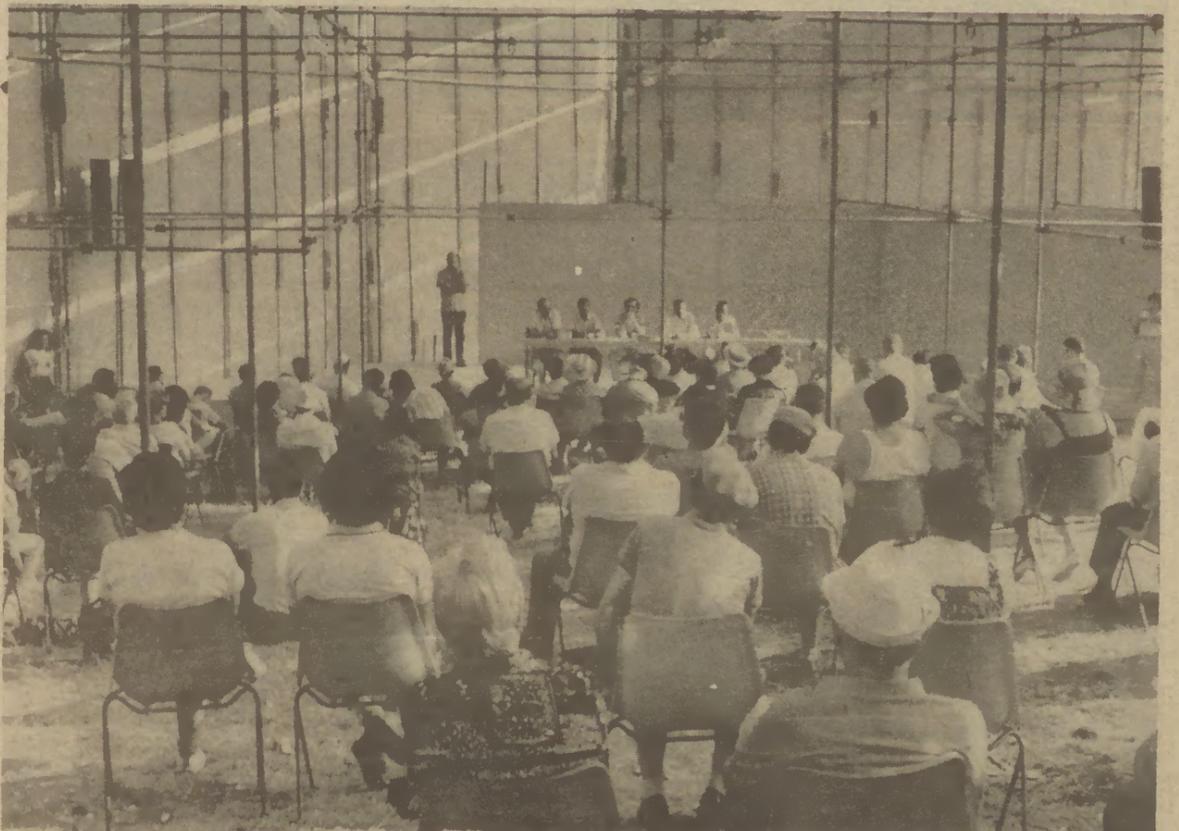
No domingo, depois da sessão de solidariedade com a Nicarágua e a luta dos povos da América Latina, que teve lugar antes do comício da Festa, o Forum recebeu ainda dois colóquios: o primeiro sobre as experiências de trabalho autárquico da APU, com Luís Sá, Helder Madeira, Daniel Branco e Fernando Cruz, e o segundo e último, sobre a Paz e a independência nacional, com os camaradas Pina Moura, João Amaral e António Pedro.

Auditório

No **Auditório**, os colóquios começaram no sábado. A experiência de defesa do Património Cultural em autarquias APU foi o tema do primeiro, em que participaram os camaradas Manuel Sobral, António Carvalho, Eufrásio Filipe, João Rocha e Sérgio Carrinho. O segundo, sobre a dinamização cultural e o poder local, teve a animá-lo os camaradas Martins Coelho, Maria D'Aires, Fernando António, José Amante e José Ganhão.

Espaço virado para as questões culturais, o Auditório contou ainda com um colóquio sobre teatro em que participaram Mário Jacques, Rogério Paulo, João Brites, Joaquim Benite e Helder Costa. Um colóquio sobre as cinco bienais de artes plásticas foi animado por Urbano Tavares Rodrigues, Manuel Gusmão e Augusto Araújo.

No domingo, realizou-se um animado debate sobre a política de direita e o Ensino, com a participação dos camaradas Lurdes Silva, Albertino Ferreira, Lucinda Sobral Henriques e António Filipe. O último colóquio do Auditório, dedicado à Literatura Portuguesa dez anos depois de Abril, contou com a participação de Óscar Lopes, Urbano Tavares Rodrigues e José Saramago.



Os colóquios e as sessões atraíram muita gente, mesmo quando espectáculos aguardados vivamente decorriam na Festa. No Auditório e no Forum, tal como em diversos outros locais, os colóquios foram em sessão continua

|| Adeus, mocinho ||

As sessões de autógrafos na Festa são sempre belas manifestações de simpatia. São também com frequência frutuosa contactos, saudáveis para o público e para os escritores. Na **Décima** também foi. Uma lista bem fornecida, que não cabe aqui pela demasiada extensão, proporcionou aos leitores o contacto e momentos de convívio com artistas e escritores — uns mais conhecidos, outros menos, mas todos com público e estimados — como o «Avante!» pôde mais uma vez verificar. Num momento não escolhido, num momento ao acaso, depois do comício de domingo, em que autografava os seus livros, Manuel da Fonseca, ao pé de três tarrafa-listas muito solicitados também pelos seus depoimentos (há vários publicados), a personalidade incomparável do criador de «Cerro maior», entre um abraço amigo para o colectivo deste jornal e o seu entusiasmo pela Festa, premiava-nos de certo modo a todos mandando à viola os seus achques e acolhendo o redactor como se ainda há pouco (e continua sob estrita vigilância médica) não tivesse sofrido uma séria advertência quanto à sua saúde. Recuperado a ponto de não faltar a nenhuma das sessões de autógrafos (e algumas dedicatórias eram bem extensas) Manuel da Fonseca despediu-se do redactor com um caloroso e bem alentejano «adeus, mocinho», que gostamos de registar aqui, porque entendemos ser essa uma manifestação de recíproca simpatia que podemos tomar sem exagero extensiva a todos os escritores e artistas que honraram este ano a Festa e os seus leitores.

festa do **Avante!**



A Cidade Internacional

Ali há de tudo e os «veteranos» sabem-no bem, pois o local é um dos primeiros lugares de visita na procura de uma lembrança, que pode ir da mais exótica bebida ao cartaz ou emblema. Os novos visitantes, e a Festa tem sempre novos visitantes, são muitas vezes apanhados desprevenidos pela variedade que encontram, descobrindo a alegria de passar em meia dúzia de passos da Europa para a América Latina, a Ásia ou a África.

Falamos, está claro, da Cidade Internacional. Um lugar que tem vindo a ganhar na Festa do «Avante!», como de resto todas as restantes iniciativas, uma presença cada vez mais marcante.

A melhor estruturação do espaço,

o aproveitamento dos locais à sombra para a instalação de palcos e mesas, conseguiu já evitar os atropelos dos primeiros anos. Este ano, em que o número de stands e restaurantes aumentou, as viagens pela Cidade fizeram-se de forma mais desafogada. Que é o mesmo que dizer que todos puderam aproveitar melhor o muito que havia para ver, ouvir e provar.

Como por exemplo, apreciar ao vivo o trabalho fantástico de um escultor, Ferenk Polyak, com música húngara como pano de fundo e muito interesse popular; não é todos os dias que se pode assistir à transformação de um tronco de madeira, tão grande que para o pôr de pé foi necessária a ajuda de muitos, numa obra de arte (ler noutra local).

Como não é todos os dias que se podem enviar mensagens para a África do Sul, escrevendo num imenso rolo de papel, quantas vezes com lágrimas nos olhos, palavras de apoio, estímulo, admiração pela luta do povo sul-africano. Ou ouvir os camaradas do Chile ou do Afeganistão falarem das respectivas lutas e realidades, desses percursos que não sendo os nossos tanto têm em comum com os ideais por que nos batemos.

E ficar, como muitos ficaram, en-

golindo a emoção ao ouvir, dum qualquer país a milhares de quilómetros de Portugal, palavras de agradecimento pelo nosso 25 de Abril, a Revolução dos cravos, que tanto incentivo deu a outros povos.

Aqui a música alegre da RDA e as suas mensagens de paz; mais além o exotismo da comida tradicional de Angola; na outra ponta a tentação duma «cuba livre» fresquinha; vindo na aragem um cheirinho a pizza italiana; a súbita descoberta dos pratos soviéticos em exposição, num regalo de frutas e outras coisas em que o apetite não se saciava só com os olhos...

Havia de tudo um pouco, é bem verdade. Mas mais do que em qualquer dos anos anteriores, notava-se a preocupação de informar e ser informado, de aproveitar bem os dias da Festa para enriquecer os conhecimentos sobre o mundo. Salienta-se, neste esforço, a preocupação dos países da comunidade socialista em lembrar a guerra. Num contraste sugestivo, as imagens da destruição a preto e branco, as da construção numa explosão de cores. A tristeza e a dor contra a alegria e a confiança. A morte contra a vida. O passado e o que é já o futuro, como os povos o sonham.



Solidariedade com o povo da África do Sul, os dez anos de independência dos países de expressão oficial portuguesa, a luta popular na América Latina — eis os temas de três sessões que deram uma expressão mais viva ao internacionalismo na Festa



Delegações estrangeiras

Na Festa do «Avante!» estiveram presentes 38 delegações estrangeiras, em representação doutros tantos órgãos de imprensa de movimentos e Partidos comunistas e operários dos seguintes países:

Afeganistão, África do Sul, República Democrática Alemã, República Federal Alemã, Angola, Argentina, Barhein, Bélgica, Berlim-Oeste, Brasil, Bulgária, Cabo Verde, Checoslováquia, Chile, República Popular Democrática da Coreia, Costa Rica, Cuba, Espanha, Etiópia, França, Grécia, Guiné-Bissau, Hungria, Itália, Japão, Jugoslávia, Líbano, Nicarágua, Palestina, Polónia, El Salvador, Suíça, Timor-Leste, Turquia, União Soviética, Uruguai, Vietname e ainda da Revista Internacional.

Mensagens

Entretanto, enviaram mensagens de saudação e desejos de sucesso os seguintes órgãos de imprensa e Partidos:

«Tribune», órgão central do PC do Canadá; «Haravgi», órgão central do Akel, de Chipre; o PC da Dinamarca e o seu órgão central; «Kansan Uututiset», órgão central do PC da Finlândia; o Partido do Progresso do Povo da Guiana; o PC de Israel; O Partido Popular Revolucionário do Kampuchea; o Partido Popular Revolucionário do Laos; o Partido Progressista Socialista do Líbano; o AKFM, de Madagáscar; «Ounen», órgão central do Partido Popular Revolucionário da Mongólia; o Partido Baas Árabe Socialista da Síria; «Ny Dag», órgão central do Partido de Esquerda — os comunistas da Suécia.

Solidariedade Uma dádiva recíproca



• Três emocionantes sessões com convidados estrangeiros

A solidariedade beneficia quem a recebe e quem a dá. Quem ainda o não soubesse ou tivesse algumas dúvidas teve na Festa do «Avante!» uma das melhores oportunidades para o descobrir, pois a solidariedade foi uma das constantes no Alto da Ajuda.

Solidariedade entre comunistas e outros democratas portugueses, mas também entre camaradas e amigos vindos dos mais diferentes pontos do mundo e a quem o PCP fez questão de manifestar o profundo internacionalismo que caracteriza o nosso Partido.

Muitos e variados actos foram testemunho dessa solidariedade internacional para com todas as delegações estrangeiras que honraram a Festa do «Avante!» com a sua presença. No entanto, três momentos mereceram um especial destaque, por razões óbvias: as sessões de solidariedade com o povo da África do Sul; com a Nicarágua e a luta dos povos da América Latina; e a que assinalou a passagem do X aniversário da independência dos novos países africanos de expressão oficial portuguesa.

Num auditório sempre repleto — o Fórum — homens e mulheres de todas as idades ouviram atenta e emocionadamente o camarada Essop Pahad, representante do «African Communist», falar da dura luta do povo sul-africano contra o regime racista e de *apartheid*, contra o capitalismo e o im-

perialismo, pela liberdade, a democracia e o socialismo. Na memória de todos ficaram as palavras de determinação e confiança; os exemplos de homens como Nelson Mandela que não negociam a sua liberdade; a certeza de que cada gesto de solidariedade é um incentivo mais na luta contra o *apartheid*; a compreensão clara de que o inimigo dos povos é o mesmo: o imperialismo.

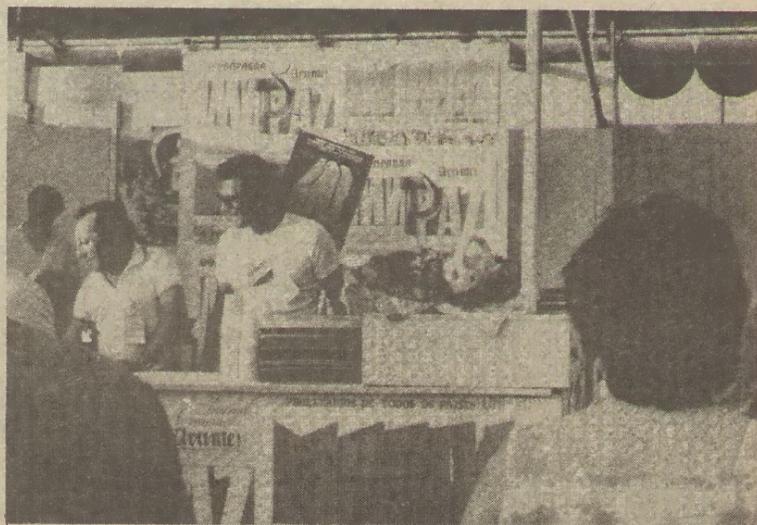
Esta seria, de resto, uma constante das três sessões, em que participaram respectivamente os camaradas Albano Nunes e Aurélio Santos, membros do CC do PCP, e Domingos Lopes, suplente do CC do PCP, e em que uma vez mais se tornou evidente que o grande obstáculo à libertação nacional e construção da democracia é o imperialismo, em particular o norte-americano.

Na África do Sul pelo apoio dado ao governo da minoria branca; nos países de expressão oficial portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique) pelos entraves que coloca ao seu desenvolvimento e, no caso concreto de Angola e Moçambique, pela guerra perpetrada através de grupos fantoches e da África do Sul; na América Latina (representada na ocasião por camaradas de El Salvador, Nicarágua, Argentina, Brasil, Costa Rica, Uruguai, Chile e Cuba) por todas as formas de ingerência, desde os bloqueios económicos, pressões políticas e intervenções armadas.

É essa luta contra o inimigo comum, e as derrotas que cada povo lhe vai infligindo nas condições concretas da sua luta, que incentivam os que combatem pelos mesmos ideais.

Exemplos como o de Cuba, socialista, da Nicarágua libertada, de Angola resistente, são estímulos entre tantos outros para todas as lutas, certas de que o imperialismo não é invencível.

Disseram-no, nas mais variadas formas, os que participaram na Festa do «Avante!», onde sentiram a solidariedade activa dos comunistas e do



povo português, numa dádiva recíproca. Porque ninguém duvidou que a melhor forma de ser solidário está na consolidação, em Portugal, da demo-

cracia; e que o exemplo dos outros povos em luta é para os portugueses um incentivo mais, na nossa própria batalha pelo socialismo.

«Defendemos no Espaço os interesses da Terra»

Oleg Iurevitch Atkov, é cosmonauta e médico. Especialista em métodos ultra-sónicos de diagnóstico de doenças cardiovasculares, iniciou a sua preparação como cosmonauta em 1977. A 8 de Fevereiro de 1984 seguiu para o Espaço a bordo da nave «Soyuz T-10» que acoplou ao complexo «Saliut-7»-«Soyuz T-LL». 237 dias no Espaço, na nossa linguagem, de quem nunca saiu do planeta Terra. Mas Oleg Atkov exprime-se noutros termos: «237 dias de ausência da Terra, com aqueles que foram como meus irmãos», os cosmonautas que formaram um colectivo no Espaço no maior período de permanência humana no Cosmos até hoje vivido.

Uma formulação que diz muito do que foi a tônica ao longo da nossa conversa: a valorização da Terra como «O nosso único local de vida» e a consequente defesa do bem vital que é a paz.

«Que feliz seria a humanidade se fosse possível registar nos nossos arquivos históricos um voo conjunto a Marte, uma tripulação internacional numa estação orbital da terra, ou a criação de uma base lunar conjunta.» Não se trata de fantasia. No plano técnico-científico existem já hoje todas as possibilidades para concretização de tais projectos, salienta Oleg Atkov.

O problema é outro. Aliás, no Espaço como na Terra.

«A condição» para a concretização de tais projectos, é «não haver lixo no Cosmos: refiro-me, naturalmente, às armas espaciais.»

«Não se pode falar em cooperação com armas no Espaço. Ninguém o admitiria, sentindo-se alvo.»

E entretanto, «apesar de vivermos num mundo dividido», já foram obtidos «êxitos que constituem património de toda a humanidade: o primeiro voo cósmico tripulado; a viagem dos EUA à Lua; os voos interplanetários a Marte e Vénus. E as consequentes transmissões para a Terra de imagens e dados importantes, nomeadamente sobre a atmosfera e características do solo.»

Oleg Atkov dedicou-se no Espaço a questões que nada têm a ver com a militarização do Cosmos. Foi sua tarefa principal o estudo da influência que exercem certos factores inerentes aos voos cósmicos, em particular a imponderabilidade, sobre o

organismo humano. Reage mesmo com apaixonada indignação às referências e afirmações relativas à política do imperialismo. Mas a militarização do Espaço é um dado bem real e actual. E a «guerra das estrelas» impõe-se inevitavelmente na nossa conversa.

A «guerra das estrelas»

As palavras são claras. «A «guerra das estrelas» não é alternativa às guerras na Terra. Seria sim o prelúdio da hecatombe na Terra. Qualquer tipo de guerra no Espaço terminaria inevitavelmente aqui. Tendo em conta as actuais reservas de armas nucleares, seria a última epidemia, como tão bem é explicado por eminentes trabalhadores soviéticos da medicina no livro «A guerra nuclear, consequências médico-biológicas». E Oleg Atkov destaca em particular a importância desse estudo, para que todos compreendam que «ninguém restaria para discutir os resultados da guerra e vangloriar-se da vitória.»

«Se nos quisermos conservar como espécie e como civilização, a questão que se coloca é: impedir a militarização do Espaço.»

Quando se fala de Paz, Oleg Atkov está verdadeiramente no seu «habitat». E alinha exemplos do muito com que na Terra se pode beneficiar da exploração e das experiências no Espaço: a obtenção de matérias químicas puras, nas condições de vácuo absoluto e de medicamentos só possíveis em situação de imponderabilidade; um serviço mundial de previsão meteorológica; um serviço internacional de previsão



Oleg Atkov, médico e cosmonauta, que esteve 237 dias «ausente da Terra»: «Não há sítio melhor para viver do que o nosso planeta.»

e apoio em caso de calamidades e desastres; prospecção geológica, nomeadamente da plataforma continental.

Salienta ainda que «o Espaço é um grande reservatório energético». Preciosa energia, de que o nosso planeta poderia beneficiar através da «criação de centrais eléctricas em órbita.»

Para não se falar naturalmente — e há quase ironia na resposta — «em todos os ramos fundamentais da ciência», que sem excepção contam hoje, como dado imprescindível, com a exploração humana do Cosmos.

Um pequeno balanço do muito que já hoje é possível fazer no Espaço em benefício da Terra.

O carácter intrinsecamente humanista da exploração soviética do Cosmos, ressalta nas palavras de Oleg Atkov: «Trabalhamos no Espaço, para a Terra. De outro modo não teria sentido.» Ideias que se reforçam na própria permanência no Espaço. Num tão longo período de

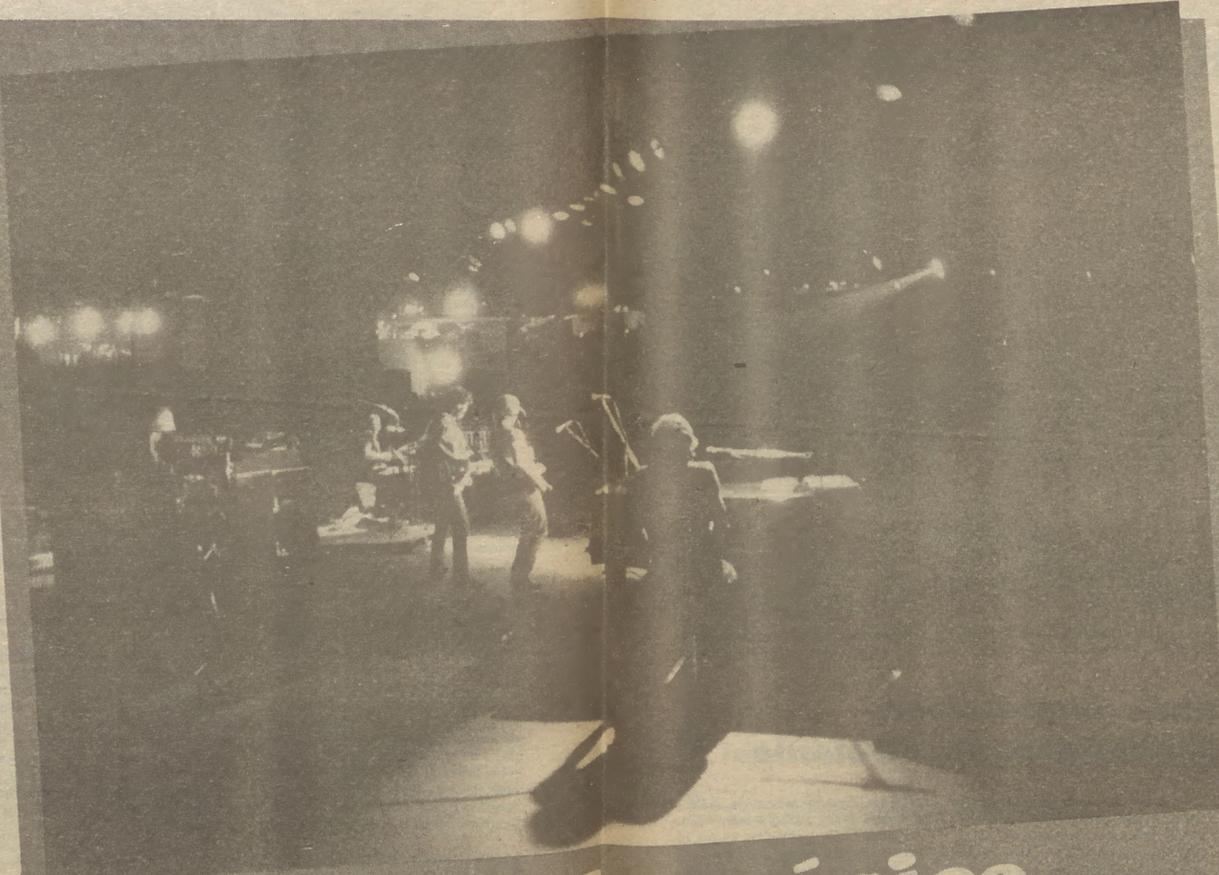
voo, há tempo tanto para trabalhar como para meditar. «Não se trata de fazer citações (embora nada tenha contra isso), mas há ideias que se formam lá no Espaço, e que não podem deixar de nos preocupar: não temos outro local para viver, não; não há nada melhor que o nosso planeta.»

«Que pensa da Festa?»

«Numa Festa o mais importante são as pessoas. E quando vínhamos para aqui — e vínhamos muito devagar — tive oportunidade de ver bem as pessoas, o seu olhar, a sua expressão, vivos e alegres. Sintoma de que as pessoas iam de facto para uma Festa. Por isso faço votos para que em cada ano cada vez mais gente venha — se fosse possível diria mesmo todo o vosso Portugal. Porque é uma verdadeira Festa de amigos.»



«Para o «Avante!», porta-voz dos comunistas portugueses, os melhores votos de sucessos. Do piloto cosmonauta da URSS, Oleg Atkov.»



A Festa da música

O ano passado, logo a seguir à Festa, escrevemos que falar dos espectáculos é falar de todos os minutos daqueles três dias e multiplicá-los dezenas de vezes, e que daí advinha a grande dificuldade de escrever sobre esta importante componente da Festa do «Avante!».

Um problema que se volta a colocar um ano depois e que certamente nunca deixará de nos dificultar a já difícil tarefa de pôr no papel três dias de intensa alegria, debate e cor, sem os deixarmos desbotar.

Por onde começar? Todos os espectáculos foram grandes, se bem que uns tivessem sido maiores do que outros. Todos interessaram, todos tiveram o seu público.

Em todos eles, a começar por aqueles que iam surgindo espontaneamente onde houvesse mais de duas pessoas, acabando nos outros que inundavam o imenso anfiteatro natural do palco 25 de Abril, em todos eles, dizíamos, fomos participantes activos.

Falar do Palco 25 de Abril, do Auditório 1.º de Maio, do Palco Lisboa, do Café-Concerto, do Coreto alentejano ou de todos os outros locais onde houve música? Lembrar a música popular portuguesa, o jazz o rock os grupos corais, os artistas e grupos que chegaram da RDA, da Checoslováquia, Nicarágua, Cuba, Polónia, Bulgária, Cabo Verde, URSS, Hungria, França ou Estados Unidos? Não chega.

É mesmo preciso falar de todos os minutos da Festa e multiplicá-los por dezenas. O que é manifestamente impossível.

Só temos uma solução que, embora pareça frase-feita, é a que melhor traduz a realidade do que se passou

nestes três dias que fizeram do Alto da Ajuda a capital do País, a capital da alegria, da amizade e da música.

Só temos uma solução. É dizer que a Festa do «Avante!» é também a maior iniciativa musical que alguma

vez já se realizou no nosso país. É dizer que é a única iniciativa, com este calibre, aberta a todas as formas de música, do rock à popular, passando pela de câmara ou ainda pela de pesquisa.

É, finalmente, dizer de um festival que não acabou domingo passado. De um festival que vai continuar por esse País fora tendo como pretexto as batalhas eleitorais que agora começam.

Logo
festa do *25*
Avante!



GINÁSTICA INTERNACIONAL

Êxito nos dois festivais!

Passar ao papel opiniões e ideias de 20 pessoas não é tarefa fácil. E se o espaço disponível se reduz, como acontece agora, então a «missão» do jornalista é mesmo impossível.

Ora, 20 foram as pessoas que, vindas da URSS, Polónia e Checoslováquia, entre ginastas, técnicos e dirigentes (ver nesta página), estiveram no Alto da Ajuda para participar no programa desportivo da 10.ª Festa do «Avante!». Boas recordações todos eles levam da nossa Festa e das nossas gentes. O entusiasmo do público, o interesse manifestado por milhares de visitantes que não arredaram pé da Cidade do Desporto e que acompanharam de princípio a fim os dois festivais internacionais de ginástica, o calor humano, a solidariedade internacionalista e o humanismo patentes em todos os cantos da Festa são «marcas» que não passam despercebidas dos convidados estrangeiros. Incluindo naturalmente os desportistas.

Opiniões positivas. Boas impressões. Alguma sensação de espanto nuns, os que nunca cá tinham vindo. A confirmação de algo maravilhoso, para os que já tinham visitado a Festa em edições anteriores.

Iuri Charadin, funcionário responsável do Comité de Cultura Física e Desportos da URSS, um jovem de 33 anos, chefe da delegação desportiva soviética à Festa do «Avante!», diz-nos a dado passo dum diálogo animado que manteve com a nossa reportagem: «Já participei noutras festas em vários pontos da Europa, mas não tenho dúvidas em afirmar que esta é, para mim, a mais vibrante e calorosa, aquela em que se respira um entusiasmo e uma alegria verdadeiramente contagiantes. Tudo isto é inesquecível.»

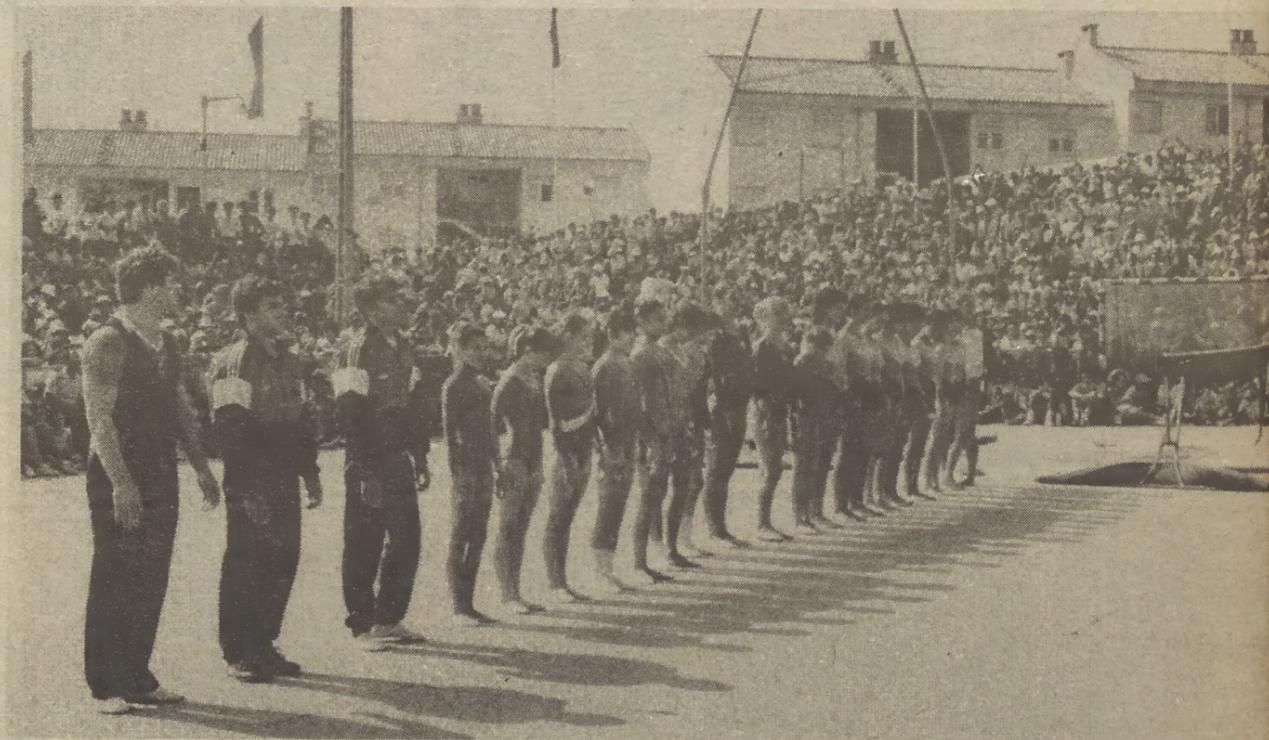
Alexandre Pogorelov, campeão de ginástica desportiva na recente Olimpíada-85 disputada no Japão, vencedor da Taça da URSS e mestre emérito de desporto no seu país, assiste com um sorriso tranquilo à nossa conversa com as diferentes delegações desportivas presentes na Ajuda. Para ele não há novidades. Apenas a confirmação de um «convívio espantoso» e de uma «festa empolgante», pois já em 1979 cá esteve. Na altura, de fac-

• Entusiasmo da Festa do «Avante!» impressiona as representações da URSS, Checoslováquia e Polónia

to, ficou impressionado pela novidade do que encontrou. Oficial do Exército soviético, Pogorelov já tinha «avisado» os seus colegas: «Preparem-se para assistir a algo de especial em Lisboa.»

Do Japão, desse encontro competitivo de significado especial para os jovens desportistas de todo o Mundo, a já referida «Universíada», também veio **Olga Bitcherova**, outra mestre emérito da URSS, campeã absoluta da Europa e do Mundo, uma das figuras em grande destaque no Japão, no capítulo da ginástica desportiva: «Estou verdadeiramente impressionada com a simpatia do público e a amizade com que fomos recebidos. Levo as melhores recordações e imagens desta festa e do povo português.» Talvez, pensamos, Olga venha a escrever sobre o nosso país quando iniciar a sua carreira de jornalista. Actualmente frequenta o 2.º ano de uma Faculdade de Jornalismo da URSS.

O programa desportivo da 10.ª Festa do «Avante!» teve os seus momen-



Ginástica internacional na Cidade do Desporto: uma presença vibrante repartida por dois festivais com a participação de atletas de elevada craveira, oriundos da URSS, Checoslováquia e Polónia, além de um conjunto de jovens ginastas portuguesas

tos mais vibrantes com a realização no polivalente de dois festivais internacionais de ginástica, envolvendo as representações da União Soviética, da Polónia e da Checoslováquia, e ainda dos seguintes atletas portugueses: **Patrícia Jorge**, do Sport Algés e Dafundo, e **Guilherme Gonçalves**, **Pedro Almeida** e **Camilo Colaço** (participação a título individual).

Entusiástica adesão do público, belos apontamentos de ginástica desportiva, acrobática e rítmica, um programa diversificado e vivo, numa afirmação de riqueza temática da Festa do «Avante!» e de divulgação da ginástica num ponto de encontro para milhares de pessoas, incluindo naturalmente um expressivo número de jovens, estes os aspectos que devemos sublinhar numa apreciação ligeira ao belo espectáculo proporcionado pelo festival de sábado à noite (entre as 21 e as 22 e 30 horas), repetido, depois, na manhã de domingo (entre as 11 e as 12 e 20 horas), e que reuniu, no conjunto, mais de 12 mil espectadores.

No encerramento do festival de domingo foram entregues a todos os atletas participantes medalhas comemorativas da Festa deste ano. Procederam à distribuição dessas recordações **Dias Lourenço**, membro da Comissão Política do PCP e director do nosso jornal; **Rogério Mota**, da comissão de desporto do PCP; e **José Castro Loureiro**, dos corpos gerentes da Federação Portuguesa de Ginástica.

Ambos os festivais foram apresentados e dirigidos por **Carlos Abreu**, da comissão de desporto do PCP.

Falando ainda das actividades que decorreram no polivalente da Cidade do Desporto é de salientar a participação de duas equipas de basquetebol

(Atlético Clube de Mosca e Atlético) para uma sessão-demonstração na sexta-feira à noite e de jovens ginastas da **Academia Almadense** e do **Unidos FC de Tortosendo** (concelho da Covilhã), que mereceram as saudações calorosas da assistência.

Sarau em Torres Vedras

Já depois da Festa do «Avante!», no início desta semana, as representações da União Soviética e da Polónia e ainda um conjunto de atletas portugueses deram um sarau em Torres Vedras, nas instalações da Física, prestigiada colectividade torreense.

A composição das delegações

União Soviética

Iuri Charadin — funcionário responsável do Comité de Cultura Física e Desportos da URSS.

Boris Orlov — treinador emérito da URSS e treinador de **Olga Bitcherova**.

Guenrik Vanetslan — treinador emérito da URSS e treinador de **Artur Akopian** (campeão do Mundo, olímpico e da União Soviética).

Ginástica desportiva:

Olga Bitcherova — mestre emérito de desporto da URSS, campeã absoluta da Europa e do Mundo. Vencedora da Taça do Mundo e da recente Universíada-1985, disputada no Japão.

Tatiana Frolova — mestre emérito de desporto da URSS. Membro da equipa campeã do Mundo e da Universíada-1985. Medalha de bronze da Universíada-85 na competição individual.

Zélia Kharissova — campeã da URSS e da Universíada-85 (por equi-

pas). Vencedora de várias competições internacionais.

Alexandre Pogorelov — mestre emérito de desporto da URSS. Medalhado dos campeonatos da Europa e do Mundo. Campeão da Universíada-83 e vencedor da Taça da URSS.

Serguei Gussev — campeão da Europa (juniores). Vencedor de vários torneios internacionais.

Ginástica acrobática:

Helena Rlapolova/Iuri Creer — mestres de desporto da «Classe Internacional». Medalhados dos campeonatos e Taça da URSS. Vencedores de torneios realizados na URSS e no estrangeiro.

Ginástica rítmica:

Siguita Kubillute — campeã da Lituânia. Medalhada de torneios internacionais na URSS, Bulgária, Hungria, Checoslováquia e RPD da Coreia.

Helena Bakuleva — campeã da Bielorrússia. Medalhada no Torneio

«Amizade» e Campeonato da URSS e de várias competições internacionais.

Checoslováquia

Viera Zifcakova — treinadora de **Jana Labakova**, **Marekova** e **Sblatulova**.

Andrea Hulova — campeã da Checoslováquia em 1983 (juvenis). Detentora de três títulos nacionais.

Jana Krovpova — 2.º lugar no campeonato da Checoslováquia em 1984. Campeã em salto de cavalo e assimétricas.

Polónia

Jozef Kloc — responsável da Federação Polaca de Ginástica desportiva e acrobática. Mestre honorário de desporto.

Danuta Chwalbogowska e **Bogusewa Wyrzykowska** — par feminino tricampeão da Polónia. Vice-campeão da Taça do Mundo em 83. Vice-campeão do Mundo em 1984.

A delegação desportiva da Polónia incluía ainda a atleta **Bozena Hudejska**.



Harmonia, beleza e vivacidade — a ginástica na Festa!

■ TORNEIOS MASCULINO E FEMININO ■

Resultados expressivos nas finais de futebol

O polivalente desportivo da Festa do «Avante!», recinto utilizado durante o ano pela população e especialmente pelos jovens da freguesia da Ajuda,

conheceu na tarde de domingo uma animação especial com as finais dos torneios de futebol de salão — competição feminina e masculina.



Parabéns às moças do Oriental Recreativo Clube

Torneio feminino:

Costa Brava, 4-Oriental Recreativo Clube, 9

Torneio masculino:

Pinhel Falcões, 1-Costa Brava, 7

MALHA CORRIDA

O exemplo veio de Santiago do Cacém

Quatro equipas do concelho de Santiago do Cacém (distrito de Setúbal) deram vida, na 10.ª Festa do «Avante!», a um animado torneio de malha corrida, que desde o primeiro momento suscitou a curiosidade e o interesse de largas dezenas de visitantes, apinhados ao longo dos 18 metros da estreita pista de cimento (não vai além dos 30 centímetros de largura), por onde deslizava com precisão a pequena malha metálica, que constantemente derrubava «lá no fundo» o paulito de 15 centímetros.

A formação do GIS, de Santo André, perdeu com o Valverde por 1-6. As Ademas (St.ª Cruz) e o Retiro dos Caçadores (St.ª Cacém) empataram no 1.º encontro por 5-5. Após prolongamento, vitória para os homens das Ademas por 2-0.

Na final a formação de Valverde levou de vencida as Ademas por 3-1.

Para as três melhores equipas houve taças.

Recorde-se, entretanto, que cada equipa era constituída por cinco jogadores efectivos e dois suplentes.

Falando ainda do chinquilha-malha corrida é de salientar a boa movimentação do torneio individual disputado no domingo. Após luta renhida, a classificação ficou assim ordenada: 1.º Leonel da Costa, 2.º Luís Pinela, 3.º José Manuel e Albano Perelra, 5.º Joaquim do Botico, Henrique Bojinho e Helder Nunes.

A vinda dos jogadores do concelho de Santiago ao Alto da Ajuda tem uma história rápida para contar. Com antecedência fizeram-se planos e contas... Trazer 28 jogadores a Lisboa mereceu uma preparação. Assim aconteceu. Por iniciativa da Comissão Local de Valverde — e aqui cabe uma palavra para o esforço do camarada Padilha — realizou-se uma festa-convívio cujos fundos obtidos reverteram para a deslocação dos jogadores. Alugou-se um autocarro e pronto. Aí vieram os nossos amigos (sendo ou não do PCP) a caminho da Ajuda.



Malha corrida: houve torneio colectivo e individual

Sempre Fixe e B.º Gouveia vencem na malha pequena

O torneio de malha pequena, na competição por equipas, teve como vencedores as formações do Sempre Fixe, do Barreiro (linha «A») e do Bairro Gouveia, de Alhos Vedros (linha «B»).

Na «final», a equipa do Sempre Fixe venceu outra formação barreirense, o 1.º de Janeiro, enquanto o B.º Gouveia eliminava a equipa Vontade do Povo, da Moita.

Quem não conseguiu chegar à fase final foram os homens do Arco Azul (Moita) — linhas «A» e «B», do Sempre Fixe «B» e da Vontade do Povo «A».

Cada equipa era constituída por seis jogadores efectivos e um suplente. As equipas que venceram o torneio apresentaram as seguintes substituições: B.º Gouveia — Alcindo, Baptista, Neves, Carlos, Fernando, Ramos e Lino (sup.); Sempre Fixe — Benfca, Vítor, Aníbal, Joaquim, Mário, Rogério e Vialonga (sup.).

No primeiro encontro defrontaram-se as moças do Costa Brava (Peniche/distrito de Leiria) e do Oriental Recreativo Clube (Lisboa). Caracterizado de princípio ao fim por uma entrega total das jogadoras à luta, com lances de grande vivacidade, o jogo registou uma vitória concludente de 9-4 para a turma lisboeta, que evidenciou nas duas partes do encontro maior acutilância no ataque e melhor coordenação a meio-campo e na linha defensiva.

As equipas, muito aplaudidas por um público sempre atento ao trabalho do árbitro, deslocaram ao Alto da Ajuda as seguintes jogadores e técnicos: Costa Brava — Aurélia, Maria João, Rosa Maria, Maria Lília, Vanda (cap.), Maria Manuela, Susana Pacheco, Susana Machado, Teresa Maria e Rosa Alexandre; treinador: Pedro José Aguiar. Oriental R.C. — Helena (cap.), Paula Jordão, Paula Pinto, Beta, Aldina, Ana, Cristina e Augusta; treinador: Orlando Valentim.

Na final do torneio masculino estiveram em campo as equipas do Pinhel Falcões (distrito da Guarda) e da Costa Brava (distrito de Leiria). O futebol mais planeado e o sentido de equipa patentes no Costa Brava deram à formação de Peniche a vitória folgada de 7 bolas a 1.

O jogo foi dirigido pelo árbitro Gil e as duas equipas tiveram no Alto da Ajuda as seguintes composições:

Pinhel Falcões — Simão, Olímpio, Francisco Silva, António Guerra, José Saraiva, Francisco Dias, Carlos Lameiras, Fernando e Joaquim Silva; treinador: José Santos.

Costa Brava — Zé Romão, Francisco, Zé Manuel, Mário Rui, Zé Inácio, Carlos Domingos, Zé Mamede, Agostinho e Nuno; treinador: Pedro Aguiar.



Elena Fatalibekova numa das simultâneas que realizou no Alto da Ajuda

XADREZ

Simultâneas

• Elena Fatalibekova e Rui Silva Pereira em acção

Estou satisfeita com esta deslocação a Portugal, onde me encontro pela primeira vez. Vive-se aqui uma festa extraordinária, de convívio e de amizade, na qual a actividade do pavilhão de xadrez se integra plenamente. Já encontrei aqui alguns jogadores de bom nível — declarou ao «Avante!» Elena Fatalibekova, a xadrezista soviética que esteve no Alto da Ajuda.

Vive em Moscovo, é doméstica, tem dois filhos e treina jovens xadrezistas. Conciliando com harmonia a sua vida familiar com o xadrez, Elena Fatalibekova, revelou-nos que dedica uma média de 3 a 4 horas diárias à modalidade, embora por ocasião dos torneios essa média atinja quase o dobro do tempo.

Grande-Mestre Internacional (GMI) feminina, detentora de um «Elo» internacional de 2135, Fatalibekova é campeã de Moscovo e ocupa o 66.º lugar no «ranger» internacional feminino.

Foi, pois, com uma jogadora detentora deste invejável palmarés — numa presença inédita no nosso país — que cerca de meia centena de visitantes da Festa tiveram oportunidade de jogar aquela partida tão desejada, através de uma simultânea efectuada no sábado e outra no domingo.

Na primeira, a xadrezista soviética jogou em 24 tabuleiros, registando cinco empates: com Filinto Teixeira, Armando Romão, Henrique Oliveira, José Medeiros e Luís Reis.



Na segunda simultânea, disputada na tarde de domingo, estiveram em acção 22 tabuleiros. Houve apenas um empate, conseguido por Fernando Machado.

A intensa actividade do pavilhão conjunto de xadrez e damas, contou ainda com a colaboração do conhecido xadrezista português Rui Silva Pereira, detentor de um «Elo» internacional de 2,285. Com os seus 28 anos, este jovem é uma figura prestigiada no nosso panorama de xadrez. Em 1983/84 foi campeão nacional de semi-rápidas, no ano passado venceu o campeonato aberto de Portugal e já foi também campeão de Lisboa. No Alto da Ajuda, Rui Silva Pereira disputou duas simultâneas.

Duas palavras finais neste breve apontamento. Para destacar a participação de Elena Fatalibekova e de Rui Silva Pereira, que deram maior dinamismo e interesse à presença do xadrez na Festa do «Avante!», enfrentando as más condições do pavilhão — calor, barulho, poeira, e outras coisas menos próprias para quem necessita de se concentrar no jogo com dezenas de pessoas. E para referir a presença, no trabalho de coordenação, do camarada Reis, director do Centro Social e Cultural dos Trabalhadores do Comércio, que depois de resolver uns problemas de saúde, regressou em pleno à colaboração activa na organização do xadrez para a Festa do «Avante!». Em breve troca de impressões com a nossa reportagem, o camarada Reis fez questão de sublinhar a extraordinária adesão de muitos visitantes ao xadrez e o ambiente de entusiasmo e de interesse suscitado em torno da participação da xadrezista soviética, uma autêntica novidade entre nós.

TORNEIO DE DAMAS

Terceira vitória de José Silva Pereira

Pelo terceiro ano consecutivo, o torneio de damas da Festa do «Avante!», este ano na sua sétima edição, teve como justo vencedor José Silva Pereira, mestre nacional e vice-campeão de Portugal. A segunda posição foi para Jorge Fernandes (presidente da Federação Portuguesa de Damas) e a terceira para João Sepanas. O «veterano» Manuel Vidigal classificou-se em 4.º lugar, seguido de Manuel Capote, Manuel Araújo, Fernando Braga e Ramos Antunes.

O VII Torneio de Damas da Festa do «Avante!» foi disputado em sete sessões, nas tardes de sábado e domingo, e envolveu 44 jogadores de várias regiões do País. Para além de um convívio sempre agradável entre damistas, o espaço das damas na Festa do «Avante!», este ano instalado na zona da juventude, mas a dois passos da Cidade do Desporto, registou nas duas tardes de competição a presença atenta e curiosa de muitos visitantes, confirmando-se uma vez mais que a divulgação da modalidade tem todos os anos na Festa do «Avante!» uma expressão muito significativa.

Como já vem sendo hábito desde 1979, altura em que se realizou o 1.º Torneio de Damas da Festa, a nossa reportagem encontrou Mário Diniz Vaz, vice-presidente da Federação

Portuguesa de Damas, conhecido e prestigiado divulgador da modalidade. O responsável pelo torneio da Festa, visivelmente satisfeito com o êxito de mais esta edição, salientou-nos a presença de um bom lote de jogadores nesta competição do Alto da Ajuda e realçou a vitória pela terceira vez consecutiva de José Silva Pereira, a quem entregou uma taça. Já agora refira-se que o 2.º e 3.º classificados também receberam taças, o 4.º um medalhão e do 5.º ao 8.º, medalhas.



Damas: uma boa presença

Que viva a juventude viva

• Grande participação da juventude em toda a Festa

«Francamente que não me lembro de ver uma cidade da Juventude tão bonita como a deste ano.» Foi o desabafo de um jovem que na tarde de domingo dava ao corpo uns minutos de descanso encostado à estrutura do pavilhão central da zona da juventude. Uma frase que certamente muitos de nós pronunciámos quando pela primeira vez percorremos a Cidade da Juventude desta décima Festa do «Avante!».

E percorrer este espaço da Festa foi uma forma de nos lembrarmos que 1985 é o Ano Internacional da Juventude e que os jovens, desde que lhes seja permitida uma participação activa na sociedade, são capazes de construir com as suas mãos um futuro que querem presente.

Dizer da Cidade da Juventude é lembrar o vídeo gigante sobre o XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes e dos Estudantes, é lembrar o fraterno convívio que encheu aquela zona quando muitos dos delegados portugueses que participaram naquele *forum* internacional dos jovens se reuniram e lembraram essa experiência inesquecível.

É sublinhar as respostas que os jovens têm para os seus problemas, como ficou expresso no encontro do Jovem Teatro Amador que decorreu durante os três dias no auditório de debates e teatro da Cidade e onde se lembrou que o teatro feito para a infância e a juventude tem de ser apoiado para que os jovens não percam o contacto com esta arte.

O cuidado na apresentação...

1985 é o Ano Internacional da Juventude. O Partido Comunista Português, sinónimo de futuro.

Estas duas condicionantes levaram a que este ano a Cidade da Juventude ficasse logo à entrada da Festa, num espaço privilegiado.

Dá que o cuidado posto pelos jovens comunistas na apresentação dá sua zona saltasse logo à vista de todas aquelas centenas de milhares de pessoas que se iam aproximando da entrada do recinto da Festa.

O branco e o azul davam o tom, as coberturas do pavilhão Central da Juventude — com a sua cor neutra — o toque final.

Ainda se não tinha entrado na Festa e já os acordes lançados pela aparelhagem da Rádio Paz contagiavam todos aqueles que necessitavam de um leve empurrão para se integrarem naquele mundo de cor e alegria que foi esta décima edição da Festa do «Avante!».

Depois, quando se entrava, eram os *ateliers* que desfilavam perante os nossos olhos. Eram as muitas centenas de jovens que participavam activamente na animação da sua zona. Era o espaço da informática, da Banda do Cidadão que emitia ao vivo através do canal «Foxtrot-Alfa pelo Alto da Ajuda», o *atelier* de artes plásticas e a zona do xadrez. Era, enfim, a Rádio Paz.

A juventude era o denominador comum deste vivo espaço que terminava com o café-concerto universitário e com os espaços do artesanato a enquadrarem a exposição política e a mostra do jovem fotógrafo Luís Pavão sobre o XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes.

... E a alegria como ponto final

Resumindo: «isto este ano está impec», diz-nos um grupo de malta que tinha acabado de se passear pela Cidade da Juventude e que corria já para o Auditório 1.º de Maio, que o jazz ia começar.

Impecável — ou «impec» nesta linguagem apressada de quem quer tudo ver e viver num instante — é a palavra que melhor se aproxima da



Também neste Ano Internacional da Juventude, a Festa impôs-se como sendo uma Festa jovem

realidade do que foi a Cidade da Juventude.

Mais acima, do lado de lá do largo da juventude, junto aos bares, um grupo de amigos lembrava outros dois

casadinhos de fresco e sorriam...

«São o casalinho da Ajuda» lembrou-se um de dizer. O pano de fundo eram os murais da Cidade da Juventude onde se lia «com a APU é a nos-

sa vez». A prová-lo estão as dezenas de jovens que não resistiram à tentativa de pintar na ráfia a sua premente vontade de futuro, sublinhando-a com letras bem legíveis: APU.

A festa da miudagem

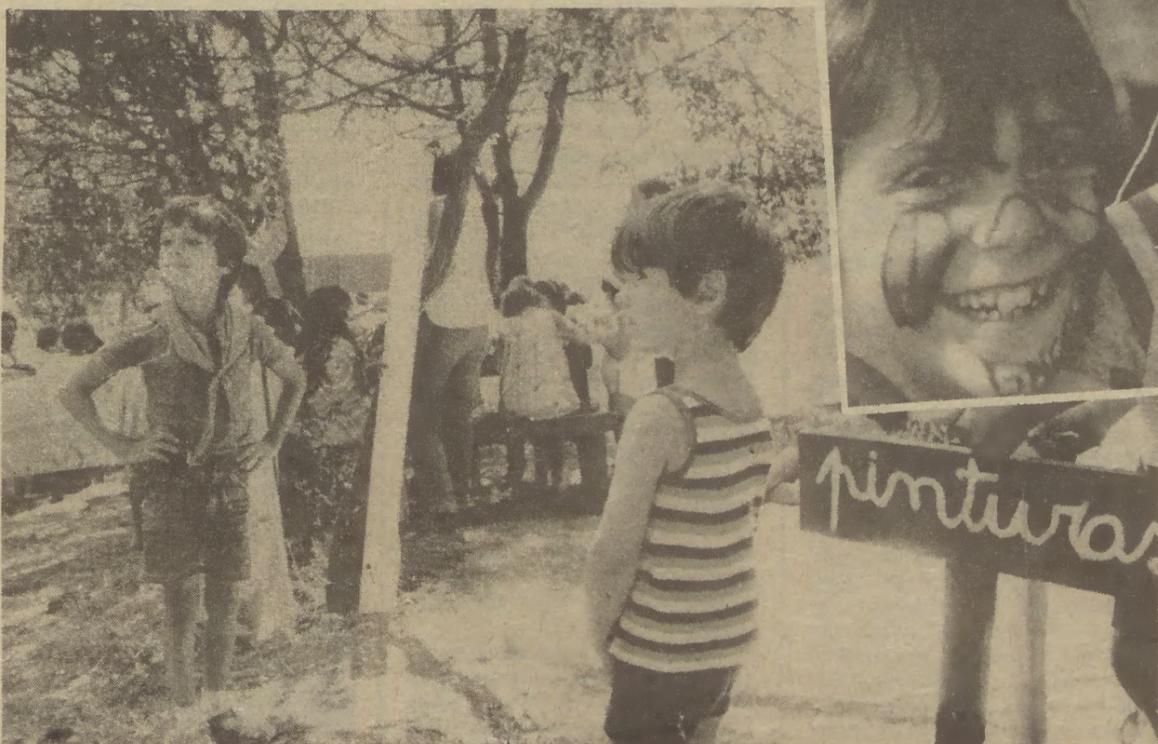
Os rostos escondidos por detrás de cores vivas, o grande sorriso de quem está feliz e o orgulho de ter as mãos e os braços sujos da tinta que sobejou do papel onde deixaram ficar a assinatura.

São os putos deste povo, claro. As gargalhadas encheram por completo durante três dias a zona arborizada onde o parque infantil lembrava que era ali a zona dos Pioneiros de Portugal.

Alguns tinham tantos anos quantos a Festa. Outros bastante menos. Uns eram reguilhas como o Hugo que veio do Porto e que do cimo dos seus três anos fazia brilhar os olhos azuis quando lhe disseram que a Festa também era para a idade dele. Outros eram mais calmos e preferiram o convívio através da sua pintura, às tropelias entre as árvores que davam uma sombra fresca.

A Festa das crianças foi ali no espaço concebido pelos Pioneiros de Portugal. Foi a gincana de sábado, as pinturas dos três dias e os brinquedos que foram construindo ao longo dos dias que corriam mais depressa do que quase sempre.

Mas a sua Festa foi também em



Do primeiro ao último minuto, a Festa foi sempre da miudagem

frente dos palcos onde se agitavam mais ou menos frenéticos, em passos de dança que pretendiam mostrar o quanto já são entendidos nestas coisas das músicas.

Ou ainda frente aos apetitosos tabuleiros com toda a espécie de goluseimas que os pareciam chamar quando exibiam os seus cremes e rechelos.

Porque a Festa do «Avante!» é também a Festa da criança. Quando pintam a cara ou quando tocam um bocadinho a medo nas esculturas da Bienal. A Festa é de todos.



Ferenc Polyak

«Somos um povo muito hospitaleiro e vi o mesmo aqui em Portugal, tanto por parte do PCP como do povo. Para mim foi uma surpresa encontrar um povo tão receptivo, senti-me como na minha casa.»

São palavras de um homem que veio da Hungria até ao Alto da Ajuda e que, com a sua arte, veio enriquecer o património cultural português.

São palavras de um homem que chegou a Portugal tendo como bagagem vários machados. De um homem profundamente humano. De Ferenc Polyak.

Quando se passava pela Cidade Internacional, ali bem no seu centro, uma pequena multidão comprimia-se. No meio, um homem com cerca de um metro e setenta, de quarenta anos, parecia atacar com o seu machado um pedaço de madeira já morto.

As pessoas paravam e interrogavam-se. Depois, a pouco e pouco, viam a madeira reviver de novo, às mãos de um instrumento que normalmente serve para a matar. E então iam surgindo as expressões, os rostos que pareciam insuflar vida.

De pedaços de madeira esculpido a machado surgiam os rostos de uma ceifeira húngara, de uma bela camponesa portuguesa («porque em Portugal encontrei mulheres muito belas») ou de um majestoso busto de camponês com chapéu.

Já na noite de domingo, diz-nos este homem cansado mas ainda com vontade de comunicar, que «respeito muito o povo e aqui senti que o povo me recebeu com verdadeira amizade. A gente abraçava-me e dizia-me que éramos iguais».

Depois destes três dias trabalhando com um mar de gente a ajudar, Ferenc Polyak sublinha que em chegando ao seu país vai pôr na madeira os rostos dos portugueses e das portuguesas que leva como amigos gravados na sua memória. É assim este homem profundamente humano que com o seu machado cria a vida.



a TV

A força da realidade...

Já aqui temos referido algumas vezes a artimanha da RTP que consiste em servir de caixa de ressonância aos partidos que dividem irremediavelmente o governo e a desvergonha.

Fazem uma reuniãozinha familiar, pronunciam uma data de baboseiras eleitorais — e o Telegiornal lá está para levar ao conhecimento de milhões de pessoas uma coisa que só havia interessado directamente meia-dúzia delas...

O pior é quando a realidade se mete pelos olhos dentro...

Como aconteceu no domingo.

Soares, em Campo Maior, terra do seu muito querido Nabeiro, teve a encenação do beijinho nas crianças o chamado «beijo de Judas».

Cavaco participava de um piquenique com algumas centenas de amigalhões, num ambiente em que a frieza era a nota dominante.

Depois, havia o PCP. Havia a Festa do «Avante!». Havia a presença de Álvaro Cunhal, face a uma imensa floresta de povo, computada, pelo próprio locutor, em centenas de milhares de pessoas...

Chegados aqui, as palavras tornam-se desnecessárias. A realidade tem a sua linguagem própria e insubstituível...

A pata na poça

O aparecimento em fúria de Almeida Santos na superfície política tem a finalidade de afastar as atenções de cima de Mário Soares, preservá-lo da erosão pública e promover uma operação de esquecimento de tantas mafeitorias. Além disso, o dr. Almeida Santos é tido por homem que, ao contrário de Mário Soares, mete menos a pata na poça desde que... não fale muito...

Quando fala muito, estampa-se. Como vimos durante o debate na televisão...

Por exemplo: sem negar que durante o governo PS/PSD o desemprego tivera larga subida, o biombo soarista afirmou que a taxa de desemprego em Portugal era bem mais baixo do que nos países da CEE. Álvaro Cunhal perguntava-se então qual a vantagem da adesão do nosso país e ele entupiu...

Noutra altura, posto diante da sua antiga condenação (agora abjurada) da banca privada, argumentou que, fazendo ela parte do programa do PS e tendo o PS obtido a maioria, ele, democraticamente, teve de aceitar. Só que...

Só que se esquecera de uma pequena coisa: quem redigira o programa do PS fora um homem chamado... Almeida Santos...

Tanta cambalota, senhores!

Quem se afasta do sistema?

Um dos momentos mais negros do debate foi aquele em que o dr. Almeida Santos declarou que «o PCP se auto-excluiu do sistema...».

A tal respeito, e porque seria difícil dizê-lo melhor, vejamos o que escreveu Correia da Fonseca, crítico de televisão de «o diário»:

«Alega Almeida Santos que o PCP se auto-excluiu do "sistema". Fortíssima razão. E procedente: é verdade. O PCP auto-excluiu-se deste "sistema" que, desde 76, passou do estado virtual em que já existia para a perpetração metódica de acções concretas. Do "sistema" que voltou a lançar as forças militarizadas contra os trabalhadores, como nos velhos tempos. Que tem vindo a destruir na prática a Constituição que abertamente hostiliza nas palavras. Que tomou Abril (isto é, o processo político de eliminação de injustiças e violências seculares, porque "Abril" é afinal o nome da Justiça que desde sempre o País esperava) como inimigo principal a abater por quaisquer meios. Do "sistema" que tenta erradicar a Reforma Agrária, que devolve aos capitalistas sectores básicos, que entrega a Banca nacionalizada a gestores com a averiguada vocação de a traírem. De resto, esta última palavra é fundamental: o PCP auto-excluiu-se do "sistema" que todos os dias trai a Revolução, isto é, o povo que consubstancia essa realidade quase aparentemente abstracta que tem o nome de Portugal.

«E mais ainda, para reforçar a razão do sr. Almeida Santos: o PCP auto-excluiu-se do "sistema" que alinha pelas forças da guerra; do "sistema" que agride os territórios que se libertaram da exploração colonial; do "sistema" que alimenta e estimula uma "informação" empenhada na constante inoculação de calúnias contra Estados com os quais em 74 pudemos, enfim, estabelecer relações amigáveis. O PCP auto-excluiu-se da cumplicidade tácita, quando não táctica, com o "apartheid" e o pinochetismo. E auto-excluiu-se também da vergonhosa "santa aliança" contra a Nicarágua, em que o "sistema" participa sem o menor escrúpulo.»

Correia da Fonseca não é comunista, mas é uma voz lúcida, puríssima, comovente; Almeida Santos é um anticomunista grosseirão.

Depois disto repare-se quem, entre o PCP e o P. Soarista, se afastou do verdadeiro sistema — ou seja, do povo português.

■ **Ulisses**

...Síntese semanal da IMPRENSA

A Festa do «Avante!» na Imprensa

Hoje, evidentemente, os nossos recortes são sobre a Festa. Há os comentários sérios, os desonestos e os dos que vivem de pequenas raivinhas. Todos se rendem à evidência: a Festa do «Avante!» é uma grande festa nacional. Jovem, culta, popular, risonha. Cheia de luta e de esperança. Uma festa à medida do Portugal de Abril.

Virou!

• AVANTE A FESTA DA MÚSICA!

«Como se previa, dezenas de milhares de pessoas acorreram, a noite passada, ao Alto da Ajuda, celebrando, assim, o início da décima Festa do «Avante!».

Dizemos que o verdejante morro da margem esquerda do Tejo se transformou numa autêntica (e animada) cidade, não é inédito nem novidade para ninguém; falamos dos momentos agradáveis que ontem ali vivemos não é para aqui chamado; saboreamos os vinhos e os petiscos trazidos das várias regiões ou apreciámos as exposições de artes plásticas, não foram as missões que ali nos levaram.

Posto isto, vamos à música — esses cantos que excitaram a juventude, embalaram a terceira idade ou conquistaram atenções eruditas. Referimo-nos, pois, ao "rock", aos ritmos sul-americanos e a obras clássicas. Por outras palavras: do *heavy-metal* à rumba, de Mozart à valsa, do vira ao *punk*. Tudo isto se ouviu, ontem à noite, no Alto da Ajuda.

Devido à diversidade do programa, dividido em quatro palcos e em horários paralelos, foi-nos difícil, mesmo impossível, acompanhar isoladamente cada concerto, cada actuação. A brincar, a brincar, os vários palcos distam uma boa distância uns dos outros e, mesmo a *dar corda aos sapatos*, os intervalos esgotavam-se na mudança de terreno. Por essa razão, não pudemos apreciar convenientemente os vários grupos e intérpretes nacionais e estrangeiros que se sucederam ao longo da noite, o que não nos impediu, contudo, de termos ficado com uma visão global da música que por lá se tocou.

Coube ao grupo português Rádio Macau abrir o conjunto das actuações programadas para o Palco 25 de Abril, sem dúvida o local mais importante e o "ponto de honra" do recinto da festa.

Paralelamente, a Orquestra de Câmara da Eslováquia apresentava-se no Auditório 1.º de Maio e o Palco Lisboa servia de cenário aos nicaraguenses Dimension Costeña. Já para não referimos as variedades do Café-Concerto e os inúmeros improvisados palcos estendidos ao longo dos convidativos restaurantes regionais. Ali, era comer, beber e dançar. Virou!

(«Diário Popular», 7. Set.)

A Festa não era, porém, apenas música

• «A Festa não era, porém, apenas música, mas também artes

plásticas, com uma exposição internacional de gravura, salientando a presença do português Gil Teixeira Lopes. E já que estamos a falar de arte, um destaque especial para o Arco da Rua Augusta reconstituído no Alto da Ajuda de uma forma espectacular que deixou milhares de pessoas boquiabertas. Neste campo, realizar-se-á, nos próximos dias, na festa uma bienal de artes plásticas em que participarão 250 artistas portugueses e estrangeiros, com mais de 400 obras.»

(«Diário de Notícias», 7. Set.)

Lutas colectivas e criatividade pessoal

• «Depois, pelas paredes fora, anónimos e nomeados desunharam-se para mostrar que as lutas colectivas não são incompatíveis com a criatividade pessoal: a organização regional de Lisboa

apresentava uma briosa reprodução pré-fabricada do Arco da Rua Augusta, o Porto expunha a imensa "Ribeira Negra" de Júlio Resende, o palco principal era emoldurado por um painel de António Carmo.»

(«Jornal de Letras», 10. Set.)

O concerto que faltava

• «São poucos os nomes que sintetizam como o "The Band" o que de melhor se fez na década de 60/70 e foi a memória dessa década que o grupo que acompanhou Bob Dylan trouxe, em noite de quarto minguante ao Alto da Ajuda. (...) E o público correspondeu. Chamado por três vezes ao palco, o grupo que este ano foi estrela na Festa do "Avante!" tocou mais seis músicas do que as previstas, enquanto o seu vocalista, Rick Dank, traçava um itinerário no qual Portugal aparece ao lado do Canadá e de Nova Iorque.

(...)

Era perto da uma da madrugada quando "The Band" abandonou em definitivo o palco. A sua actuação continuou, contudo, a ser tema de conversa no Alto da Ajuda onde, ontem, eram várias as pessoas que exclamavam: "não os vimos nos Estados Unidos, mas ouvimo-los em Lisboa. Era o concerto que faltava".»

(«Diário de Lisboa», 9. Set.)

Recordando Adriano

• «A música portuguesa teve lugar de destaque anteontem, no palco maior da Festa do "Avante!".»

Embora disseminados, também, por outros palcos na sexta-feira e no sábado, os artistas

portugueses concentraram-se no domingo no Palco 25 de Abril a partir das três horas da tarde.

Rão Kyao e Janita Salomé actuaram antes do comício com Álvaro Cunhal que encheu também todo o terreno do palco. A seguir, a partir das 20 horas, desfilarão Carlos Alberto Moniz, Sérgio Godinho, Fernando Tordo e François Rauber e, por fim, Carlos Mendes e Júlio Pereira.

Carlos Mendes e Júlio Pereira executaram uma actuação conjunta, recriando o espectáculo apresentado no XII Festival Internacional do Mundial da Juventude e dos Estudantes, em que participaram em Moscovo, cabendo-lhes, também, o encerramento da festa. Já no final, sobre o palco, os dois artistas, acompanhados por Sérgio Godinho e Janita Salomé, recordaram Adriano Correia de Oliveira.»

(«o diário», 10 Set.)

Uma Festa com eleições à vista

• «Álvaro Cunhal abriu ontem, na prática, a campanha eleitoral do PCP, com o extenso discurso com que encerrou a Festa do "Avante!", considerando que o seu partido "não quer nem nunca quis ir para o governo contra a vontade do povo."»

O líder comunista advertiu que "o novo partido, o PRD, apoiante do Presidente Eanes, pode ter um papel positivo para uma solução democrática da crise", mas "sob condição de conseguir os seus apoios e os seus votos naquele vastíssimo campo social que constituiu o apoio eleitoral do PS, do PSD e do CDS e que hoje, profundamente atingido nos seus interesses vitais, se volta contra esses partidos."»

(«Diário de Notícias», 9. Set.)

Trabalhamos
lutamos
vivemos
com transparência



272 págs.
300\$00

De dentro para nós, comunistas, de fora para quem nos observa, propomo-nos dizer com verdade como somos, como pensamos, como actuamos, como lutamos, como vivemos, nós, os comunistas portugueses. Tudo será dito, tornando transparentes as paredes do nosso Partido, de forma a que quem está de fora possa observar o Partido como que através de paredes de vidro.

A verdadeira imagem do PCP

edições
Avante!

Alergias

Se o leitor tiver paciência — e alguns leitores há que a têm — peça emprestado um exemplar de um «Jornal de Letras», de sobrenome «JL». Poderá encontrar aí um exemplo de como algumas folhas não olham aos articulistas que escolhem, basta que tenham a pena pronta, soarista e obrigada. Uma tal I.P. foi à Festa do «Avante!» — terá ido? — e, empoeirada, vomita a prosa que os engulhos lhe deram. Começando por insinuar que a Festa sobrevive pela condescendência de Abecasis, o artiguelho é uma diarreia de anticomunismo disfarçado de independência intelectual, num

evidente esforço de acompanhar as tiradas carregadas de fel que alguns outros escritores versam contra o PCP naquelas páginas. Termina a prosa considerando os debates, colóquios e comício como «cerimónias íntimas». Com dezenas, centenas de milhares de pessoas. Faz-se ideia da ideia que o escriba faz da intimidade. De qualquer maneira acaba por confessar-se «por fragilidade de compleição», alérgico ao pó. Esqueceu-se de dizer que, por fragilidade intelectual, é alérgico aos comunistas. Uma doença que, por mais que a mascarem, se chama «anticomunismo primário».

Pontos Cardeais

Os primeiros

Com Mário Soares a dar o mote — e o «Diário de Lisboa» a ajudar, por exemplo —, os partidos com responsabilidades governamentais decidiram-se a apresentarem as respectivas fachadas sorridentes e cheias de confiança. Uma campanha

marcada pela fé de que, em cada galinha há um ovo à espera e que é de contar antecipadamente com ele... Se Mário Soares — não se sabendo muito bem onde vai ele buscar estas ideias — afirma que, para a maioria absoluta só faltam alguns «porcentos», outros partidos também juram a pés juntos que eles serão os primeiros. A loucura é tanta que em certos distritos são vários os candidatos ao primeiro lugar. Até em Setúbal. Até em Évora. Até em Beja... Se se fosse a distribuir tantos deputados quantos alguns partidos afirmam ser possível conseguir, a Assembleia da República não teria 250 deputados, mas alguns milhares.

A CEE aprovará?

Agora não são apenas os Estados Unidos que tecem cenários a propósito da situação política em Portugal e pedem contas a alguns lacaios que por cá mantêm sobre as prespectivas frustradas que foram lançadas. Também a CEE, segundo um órgão de imprensa lisboeta, «virá verificar» os resultados das eleições. O PS, em conferência de imprensa realizada no passado fim-de-semana, mostrou bem que, por outro lado, o seu programa eleitoral se subordina à «adesão», considerando esta como a «reforma estrutural suprema»... Todos os três de braço dado — PS e PSD que negociaram a independência do País com a adesão, e CDS que considera como um concerto de viola. Quem tem unhas é que toca.

Elogios

Quando lhes dão a palavra ou eles a tomam, alguns políticos da nossa praça conseguem o raro privilégio de espantar o ouvinte ou, neste caso, o leitor. Agarrando-se à «Tribuna livre» do «Diário de Notícias», o político-intelectual Sottomayor Cardia procedeu há dias a alguns brilharetes que, em silêncio, vem ensaiando. Escreveu sobre Cavaco Silva. E deixou, para a história do trocadilho nacional, alguns mimos de prosa. Estilo: «O País sabe pouco de Cavaco Silva. Mas começa a suspeitar-se de que Cavaco Silva sabe de Cavaco Silva menos do que o País já hoje sabe de Cavaco Silva». Depois de escrever estas palavras, Sottomayor tirou o retrato para a crónica, e o seu sorrizinho malandro ajuda a sublinhar o que supõe ser a fina ironia da frase. Mais adiante, Cardia tece, no artigo que intitula de «Elogio de Cavaco Silva», um verdadeiro elogio... a Salazar, «esse grande homem de Estado» que afirmava verdades enquanto Cavaco, na apreciação do cronista, as não distingue. Mas pressurosamente, Cardia promete «explicar» a Cavaco, no parlamento, as diferenças. É para estas conversas que o parlamento serve, na opinião mui douta de Sottomayor Cardia. Só quem o não conhece votará nele.

Gazetilha

por *Ignotus Sum*

I

O Soares estava à brocha. À falsa fé ele ofendera o povo demasiado. Não passa de um toureiro desnortado que já nem sabe de que terra é...

Esperava-o uma colhida. Perde o pé. As bochechas lhe bufam, assustado. Foi então o Almeida indigitado para o capote agitar, no salsifré...

Vá, meus senhores, que vergonha é esta? Já nem um pouco de pudor lhes resta? Façam em casa, entre vocês, a sós,

as «soarinas» e «almeidinas» de serviço, saiam da praça, parem lá com isso pois fartos de toiradas estamos nós...

II

O Soares é um buracão já não tem alma nem encantos. Numa manobra de distração trouxeram o Almeida Santos.

Ó Soares, de vale em vale vai chorando os teus quebrantos se nem mesmo Deus te vale de nada de valem santos...

III

Almeida Santos perlimpimpim com outro rosto e outa pele primeiro diziam que ele era o Delfim...

Depois de tanto correr tanto salto, tanto tombo, Almeida passou a ser o Biombo...

Agora, pronta a sela e o arreo e o asno bem domesticado, ele é bem conhecido no meio por Delfim Biombo Indigitado...

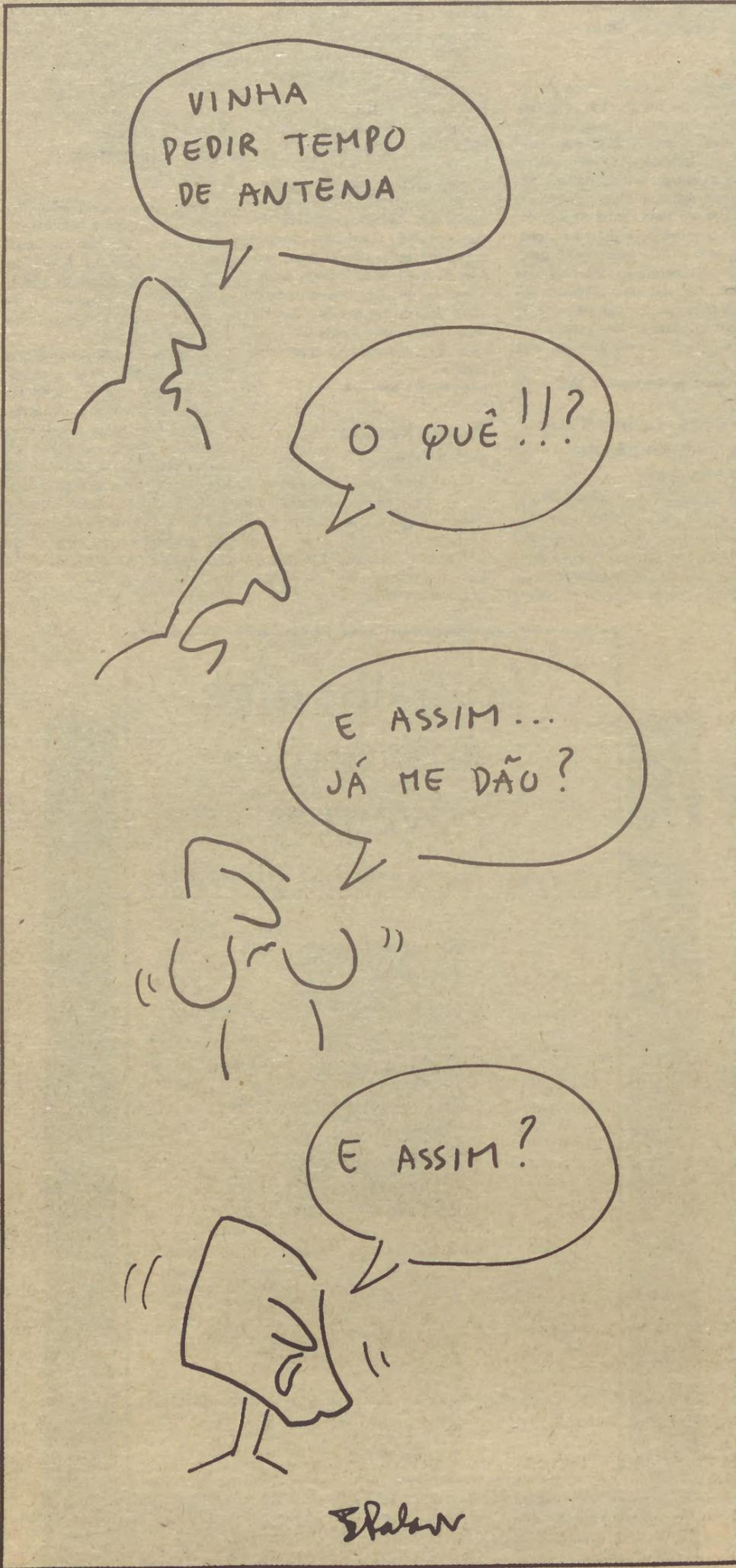
IV

Festa do «Avante!», quando a luz avança dias de estarmos bem com o futuro dias de asas no ar, do riso puro dias de terra feita com esperança.

Dias do povo, a luta que não cansa dias das mãos a tactear no escuro dias de estar contra o punhal obscuro dias do novo rumo da mudança.

Dias jamais negados, jamais vãos. Na Festa erguida pelas nossas mãos, nossas mãos vivas, outras estiveram

sempre connosco, mansas, calejadas: sombras vivas de tantos camaradas que a morte nos levou mas não morreram.



Agenda

Avante!

Ano 53 - Série VII
N.º 611

13 de Setembro de 1985

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Sexta

13

participa nas seguintes iniciativas da campanha eleitoral: às 15.30 — visita aos **Estaleiros Navais** de Viana do Castelo; às 17.15 — encontro com a população de **Afife**; às 18.30 — encontro com a população na freguesia de **Meadela** (Lugar de Cova); às 19.45 — visita à Cooperativa de Habi-

tação «**Capitães de Abril**», seguida de jantar-convívio, neste bairro, aberto a todos os que quiserem participar; às 21.30 — sessão pública no **Teatro Sá de Miranda**, em Viana do Castelo.

• VISEU

Apresentação pública dos candidatos da

APU pelo distrito de Viseu, às 21.30, no **Ginásio da Escola Secundária Alves Martins**, com a presença do camarada **Jaime Serra**, membro da Comissão Política do CC do PCP, seguido da actuação do artista **Francisco Ceia**.

• MORA

Sessão de apresentação dos candidatos da APU pelo distrito de Évora no **Jardim Público de Mora**, às 21 horas, com a presença do camarada **António Gervásio**, membro da Comissão Política do CC do PCP, **Celino Silva** e **João Saraiva**, presidente da Câmara de Mora. Sessões de propaganda eleitoral ainda em **Cabeção** e **Aguilar**.

• REDONDO

Sessão pública de apresentação dos candidatos da APU pelo distrito de Évora, às 21 horas, no cinema local, com a participação dos camaradas **António Murteira**, membro do CC do PCP, **António Vidigal**, **Jorge Araújo** e **Alfredo Barroso**, presidente da Câmara de Redondo.

• MIRANDELA

Apresentação dos candidatos da APU pelo círculo eleitoral de Bragança, seguido de festa com o conjunto «**Aguarela**», às 21 horas, no **Salão de Convívio da Escola Secundária de Mirandela**.

• LEIRIA

Apresentação dos candidatos pelo distrito, às 21 horas, em **Leiria**, seguida de espectáculo com o artista **Fernando Tordo**.

• MONTEMOR-O-NOVO

Comício-festa no **Largo Calouste Gulbenkian**, às 21 horas, para apresentação dos candidatos pelo distrito de Évora. Participam no comício o membro do CC, camarada **António Murteira**, os candidatos **António Vidigal**, **Lúcia Marcão** e **Maria Lúcia** e o vereador da Câmara Municipal de Montemor, **Henrique Pinto Sá**. A encerrar está prevista a actuação do grupo musical «**Porta Aberta**».

Ainda no distrito de Évora estão previstos para este dia sessões de esclarecimento eleitoral em **Alcáçovas**, **Granja**, **Luç e Évora**.

• ALCOBAÇA

Jantar-convívio, no âmbito da campanha eleitoral, às 21 horas, com a presença do general **Vasco Gonçalves**. A finalizar espectáculo de fados regionais.

• BRUXELAS

Sessão de esclarecimento, em **Bruxelas**, com a candidata da APU pelo círculo da Emigração, **Maria Honorata Martins** e entrevista à Rádio local às 9 horas.

• GOLEGÃ

Sessão pública seguida de espectáculo, às 21 horas, no **Pavilhão da Feira**, com a presença do camarada **António Dias Lourenço**, membro da Comissão Política do CC do PCP.

• TAROUCA

Sessão eleitoral da APU, seguida de festa, no **Largo da Igreja**, às 21.15, com a presença dos candidatos **Jaime Gralheiro** e **Rogério Martinho**. Participação no espectáculo do artista **Francisco Ceia**.

• S. PEDRO DO SUL

Sessão-festa da APU em **Palões**, às 21.15, com a participação do candidato **dr. Martins da Costa** e a actuação do Grupo de Música Popular Portuguesa «**Trigal**».

• LISBOA

Plenário da Organização dos Trabalhadores Gráficos, às 16.30, no **Centro de Trabalho dos Gráficos**, no **Largo Trindade Coelho**, n.º 9-1.º, seguido de jantar, após o que se procederá à colagem de cartazes no âmbito da campanha eleitoral que começa nessa madrugada. Nesse mesmo dia, o camarada **Octávio Pato**, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP, visita a freguesia de **Santos-o-Velho**, participando nas seguintes iniciativas: às 10.30 — encontro com a população no mercado local; às 12.30 — almoço-convívio no Centro de Trabalho de Santos-o-Velho; às 14.30 — visita ao **Convento das Bernardas**.

• LONDRES

Sessão de esclarecimento, em **Londres**, com o candidato da APU e cabeça de lista pelo círculo da Europa, **António Barbosa Topa**.

• NEMOURS

Sessão de esclarecimento, em **Nemours** (França), com o candidato da APU pelo círculo da Europa, **João Coutinho Ramos**.

• STUTTGART

Visita a Associações de Emigrantes com o candidato da APU pelo círculo da Emigração, **Jorge Monteiro Veludo**, na área de **Stuttgart**.

• MOITA

Porta-a-porta em **Baixa da Banheira**, **Alhos Vedros** e **Moita** durante todo o dia. Promovida pela JCP, emissão de **Rádio Jovem na Baixa da Banheira**.

• PALMELA

Sessões de esclarecimento às 21 horas

em **Pinhal Novo** com o camarada **Carlos Ramalho** e **Brejos do Assa**. Às 18 horas, nos **Olhos d'Água** com a camarada **Odete Santos**.

• SESIMBRA

Comício, às 21 horas na **Quinta do Conde** com o camarada **José Vitoriano** seguido de baile com o conjunto «**Trova Nova**».

• SETÚBAL

Sessão de esclarecimento, às 21 e 30 no **Casal das Figueiras**.

• PORTO

O secretário-geral do PCP, camarada **Álvaro Cunhal**, participa na abertura da campanha eleitoral no distrito do Porto. De manhã, às 10.30, estará presente num encontro com intelectuais que se realiza no **Auditório da Cooperativa**

«**Árvore**». Às 13.15, participa no piquenique a realizar no lugar do **Calvário**, no **Campo (Valongo)**. Às 16 horas, participa na festa popular — comício que se realiza na **Avenida dos Allados**, na cidade do Porto. Estão ainda previstos, para este dia, desfiles populares, caravanas e afixação e distribuição de documentos, para além de outras acções que os apoiantes da APU irão desenvolver durante o primeiro dia da campanha eleitoral por todo o distrito do Porto. À noite, em **Pombal**, sessão de esclarecimento nos **Bombeiros Voluntários**.

• LISBOA

Grande desfile da APU, com início às 14.30 do **Marquês de Pombal ao Rossio**, seguido de comício, com intervenções de **Octávio Pato**, da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP, **José Tengarrinha**, presidente do MDP/CDE (candidato

por Lisboa), **Apolónia Teixeira**, membro da DORS do PCP (candidata por Setúbal), **Anselmo Aníbal** (candidato independente por Lisboa) **Maria Santos**, dirigente do Partido «**Os Verdes**» (candidata por Lisboa) e **Jorge Patrício** da Direcção da JCP (candidato por Setúbal). Preside ao comício o candidato **Jerónimo de Sousa**, membro do CC do PCP.

O espectáculo, que encerra a iniciativa de propaganda eleitoral, é apresentado por **Fernanda Lapa**, também candidata por Lisboa e conta com a participação de **Fernando Tordo** e «**Rádio Macau**».

• GUIMARÃES

O camarada **Carlos Costa**, da Comissão Política e do Secretariado do PCP participa em várias iniciativas, de que destacamos encontros com autarquias e contactos com as populações nas freguesias de **Guimarães**: às 10 horas —

Polvoreira; às 11 horas — **Gandarela**; às 11.30 — **Serzedelo**; às 12 horas — **S. Martinho de Candoas**. No prosseguimento da sua estadia no distrito de Braga, o camarada **Carlos Costa** participa, às 13 horas, num almoço-convívio com a população de **Riba d'Ave/Vila Nova de Famalicão** e às 15 horas tem um encontro com a população de **Riba d'Ave**. Às 16 horas faz uma intervenção política na festa APU do concelho de Vila Nova de Famalicão, que se realiza em **Oliveira S. Mateus**, onde a seguir actuará o cantor **Carlos Alberto Moniz**.

• PÓVOA DO LANHOSO

O camarada **António Lopes**, membro da Comissão Política do CC do PCP e candidato pelo distrito de Braga participa num comício-festa que se realiza em **Póvoa do Lanhoso**. Entretanto,



POVO UNIDO

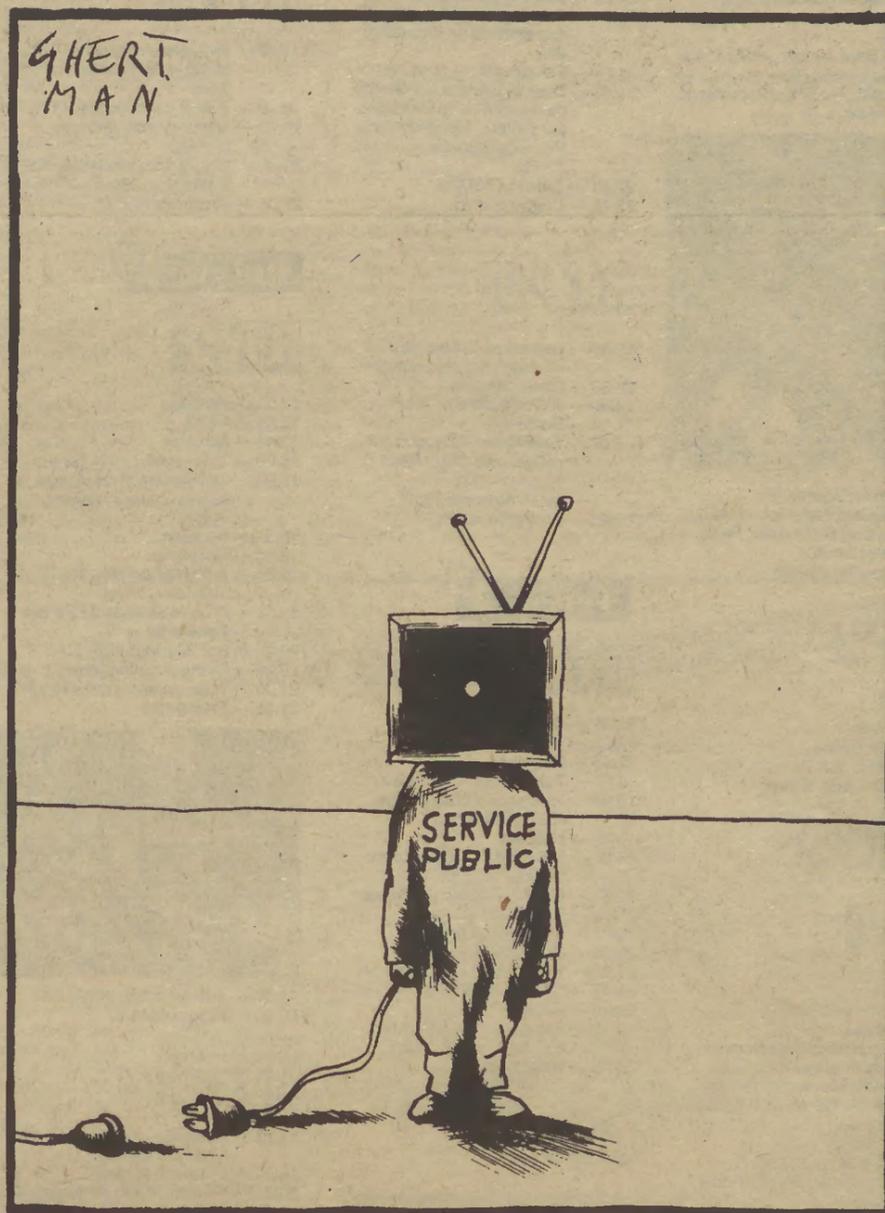
Tempo de Antena

- **Na RTP**
Dia 15 (domingo)
às 20.30
- **Na Antena 1 e Rádio Comercial**
Dia 16 (segunda-feira)
às 17.45
Dia 20, às 18.45
- **Na Rádio Renascença**
Dia 15 (domingo)
às 20.45
Dia 19, às 20.45
Dia 20, às 05.30

Sábado

• BRAGA

O secretário-geral do PCP, camarada **Álvaro Cunhal**, visita o distrito e participa nas seguintes iniciativas da campanha eleitoral: às 10 horas — comício no **Largo da Porta Nova**, em **Barcelos**; às 11 horas — encontro com a população da freguesia de **S. Paulo de Merelim**, no **Largo de S. Roque**, no concelho de Braga; às 12 horas — visita ao **Bairro das Enguardas** (Braga) e contactos com os organismos populares do bairro e a população; às 13 horas — almoço-convívio na freguesia de **Lomar** (Braga) — inscrições no Centro de Trabalho de Braga; às 15 horas — sessão de esclarecimento no **Teatro-Circo**, na cidade de Braga; às 18 horas — visita à freguesia de **S. Jorge do Selho** (Pevidém) e encontro com a população; às 19.30 — jantar-convívio em **Crelxomil** (Guimarães) — inscrições no Centro de Trabalho de Guimarães; às 21.30 — comício no **Jardim Público de Guimarães**.



Ghertman — (1946) — Desenho publicado no «Humanité Dimanche» da 2.ª semana de Julho deste ano

TV **O Programa**

Sexta 13
RTP1

- 12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mais Novos — Animação: «Mickey Mouse Gaúcho»
18.35 — Notícias
18.45 — Rafael — 2.ª parte
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.35 — Telenovela: «Louco Amor»
21.25 — Vitorino no Coliseu
22.30 — Aniversário do Nascimento de Aquilino Ribeiro
23.30 — Último Jornal

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
20.05 — Série: «Recordações», 4.º ep.
21.00 — Directo/2
22.30 — Jornal da Noite

Sábado 14
RTP1

- 13.00 — Tempo dos Mais Novos, «A Arca de Noé», «Circófilo» — palhaços, circo e canções.
14.00 — Série: «O Pai Murphy», último ep.
14.30 — Revista de Touros
15.30 — A Vida Secreta das Plantas
17.00 — Reportagem do Exterior
19.00 — Programa da Direcção de Informação
19.45 — Totoloto
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.35 — Série: «Fawty Towers», 2.º ep.
21.00 — O Bem Amado, «Mão Preta e o Elefante Branco», 10.º ep.
21.50 — Aplauso: «Elba Ramalho no Coliseu»



- 22.45 — Último Jornal
23.00 — Sábado Especial, «O Meu Funeral em Berlim», Real. Guy Hamilton, (Inglaterra/1966)

RTP2

- RTP — 2
18.30 — Troféu
20.00 — RTP/Brasil
20.30 — FilMOTECA TV
21.30 — Terra Mãe, 1.º ep.

Domingo 15
RTP1

- RTP — 1
10.30 — 70 vezes 7
11.00 — Missa
12.00 — Tempo dos Mais Novos: «Era Uma Vez o Espaço»
12.30 — Eurovisão, automobilismo, Grande Prémio da Bélgica de Fórmula 1
15.00 — TV Rural
15.30 — Feira de Santarém
16.00 — Fórmula J, com os «Rádio Macau»
17.30 — As Armas Secretas dos Insectos
18.35 — No Mundo dos Fraggles, 14.º ep.

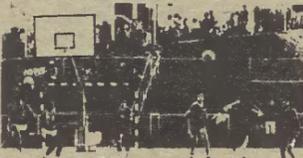
- 19.00 — Top Disco
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.30 — Campanha Eleitoral
21.00 — Festival Internacional de Folclore do Algarve
23.00 — Domingo Desportivo
00.00 — Último Jornal

RTP2

- 18.45 — Novos Horizontes
19.15 — Nós... Por Cá
20.00 — Adágio
20.30 — Canal Livre, «Como Exportar?»
21.30 — Cine Clube, «Ruy Blas», Real. Jean Cocteau (França/1947)

Segunda 16
RTP1

- RTP — 1
12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mais Novos: «A Volta ao Mundo com Willy Fog»
18.35 — Notícias
18.50 — Desportivamente



- 19.20 — O Mundo da Ciência, 8.º Ep.
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Bol. Meteorológico
20.30 — Campanha Eleitoral para a Assembleia da República-85
21.00 — Telenovela: «Louco Amor»
21.45 — Badarósissimo, programa de humor e canções escrito por Badaró, Fernando Assis Pacheco e Gonçalves Preto, 1.º Ep.
22.45 — Opinião Pública
23.25 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados: «Serafim Agente Secreto»
20.00 — Documentário
20.30 — RTP/Madeira, «Porto Santo II»
21.00 — Telefilme, «Perseguição», policial/dramático, Real. Mende Brown, (EUA/Austrália-1982)
22.30 — Jornal da Noite.

Terça 17
RTP1

- 12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mais Novos, «Bell e Sebastião»
18.35 — Notícias
18.50 — Século XX, «O Mundo em Guerra», 20.º Ep.
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Bol. Meteorológico
20.30 — Campanha Eleitoral
21.00 — Telenovela: «Louco Amor»
21.45 — O Corpo Humano, 19.º Ep.
22.15 — Actual
23.15 — Série, «Tudo em Família», 69.º Ep.
23.45 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados, «As Novas Aventuras de Zorro»
20.00 — Videopolis, 5.º Ep.
20.30 — O Mundo em Guerra, «Portugal 1939/45»



- 21.00 — Sessão das Nove, «Vermelhos e Brancos» Real. Miklos Jancsó (1968 - Hungria/URSS)
22.30 — Jornal da Noite.

Quarta 18
RTP1

- 12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mais Novos, «Um O Galinho Branco» e «Contos Folclóricos húngaros»
18.35 — Notícias
18.50 — Trânsito
19.20 — Expresso da Europa
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Campanha Eleitoral
21.00 — Telenovela: «Louco Amor»



- 21.45 — Noite de Cinema, «Daisy Miller, uma mulher às direitas», Real. Peter Bogdanovich, (EUA/1974)
23.20 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados, «As Misteriosas Cidades do Ouro»
19.50 — A Arte e as Coisas, 7.º Ep.
20.30 — O Mundo em Extinção, 22.º Ep.
21.30 — Itinerários Artísticos, «De Vicência a Veneza», 6.º Ep.
22.30 — Jornal da Noite.

Quinta 19
RTP1

- 12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mais Novos, «As Aventuras de Marco Polo»
18.35 — Notícias
18.50 — Desporto
19.20 — A Mulher no Mundo, «Irlanda», 5.º ep.
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Bol. Meteorológico
20.30 — Campanha Eleitoral
21.00 — Telenovela: «Louco Amor»
21.45 — Triangular



- 23.00 — A Bela Otero, último ep.
00.00 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animado: «Recruta Bailey»
20.00 — Conheça Melhor
20.30 — Munch, Pintor da Angústia, 1.º programa
21.40 — Da... Música, homenagem a J. Brahms
22.30 — Jornal da Noite.

Livros



África do Sul: Um só caminho; Joe Slovo; Editorial Caminho; Lisboa, 1978; Preço: 180\$00

África do Sul. Poucos serão hoje os que em qualquer parte do mundo não identificam de imediato o simples enunciar daquele país com morte, a mais brutal repressão, a discriminação abjecta de seres humanos a partir da raça. As imagens diariamente transmitidas pela televisão dão conta do drama de um povo tornado escravo no seu próprio país por uma minoria branca e de elevado preço que está a pagar na luta pela sua libertação.

A condenação unânime do *apartheid*, incluindo os que fora da África do Sul dele se aproveitam política e economicamente, não deixa dúvidas quanto à necessidade de o destruir em todas as suas manifestações. A questão que se coloca é: como?

A experiência parece confirmar cada vez mais o que há muito é defendido pelas forças mais consequentes da oposição sul-africana: só uma acção de massas extralegal, incluindo a luta armada, poderá remover o bloco branco e erguer uma sociedade justa.

Tal convicção assenta na longa história da luta nacionalista contra o colonialismo na África do Sul e as características próprias que o caracterizam.

O livro de Joe Slovo que a Editorial Caminho publicou em 1978 constitui um contributo valioso para a compreensão dessa luta e para muitas das questões que hoje estão na ordem do dia no que se refere à África do Sul.

O autor, logo no início do livro, transcreve um excerto duma declaração do Congresso Nacional Africano (ANC), de 1969: «A África do Sul foi conquistada pela força e é hoje governada pela força. Nos momentos em que a autocracia branca se sente ameaçada, não hesita em fazer uso das armas. Quando as armas não são utilizadas, o terror legal e administrativo, o medo, as pressões económicas e sociais, a complacência e a confusão geradas pela propaganda e pela "educação" são os expedientes a que recorre para tentar soffrear a oposição do povo. Por detrás destes expedientes paira a força. Quer como reserva quer de facto empregue, a força está sempre presente, e tem sido sempre assim desde que o homem branco chegou a África.»

As largas centenas de mortos vítimas da repressão policial desde o início do ano, os milhares de prisões, o estado de emergência em vigor em largas zonas do país, as propaladas reformas e todo o tipo de expedientes a que tem recorrido a minoria branca no poder da África do Sul para tentar escapar à condenação internacional, provam bem a justeza e actualidade daquela declaração do ANC. Em última análise, é sempre a força das armas que predomina.

Mas até quando se poderá manter uma tal situação? E o que é necessário para que a voz da maioria se faça ouvir e acabe de vez o abominável regime de *apartheid*? E que futuro se pode esperar para a África do Sul, onde, como Joe Slovo afirma, o monopólio racial sobre todos os meios de produção essenciais é a verdadeira origem da ditadura política branca?

A análise feita nesta publicação, que abarca inclusive uma resenha crítica da actividade desenvolvida pelos movimentos de oposição sul-africanos tanto no campo político como no que se refere à luta armada, ajuda a entender a complexidade da luta nacionalista e anti-imperialista que se desenvolve na África do Sul, o autoproclamado «bastião contra o comunismo» da África Austral.

Porque ao contrário do que muitas vezes se procura fazer crer, o que está em jogo não

NOSSO MUNDO

África do Sul: Um só caminho
Joe Slovo

- A resposta à dominação da minoria.
- A teoria da revolução sul-africana: classe e raça; o colonialismo interno; a libertação nacional e a destruição do colonialismo.
- A resistência: as guerras de resistência; o Partido Comunista; o Congresso Nacional Africano; as lutas de massas dos anos 50.
- Perspectivas da luta armada: insurreição e luta armada; os anos 60; e perspectiva de guerrilha.

é apenas uma luta dos negros contra os brancos, mas uma luta de negros explorados contra brancos exploradores. A África do Sul é um país capitalista, onde o controlo exclusivo do aparelho de Estado pelos brancos consagra e mantém o enorme desequilíbrio racial, por meio do qual é apropriada a riqueza da África do Sul. O autor, Joe Slovo, sublinha-o ao citar a posição do ANC sobre esta questão.

«No nosso país, diz o ANC, mais do que em qualquer outro ponto do mundo oprimido, é inconcebível que a libertação tenha significado sem uma restituição da riqueza da terra a todo o povo. Portanto, é um traço essencial da nossa estratégia que a vitória deva abranger mais do que uma democracia política formal. Permitir à forças económicas existentes manter os seus interesses intactos é alimentar a raiz da supremacia racial e não representa sequer uma sombra de libertação.»

A minoria branca da África do Sul não tem dúvidas a este respeito. Por isso a luta de libertação da maioria negra é tão dura e a solidariedade internacional tão necessária. Uma solidariedade que se exercerá tanto melhor quanto melhor se entender a razão porque para a África do Sul existe «Um só caminho».

Cinema A selecção

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A A Caixa de Surpresas	—	—	★★★★	★★★★	—
B Amor é Música	—	—	★★	—	—
C Diário de Uma Criada de Quarto	—	—	★★★★	★★★★	—
D Dune	—	—	★★	★★	—
E A Laranja Mecânica	—	★★★★	★★★★	★★★★	—
F Reacção em Cadeia	★★	—	★★★	—	★★★
G Starman-O Homem das Estrelas	★★★★	—	★★★	★★★	★★★★
H A Testemunha	—	—	★★	★★★	—

A — Real. Walt Disney — Caleidoscópio (14, 16.30, 19, 21.30) — Lisboa;
B — Real. Steve Barron — Las Vegas (15.15, 18.30 e 21.30) — Londres (14.00, 16.30, 19, 21.30) Lisboa;
C — Real. Luis Buñuel — Quarteto/3 (15, 17, 19, 21.30) — Lisboa;
D — Real. David Lynch — Alfa/1 (14, 16.30, 19, 21.30, 24) — Berna (14, 16.30, 19, 21.30) — Tivoli (14, 16.30, 19, 21.30) — Lisboa; Coliseu — 18, 21.45) — Foco (19, 21.45) Porto;
E — Real. Stanley Kubrick — Quarteto/2 (14, 16.30, 19, 21.30, 23.30) — Lisboa;
F — Real. Mike Nichols — S. Jorge/2 (14, 16.30, 19, 21.45) — Lisboa;
G — Real. John Carpenter — Ávila (14.45, 17, 19.10, 21.45) — Lisboa;
H — Real. Peter Weir — Alfa/3 (13.45, 16.15, 18.45, 21.30, 24.00) Apolo 70 (14, 16.30, 19, 21.30) — S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.30) — Lisboa — S. João (19, 21.45) Stop/2 (19, 21.30) — Porto;

Classificação de * a *****

Teatro O Cartaz

• **ALMADA**

Academia Almadaense, Rua Capitão Leitão, 64. O Capote de Nicolau Gogol, 6.ª, Sáb./Dom. Enc. de Joaquim Benite. Companhia de Teatro de Almada/Grupo de Campolide.

• **CASCAIS**

Teatro Experimental de Cascais, Av. Marechal Carmona, 6-B. De 3.ª a Sáb. / 21, 45. Dom./17.00. Duas

Anedotas Provincianas, de Alexander Valentínovitch, enc. Artur Ramos.

• **LISBOA**

ABC, Parque Mayer. Às 21.45; Sáb. e Dom. Também às 16.00. Fininho, de J. Bettencourt, versão de César Oliveira e R. Solnado, enc. Carlos César.
 Casa da Comédia, R. S. Francisco de Borja, 24. De 3.ª a Sáb. / 21, 45; Dom./17.00. Duas

dom./18.00. Savannah Bay, de Marguerite Duras, enc. Filipe La Feria.

Instituto Franco-português, Av. Luís Bivar, Embalagem Perdida, enc. de Ricardo Marques, com Cucha Carvalheiro e Lucinda Loureiro, às 21.30. Até 20/9.

Maria Vitória, Parque Mayer. Não Batam Mais no Zezinho, de H. Santana, Nicholson e Zambujal, enc. H. Santana.

De 3.ª a Dom./20.30 e 22.45; Domg. e feriados também às 16.00.

Ocarina, Trav. do Poço da Cidade, 40. Ss 2.ª, 4.ª e 6.ª. O Paraíso Não Está à Vista, de Rainer Werner Fassbinder — Grupos de Teatro Maizum.

Teatro da Graça, Trav. S. Vicente, 11. Terça a Sáb./22.00; Sáb./e Dom./17.00. A Noite e o Momento,

de Crébillon Fils, enc. Carlos Fernando — Grupo Teatro Hoje.

Teatro do Século, R. do Século, 41. De 3.ª a Sáb. 21.30; Dom./16.45. As Artimanhas de Scapin, de Molière, enc. Rogério de Carvalho.

Teatro Vasco Santana, Entrecampos (Feira Popular). 3.ª a Sáb. / 21.30, Dom./16.00. Jardim de Outono, de Luzia Maria Martins — Teatro Estúdio de Lisboa.

Exposições

Arqueologia Industrial, «Um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender». Visitas guiadas, 3.ª, 4.ª, 5.ª e dom./10 às 17; 6.ª e sábados até às 21 horas. Na antiga Central Tejo, em Belém.

Azulejos do Século XIV aos Nossos Dias. De 3.ª a dom/10 às 13 e 14.30 às 17. Museu Nacional do Azulejo — Convento da Madre de Deus.

Saio de Colagem, Tapeçaria, Gravura e Objectos. Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, 36, todos os dias das 14.00 às 20.00.

Colectiva de pintura e escultura. 3.ª a Dom./12.30 às 15.30 na galeria Gemini, Rua das Freiras.

O corpo e a roupa. Colectiva de escultura, pintura, vestuário e fotografia, de Sérgio Taborda, Carlos Barroco, Nuno Carinhães, Olga Roriz, Nádia Baggio e Romualdo. Na Galeria Novo Século, Rua do Século, 23 A/B, de 2.ª a 6.ª, das 14 às 20. Até 17/9.

Exposição de desenhos de Pasolini, no CAM.

Fotografias de Alberto Peixoto, António Aguiar, Beatriz Ferreira, Eduardo Tomé e Luís Manuel Vasconcelos. De 2.ª a 6.ª, das 10 às 20, na Casa da Imprensa.

Encontro com a Arte, colectiva de escultura, pintura, desenho, colagem e gravura, com Eduardo Nascimento, Helena Malta, José Mourão, Joaquim Lourenço, Isabel Pena, Marina e Mili, Abílio Febra e Victor Pi. Na Quinta de S. Mi-

protótipo, colectiva de banda desenhada no «B'Arte», Rua de Boaventura, 16. Até 16/9.

«Um Rosto para Fernando Pessoa» — o poeta retratado por 33 pintores nossos contemporâneos. Na nave superior do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian.

Colectiva de pintura e escultura. 3.ª a Dom./12.30 às 15.30 na galeria Gemini, Rua das Freiras.

O corpo e a roupa. Colectiva de escultura, pintura, vestuário e fotografia, de Sérgio Taborda, Carlos Barroco, Nuno Carinhães, Olga Roriz, Nádia Baggio e Romualdo. Na Galeria Novo Século, Rua do Século, 23 A/B, de 2.ª a 6.ª, das 14 às 20. Até 17/9.

Exposição de desenhos de Pasolini, no CAM.

Fotografias de Alberto Peixoto, António Aguiar, Beatriz Ferreira, Eduardo Tomé e Luís Manuel Vasconcelos. De 2.ª a 6.ª, das 10 às 20, na Casa da Imprensa.

Encontro com a Arte, colectiva de escultura, pintura, desenho, colagem e gravura, com Eduardo Nascimento, Helena Malta, José Mourão, Joaquim Lourenço, Isabel Pena, Marina e Mili, Abílio Febra e Victor Pi. Na Quinta de S. Mi-

guel (Quinta do Tivoli), sáb e dom/a partir das 15.00. Até 29/9. AMADORA.

Arquitectura e Escultura Góticas. Até 3/11. Mosteiro de St.ª Maria da Vitória. BATALHA

1.ª Bienal Nacional de Escultura ao Ar Livre. Até 29/9 nos jardins do Museu Municipal António Duarte. CALDAS DA RAINHA

Eduardo Constantino, grés e porcelana, na Casa da Cultura das Caldas da Rainha. De 7 a 29/9. CALDAS DA RAINHA.

Aníbal Sequeira, fotografia. Museu Tavares Proença. Até 16/9. CASTELO BRANCO

Colectiva de pintura. De 3.ª a Dom./15 às 19, em A Galeria — R. Nova de Alfaro. CASCAIS

Fernando Sobral, escultura, na Galeria Astolfi, Birre Centro, diariamente, excepto às 3.ª das 16.30 às 21. CASCAIS.

Exposição Nacional de Artes Plásticas de Pequeno Formato. Galeria da Junta do Turismo da Costa do Estoril nas Arcadas do Parque. ESTORIL

20 Pintores Portugueses em Madrid, colectiva na Galeria de Arte do Casino. Das 16 às 24, até 11/9. ESTORIL

Pamela Anderson, pintura. Junta de Tu-

risma da Costa do Estoril, todos os dias das 9 às 19. Até 15/9. ESTORIL

Brinquedos americanos fabricados entre 1870 e 1955, no Museu da Cidade. Até ao fim do mês. ÉVORA

Homenagem a Gil do Monte (Felício José Pássaro) — exposição bibliográfica no Museu. ÉVORA

Colectiva de pintura (Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Guima, Jorge Martins, Nadir Afonso e outros). De 3.ª a domingo, das 15 às 19.30. Galeria Gilde, S. Torcato. GUIMARÃES

Edith Ambuhl, desenhos: «Mãos de Mulheres». Museu Municipal. PENICHE

Colectiva, cerâmica e tecelagem, de Luís Soares, Filomena Carmo e António Bronze, no Armazém Regimental. Até 18/9. LAGOS.

Luís Soares, pintura, na Galeria do Mercado dos Escravos. Até 15/8. LAGOS.

Vida e Cultura Popular no Concelho de Santiago do Cacém, exposição organizada pela Câmara e patente no Museu Municipal até 21/9. SANTIAGO DO CACÉM

Agês Jorbel, pintura, na Pousada de S. Filipe, diariamente das 10 às 22. Até 27/9. SETÚBAL.

Arqueologia Naval. Exposição itinerante organizada pela Ass. dos Municípios de Setúbal, a percorrer todos os concelhos do distrito. SETÚBAL

Cidália de Brito, pintura. Restaurante Encoberto, Trav. de Santa Catarina, n.º 11. Todos os dias das 12 às 23.00. Até 13/9. SETÚBAL

Fernanda Birrento, desenho e pintura, na Galeria Central, Praça do Bocado. SETÚBAL

Lembrança de Bocado, desenhos de Júlio Pomar, na Casa Bocado, Galeria Municipal das Artes Visuais, Rua Edmundo Bartisol, de 3.ª a 6.ª das 9 às 12 e das 14 às 17, sáb. e dom. das 15 às 19. SETÚBAL.

Luís Perlenes e Carlos Dutra, escultura nos Claustros do Convento de Jesus. SETÚBAL.

José Ribeiro, pintura, aguarela e desenho. Palácio do Turismo. SINTRA

Maria Gabriel, pintura e desenho. Casa das Artes. TAVIRA

Aldrabs de Viseu, fotografia de José Alfredo Costa e Viseu à Noite, um trabalho fotográfico de José Carvalho. Na Feira de S. Mateus durante o mês de Setembro. VISEU.

Carmen Vale, pintura, na Galeria Requinete, Rua 21 de Agosto, 203, diariamente até às 21. Até 6/10. VISEU

Agenda



por todo o distrito de Braga estão previstas várias caravanas autómóveis que percorrerão os principais centros do distrito. Paralelamente, candidatos da APU participam neste dia em acções de contacto com a população e farão distribuição pública de propaganda eleitoral em Fomalhão, Fafe, Braga e outras localidades.

• **CARTAXO**
 O camarada António Dias Lourenço, membro da Comissão Política do CC do PCP participa, das 12 às 14.30, numa acção de propaganda porta-a-porta a efectuar no Cartaxo, Lapa e Pontével, juntamente com outros candidatos pelo distrito de Santarém. Às 21 horas, o camarada Dias Lourenço estará presente numa sessão pública de esclarecimento eleitoral a realizar em Pontével, seguida de espectáculo com o artista Nuno Gomes dos Santos.

• **ÉVORA**
 Para o dia de hoje, estão programados, no distrito de Évora, as seguintes sessões de esclarecimento eleitoral e que se realizam nas localidades que indicamos: Orada, Alqueva, Lavre, Cortiçadas do Lavre, Foros de Vale Figueira e Alcaraviça. Durante todo o fim-de-semana estão previstas

colagens e acções de porta-a-porta em: Mourão, Évora, Redondo, Vila Viçosa, Alandroal, Reguengos, Cabeção e Viana do Alentejo.

• **S. JOÃO DA PESQUEIRA**
 Sessão-festa da APU, no Largo 25 de Abril, às 18.30, com a presença dos candidatos Carlos Fraião e Manuel Pereira. No final actuam o Rancho Folclórico de Vilar e Francisco Ceia.

• **LAMEGO**
 Sessão-festa da APU, às 15.30, na Avenida Dr. Alfredo de Sousa, em Lamego, com a presença dos candidatos Jaime Gralheiro e Rogério Martinho. Actuação de Francisco Ceia.

• **VISEU**
 Sessão-festa da APU, às 15.30, no Largo Central, de Ranhados (concelho de Viseu) com a presença dos candidatos dr. Diamantino Henriques e Fausto Gomes. Actuação do grupo musical «Viva a Música».

• **TONDELA**
 Sessão-festa da APU, às 16 horas, em Tondela, com a presença do candidato dr. Manuel Florindo. Actuação do grupo musical «Trigal».

• **PARIS**
 Sessão de esclare-

cimento eleitoral com o candidato pelo círculo da Europa, António Topa, na Festa de «L'Humanité».

• **HAIA**
 Sessão de esclarecimento eleitoral em Den-Haag (Haia), com o candidato da APU pelo círculo da Europa, Jorge Veludo.

• **FRANKFURT**
 Debate no Centro Cultural Português, em Frankfurt, com a presença de representantes da APU, PRD e PSD. O PS recusou participar no referido debate.

• **ALCÁÇER DO SAL**
 Espectáculo, às 17 horas, no Cinema da Comporta com o grupo «Bando do Beco».

• **BARREIRO**
 A partir das 9 horas, audiovisuais, bombos e porta-a-porta.

• **PALMELA**
 A partir das 21 horas, realizam-se sessões de esclarecimento nas seguintes localidades: Venda do Alcaide, Pocolão, Balxa de Palmela, Quinta do Anjo.

• **CASCAIS**
 Espectáculo de «rock», no âmbito da campanha eleitoral para as próximas

eleições legislativas, às 21.30, no Pavilhão do Dramático de Cascais, com a presença dos conjuntos «GNR» e «Rádio Macau».

• **ALCÁÇER DO SAL**
 Sessão de esclarecimento, às 21 horas com passagem de filme na Escola de Santa Catarina.

• **ALMADA**
 Visita de candidatos ao concelho. Sessões de esclarecimento no «Clube Recreativo Charnequense» e no «Estrela das Torcatas».

• **BARREIRO**
 Visita de candidatos ao concelho. Na Verderena, às 21 horas,

comício com o camarada José Vitoriano.

• **MONTIJO**
 Sessões de esclarecimento às 21 horas na Sociedade Recreio do Areias e na Sociedade Recreio da Atalaia.

• **SANTIAGO DO CACÉM**
 Visita de candidatos ao concelho. Sessões às 20 e 30 no Arealão e às 21 na Casa do Povo do Cercal.

• **SEIXAL**
 Sessão, às 21 horas no Clube de Campismo «Luz e Vida».

• **GRÂNDOLA**
 Sessão, às 21, no Cine Granadeiro.

• **MONTIJO**
 Sessão de esclarecimento às 21 no Clube os «Unidos».

• **ALCÁÇER DO SAL**
 Sessão de esclarecimento, às 20 e 30 com passagem de filme na Escola de Santa Catarina.

• **ALMADA**
 Visita de candidatos ao concelho. Sessões de esclarecimento no «Clube Recreativo Charnequense» e no «Estrela das Torcatas».

• **BARREIRO**
 Visita de candidatos ao concelho. Na Verderena, às 21 horas,

comício com o camarada José Vitoriano.

• **MONTIJO**
 Sessões de esclarecimento às 21 horas na Sociedade Recreio do Areias e na Sociedade Recreio da Atalaia.

• **SANTIAGO DO CACÉM**
 Visita de candidatos ao concelho. Sessões às 20 e 30 no Arealão e às 21 na Casa do Povo do Cercal.

• **SEIXAL**
 Sessão, às 21 horas no Clube de Campismo «Luz e Vida».

• **GRÂNDOLA**
 Sessão, às 21, no Cine Granadeiro.

• **MONTIJO**
 Sessão de esclarecimento às 21 no Clube os «Unidos».

• **ALCÁÇER DO SAL**
 Sessão de esclarecimento, às 20 e 30 com passagem de filme na Escola de Santa Catarina.

Tempo Fim de Semana



Segundo a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, no sábado o céu estará pouco nublado, embora nas regiões do Centro e Sul se possa apresentar temporariamente muito nublado, com condições favoráveis à ocorrência de aguaceiros e trovoadas, em especial durante a tarde e no interior. Ainda para sábado, a previsão aponta vento fraco e moderado de Leste. No domingo, teremos céu pouco nublado ou limpo, temporariamente muito nublado nas regiões do Sul, além de vento geralmente fraco de Leste que se fará sentir com particular incidência no litoral norte. Pequena subida de temperatura, em especial nas regiões do Norte.

...e ainda Música, debates, etc.

Orquestra Ligeira da RDP.
Feira
 Inicia-se amanhã até dia 22 a Alpiagra 85, Feira Agrícola e Comercial de Alpiagra. Assim, amanhã teremos, pelas 15 horas, um desfile com as bandas de Alpiagra e Fanhões e às 21 horas o Festival Regional de Folclore. Decorrerão ainda concursos de produtos agrícolas, picárias e várias provas desportivas.

Continua a decorrer o XIV Festival In-

ternacional de Cinema da Figueira da Foz. Assim, temos a

Ainda hoje pelas 10 horas, no Casino 2 «Isabel nas Estradas», uma produção original da RDA, «Clarence and Angel», de Bob Gard-

ner, dos Estados Unidos e «Prá Frente Brasil», de Roberto Farias, pelas 00.15, no Casino 2, também do Brasil pelas 18 horas no Casino 3 «Cabra Marcado para Morrer», de Eduardo Coutinho.

No domingo «Brussels by Night», de Marc Didden, da Bélgica, no Casino 1, pelas 14.00, «A Valsa do Danúbio», de Xaver Schwartzberg, da Áustria, pelas 15.00, no Casino 3 e «História Oficial», de Luiz Puenzo, da Argentina, pelas 18 horas, no Casino 3. Em Lisboa teremos hoje no Fórum Picoas, às 21.00 «O Maior Espião da História», de Terence Young.

destacar, hoje pelas 18.00, no Casino 2 «O Beijo de Tosca», de Daniel Schmid.

de Daniel Schmid.

de Daniel Schmid.

Utilidades & variedades

Naufrágios em «mares demoníacos» — problema científico... e policial

Uma boa dúzia de bacias oceânicas adquiriram a reputação macabra de zonas perigosas. Toda a gente ouviu falar no «triângulo das Bermudas»; conhece-se menos o «Círculo do Inferno», uma grande região atlântica que engloba o Golfo do México e as costas dos Açores; muitos navios e aviões desapareceram, sem deixar vestígios, a oriente do Japão, num pedaço do Pacífico designado por «Mar do Diabo». Certas realizações científicas, como a «Polimode», experiência soviético-americana no «Círculo do Inferno», contribuíram para libertar tais fenómenos do seu carácter «místico». Mas, neste objectivo, a ciência tem um aliado invulgar e surpreendente: a polícia. As investigações e inquéritos feitos por detectives, nomeadamente no âmbito da «Interpol» e de outras organizações internacionais, têm também esclarecido alguns «mistérios» dos «mares demoníacos».

Piratas do século XX com diabos à mistura

Em 17 de Janeiro de 1980, o superpetroleiro «Salem» afundou-se no Atlântico, perto das costas do Senegal, em circunstâncias estranhas. Estava seguro no «Lloyd» por 84 milhões de dólares.

Apesar das explosões súbitas e do incêndio que rapidamente enviou o navio, com o seu diário de bordo, para uma profundidade de 4300 metros, os 24 membros da tripulação tiveram tempo de embarcar nos salva-vidas e esperar por um petroleiro britânico vindo em seu socorro depois de captar o SOS.

O inquérito revelou uma grossa fraude. Antes do desaparecimento «súbito», o «Salem» tro-

caria provisoriamente o seu verdadeiro nome por «Lema», descarregara secretamente na África do Sul 194 000 toneladas de petróleo koweitiano destinado à Itália, reenchendo os depósitos com água e... explodira.

Não foi fácil desvendar as maquinacões escondidas por detrás da fachada da cooperação internacional: o barco construído na Suécia e seguro na Grã-Bretanha, navegava sob a bandeira ilberlana e pertencia a uma companhia americana, que tinha sede na Suíça! Um certo Stein, auto-intitulado cidadão da RFA e com escritório em Zurique (o que veio a verificar-se falso) alugara-o a agentes dos Países Baixos para um itinerário Koweit-Itália!

Stein recrutara marinheiros na

Grécia (gregos e tunisinos) por preços de miséria e prometeram-lhes recompensas suplementares por testemunho falso. Desapareceu sem deixar rasto.

Os aventureiros perderam a compensação da «Lloyd» mas não os lucros do petróleo vendido à África do Sul, contra o embargo do Koweit ao país do apartheid.

É evidente que estas aventuras são muito lucrativas para os seus autores e não é por acaso que, como diz «L'Express», de Paris, envolvem anualmente 80 navios cujos seguros atingem importâncias da ordem dos onze milhões de contos. Os itinerários «perigosos» do Suez, África do Sul e Sudeste Asiático encontram-se entre os preferidos dos «génios da pirataria do século XX».

O correspondente do «Izvestia» em Tóquio afirma que, nos últimos anos, 40 cargueiros desapareceram «misteriosamente» no Pacífico, perto do Sudeste Asiático e, segundo os agentes das companhias de seguros, pelo menos 16 foram afundados. A operação é simples: compra de um barco barato, carregamento com mercadorias valiosas, seguro alto, descarga secreta num porto e naufrágio em zona de grande profundidade habitualmente próxima de uma via marítima muito frequentada para facilitar a recolha dos tripulantes.

Ou então, pinta-se no casco do navio um outro nome, falsificam-se documentos, e o antigo barco deixou de existir: «desapareceu sem deixar rasto». Fazem-se correr boatos que responsabilizam o diabo e os Ovnis pelo naufrágio...

Facturas endossadas ao «além»

As lendas sobre o «Círculo do Inferno» e o «Mar do Diabo» e outras diabruras são metodicamente aproveitadas pelos que pretendem esconder as causas verdadeiras de um desastre e libertar-se das suas responsabilidades terrenas. O petroleiro americano «Pine Rise», que se partiu em dois no mar sereno de um calmo dia de Dezembro de 1960, é um exemplo clássico.

O «Pine Rise» sulcava águas mansas, sem ondas, sem bancos, sem recifes, quando o casco estalou e a proa partida se afundou, enquanto a popa se mantinha a flutuar. A bordo não houve incêndios, nem explosões. E se morreram apenas sete tripulantes, foi porque o naufrágio ocorreu perto da costa, a cem milhas do cabo Gatteras. «É um mistério — repetiam os armadores — um incidente absurdo, incompreensível.» E a zona do cabo foi incluída no «Círculo do Inferno».

Os marinheiros sabiam, porém, que o seu barco, construído em 1943, estava demasiado ve-

lho e em mau estado. Os patrões apenas o pintavam para lhe dar bom ar, mas não queriam gastar dinheiro a reparar a carcaça, já com fissuras. O acidente podia ocorrer em qualquer momento.

Uma dezena de outros petroleiros se partiu em dois devido ao mau estado do casco. Uma lógica irrefutável que a ninguém pode espantar. Mas o que é natural não agita a imaginação. Muitas vezes ela prefere coisas incompreensíveis, misteriosas, aureoladas de enigmas, versões que suscitam a efervescência do espírito e originam mitos como o «Círculo do Inferno» ou o «Mar do Diabo».

Os patrões das carcaças brilhantes com tintas a esconder fissuras aproveitam o fascínio do mistério inventado para ocultar as causas verdadeiras de catástrofes. Meios de transporte sulcam mares e ares sem garantias sólidas, pondo em risco vidas humanas. Depois, para fugir a responsabilidades e manter lucros intocados, culpam-se «forças do além».

A experiência «Polimode»

Registam-se actualmente 150 a 160 naufrágios por ano, menos que os 400 do início do século, mas com barcos muito maiores. Detectar minuciosamente as causas é uma tarefa importante e, evidentemente, nem todas se situam no foro policial.

Muitos acidentes no mar, talvez a maior parte, podem ser explicados segundo um ponto de vista da ciência, sem mistérios ou referências a encontros com «visitantes de outros planetas».

Os trabalhos científicos sérios provam que é possível desvendar todos os «mistérios» do Oceano. Um caso exemplar foi a experiência soviético-americana «Polimode», durante dois anos (1977 e 1978) no «Círculo do Inferno».

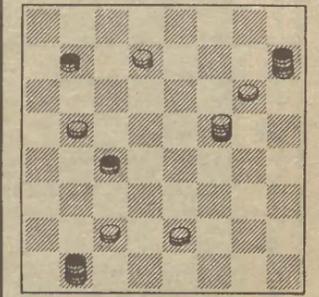
Um dos objectivos principais da «Polimode» foi estudar os turbilhões oceânicos, descobertos em 1970, que dificultam a navegação. «Foram analisadas minuciosamente 20 destas correntes», disse o oceanólogo soviético Lutch Fomine que dirigiu a última expedição a bordo do «Vityaz». E acrescentou: «O seu conhecimento aumentará a segurança».

Sobre os «mistérios impenetráveis», aquele oceanólogo afirmou tratar-se de uma cortina que apenas serve para travar a procura das causas. Referiu, a propósito, certos rumores divulgados pela imprensa sobre «destroços de navios desconhecidos» que então teriam sido vistos. «Tratava-se apenas — disse — de vulgares estações flutuantes.»

Segundo a opinião do cientista, se o número de catástrofes aumentou no «Círculo do Inferno», isso deve-se ao facto da navegação se ter intensificado naquela zona.

Damas

Proposição n.º 17
por Amadeu Martins Coelho (Bolliqueime)
«Vestir» n.º 53 — Novembro/1948
PR. (4)-15-(25)-28



Br. 6-7-(18)-20-21-27
Jogam as brancas e ganham

JOGO N.º 17

Br. L.A. David — Pr. Dr. O.A. Lopes
Lisboa, 25 de Março de 1985

1. 10-13, 22-19; 2. 5-10, 19-15; 3. 12-19, 23-5; 4. 1-10, 27-22; 5. 8-12, 28-23; 6. 13-17; 21-18; 7. 10-14, 32-28; 8. 14-21, 25-18; 9. 6-10, 22-19; 10. 10-13, 30-27; 11. 13-22, 27-18; 12. 3-6, 31-27; 13. 11-15, 27-22; 14. 7-11, 19-14; 15. 4-7? (Dr. O.A.L.: 12-18 é a jogada de empate), 14-10!; 16. 6-13, 23-19; 17. 2-6, 28-23; 18. 6-10, 23-20; 19. 10-14, 19-10; 20. 12-16, 10-6; 21. 16-23, 6-3; 22. 17-21, 3-32; 23. 21-30, 29-26; 24. 30-14, 32-17 G. Pretas.

Golpe n.º 17

Br. Medalha da Silva — Pr. Varíssimo Dias
Aimada, 28 de Agosto de 1979

1. 9-13, 21-17; 2. 5-9, 25-21; 3. 2-5, 22-19; 4. 13-18, 21-14; 5. 11-18, 24-20; 6. 12-18, 19-14; 7. 10-19, 23-14; 8. 16-23, 28-19; 9. 18-21, 32-28? e as Br. ganham de Golpe! (Br. 1-3-4-5-6-7-8-9-21 Pr. 14-17-19-26-27-28-29-30-31 J. Br. G)

SOLUÇÕES

XIV (22.VIII.85): RESTIVO 22-26, 8-19 (Se: 29-22; 28-24, 8-28; 24-2-18; 8-22; 28-24 ou 28-31 (Dual), 5-28; 24-9 e 9-31 + ou 31-9, 29-22; 9-24 +); 28-24, 29-22 (Se 19-28; 24-31, 29-22; 31-2 +); 24-2, 19-28; 2-24 + GOLPE 10., 15-11; 11. 10-19, 31-28; 12. 7-14, 25-21; 13. 18-25, 26-22; 14. 19-26, 28-1 + XV (29.VIII.85) POLICARPO 8-12, 10-26; 29-28, 32-23; 12-28, 13-10; 1-5, 10-1; 28-32 + GOLPE (CANALEJAS, Saragoça 1650!) 10. 15-19, 22-15; 11. 13-22, 26-19; 12. 11-14, 28-23; 13. 10-13 e 12-28 +

Xadrez

XVII — 12 de Setembro de 1985

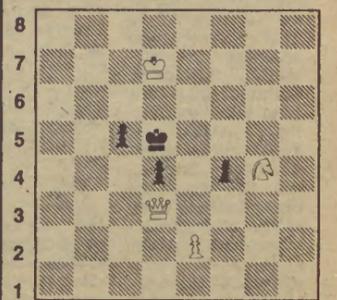
PROPOSIÇÃO N.º 17

Por Gyula R. Neukomm

3.ª Menção honrosa, Godd Companion/1923-IV

Pr. (4) Ps. c5, d4, f4-Rd5

Br. (4) Pe2-Cg4-Dd3-Rd7



MATE EM 2 LANÇES

G.R. NEUKOMM: Compositor húngaro (22.IV.1892/9.X.1957), professor de matemática, árbitro internacional, co-autor de um Dicionário húngaro de terminologia problemística, redactor em vários periódicos de crónicas sobre Xadrez, presidente da Comissão Problemística da FIDE até 9.X.57! Compôs cerca de 400 problemas entre os quais uma quinzena de primeiros prémios. Foi especialista em Mates Mudados.

JOGO N.º 17

Interzonal de Tunis, 1985

Br. A. Affli — Pr. A. Bellavsky

1. Cf3, d5; 2. c4, e6; 3. g3, dxc4; 4. Bg2, a6; 5. a4, Cc6; 6. a5, Bb4; 7. Ce5, Cxe5; 8. Dd4+, Bd7; 9. Dxb4, Ce7; 10. f4, Bc6. 11. Bxc6+, C7xc6; 12. Dc3, Dd5; 13. Tf1, Cg4; 14. Dxc7, Cxh2! (E. Birmingham: «Parece que A. Bellavsky desejou imitar A. Andersen, mas com a diferença que o GMI soviético joga aqui a sua "imortal" num Interzonal...»); 15. Dxb8+, Re7; 16. Dxa8, Dg2; 17. d3, Cd4; 18. Tf2, Dgl+; 19. Rd2, Cb3+; 20. Rc3, Dxc1+; 21. Rb4, Dxb2; 22. e3, Cd2+; 23. Rc5, Db5+; 24. As Br. abandonam 24. Rd4, Ch3+; 25. Txf3, Cxf3+; 26. Rc3, Db3 mate. Se: 26. Re4, Dd5 MATE.

SOLUÇÃO DO N.º 17

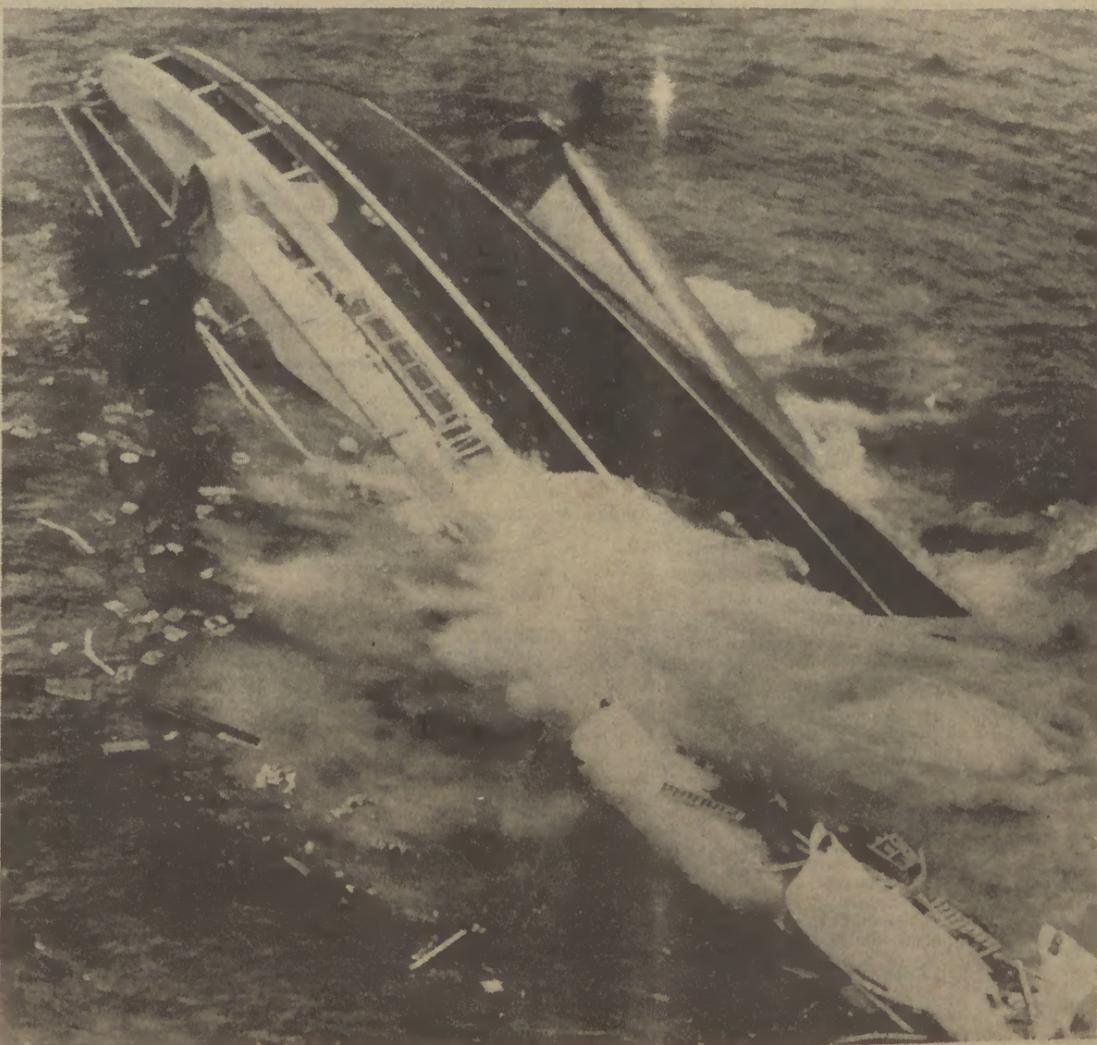
Chave: 1. Da6! (Ameaça: 2. De6)

1. ... Re4; 2. De6 +

1. ... d3; 2. Dxd3 +

1. ... c4; 2. Dc6 +

A. de M.M.



Registam-se actualmente 150 a 160 naufrágios por ano, no que se refere aos grandes navios oceânicos. Investigar as causas dos acidentes é uma tarefa importante. Na foto: o naufrágio do transatlântico italiano «Andrea Doria», em Julho de 1956, perto de Nova Iorque. A foto aérea, de Harry Trask, proporcionou a este o Prémio Pulitzer